



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

LILIAM KEIDE ARNHOLD DE AZEVEDO

**A HETEROGENEIDADE DO *HUNSRÜCKISCH* EM SALVADOR
DO SUL: Formas de Discursivização e Políticas Linguísticas**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Florianópolis
2016**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Liliam Keide Arnhold de Azevedo

**A HETEROGENEIDADE DO *HUNSRÜCKISCH* EM SALVADOR
DO SUL: Formas de Discursivização e Políticas Linguísticas**

Dissertação de Mestrado submetida
ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade de
Santa Catarina para a obtenção do
Grau de Mestra em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Cristine Görski Severo.

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Azevedo, Liliam Keide Arnhold de

A heterogeneidade do Hunsruckisch em Salvador do Sul :
Formas de discursivização e políticas linguísticas / Liliam
Keide Arnhold de Azevedo ; orientadora, Cristine Gorski
Severo - Florianópolis, SC, 2016.

147 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, . Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

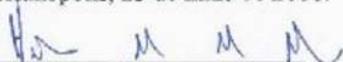
1. Linguística. 2. Salvado do Sul. 3. Nacionalismo. 4.
Imigração alemã. 5. Multilinguismo. I. Severo, Cristine
Gorski. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Liliam Keide Arnhold de Azevedo

**A HETEROGENEIDADE DO HUNSRÜCKISCH EM SALVADOR
DO SUL: FORMAS DE DISCURSIVIZAÇÃO E POLÍTICAS
LINGUÍSTICAS**

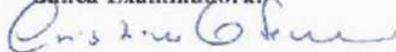
Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 23 de maio de 2016.



Prof. Dr. Heronides Maurilio de Melo Moura
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Cristine Görski Severo
Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dr. Edair Maria Görski
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dr. João Kling
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dr. Leandra Cristina de Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina

À minha família

AGRADECIMENTOS

Meu maior e mais especial agradecimento à minha família, cujos nomes e ações não caberiam nesta folha, por ter me dado coragem e persistência para que meus sonhos não ficassem apenas no papel.

Ao meu marido Daniel, por acreditar na minha capacidade e me incentivar durante todo o mestrado, aos meus filhos Thiago e Pedro que foram meu grande apoio e por estarem sempre ao meu lado, compartilhando TODAS as fases da minha dissertação.

Em memória e com muito carinho agradeço aos meus avós, Celeste Ernesto da Silva, Diva dos Santos Silva e Jorge Arnhold, por terem me incentivado a estudar e a continuar, sempre! A eles meu eterno e sincero agradecimento.

Ao meu irmão, Anderson, e minha irmã Jamile, por incontáveis horas de escuta atenta sobre todos assuntos, autores e percalços dessa etapa.

A minha mãe, Sonia, por acreditar incondicionalmente que, ao fim, tudo dará certo!

A todos os meus amigos, que tornaram minha vida acadêmica mais divertida e leve.

A minha orientadora, professora Cristine Gorski Severo, que gentilmente e pacientemente me orientou com segurança em uma área tão abrangente das políticas linguísticas, e que sem dúvida é minha motivação inspiradora.

A Juliana de Abreu e Monica pela incondicional ajuda já desde a graduação sob as mais diversas condições e prazos.

Aos professores, Profa. Dra. Edair Maria Görski, Profa. Dra. Leandra Cristina de Oliveira e Prof. Dr. João Klug, por terem aceitado o convite de fazer parte da minha banca.

Ao professor Paulo César Maltzahn, pelas leituras feitas dos meus trabalhos (graduação e mestrado), pela paciência, pelas ideias e pela generosidade.

Gostaria ainda de agradecer à coordenadora do projeto *Hunsrik*, Solange Maria Hamester Johann, pela disponibilidade e interesse neste trabalho, contribuindo para o resumo em *Hunsrik*.

Meu especial agradecimento também a todos os participantes desta pesquisa que gentilmente abriram as suas portas e compartilharam suas vidas para que esta pesquisa fosse realizada.

Finalmente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos de mestrado.

*Não importa a perfeição com a qual
podemos realizar aquilo que deve
provir da vontade, mas sim que seja
uma vez realizado o que deve surgir
aqui na vida, mesmo se ainda surja
imperfeito, de modo que um começo
seja feito!*

Rudolf Steiner HH98

AZEVEDO, Liliam Keide Arnhold de. **A heterogeneidade do *Hunsrückisch* em Salvador do Sul**: formas de discursivização e políticas linguísticas. Florianópolis, SC, 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2016.

RESUMO

A vinda dos imigrantes alemães para sul do Brasil perpassa um panorama de tensão e confrontos derivado de um quadro de instabilidades econômicas e políticas que marcaram a Europa do início do século XIX. Diante desse cenário fragmentado e plurilíngue, procuramos traçar um panorama que possa favorecer a compreensão sobre a dinâmica linguística que fundamentou a imigração para o Rio Grande do Sul, e no caso desta pesquisa em particular, para Salvador do Sul- RS. Diante desse contingente de diferentes condições e experiências, é possível afirmar que as diferenças econômicas, culturais e linguísticas entre os imigrantes possibilitaram a emergência de grupos heterogêneos na Alemanha e, também, no Brasil. Considerando essas questões de cunho identitário, cultural e histórico, torna-se necessário, no contexto atual de proliferação de políticas linguísticas de oficialização da língua alemã no Brasil, rever o conceito de língua veiculado por tais políticas. Logo, considerar o processo de oficialização de uma língua como pretexto para a proteção de uma dada cultura “germânica” implica não apenas tematizar aspectos históricos, culturais e identitários, mas considerar as relações de poder que perpassam aquela construção. Defendemos, portanto, que os discursos e as práticas de preservação das línguas minoritárias, bem como as políticas de intervenção pró multi/pluri/bilinguismo, devem estar ancoradas nos interesses e histórias dos sujeitos e das comunidades que são alvo dessas intervenções. O presente trabalho utilizou a entrevista e a análise documental, abordagens de cunho qualitativo em pesquisas etnográficas.

Palavras-chave: Salvador do Sul; nacionalismo; imigração alemã; oficialização; multilinguismo.

AZEVEDO, Liliam Keide Arnhold de. **A heterogeneidade do Hunsrückisch em Salvador do Sul**: formas de discursivização e políticas linguísticas. Florianópolis, SC, 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2016.

SAMERFASUNG

Te aankhom fon te taytze (**xermaanixe**) inwanerer im siit Brasil fiert torich en runt plik fon xpanung un konfrontatsioon woo apkelaytert is fom ekonomixe un politixe instapiliteete raum woo im 19^oyoerhunert Europa markiert hot. Foer tēm frakmenteyerte un meer xproochicher senaario, fersuuche meyer en iwer plik xtrayche woo te ferxtēntnis ferpesere khan iwer ti linkwistik tynamik, woo te mikratsioon protses noo em xtaat Rio Grande do Sul funtamenteyert hot, un im fal fon tēm xpetsiaale xtutium, noo Salvador do Sul-RS. Foer tēm kontinjēt fon ferxiitene kontitsioone un erleepnise, is es meechlich saan tas ti ekonomixe, kulturaale un linkwistixe unerxiite tswixe te mikrante heterojeene krupe in Taytxlant kepilt hon un, kraat soo, aach im Brasil. Wēn mer itentiteete, kulturaale un historixe weyerte in frooe xtēlt, im aktuaale fermeerung(proliferação=majoração) kontekst fon te xprooche politik ko-ofitsialiseerung fon te taytze (**xermaanixe**) xprooche im Brasil, is es nootwēnich noo hoole ore witer xtuteere te konsept fon xprooch woo soliche politike foer pringe. Soo, ti anerkhēnung fom protses fer ti ofitsialiseerung fon en xprooch als uersach fer ti xitsung fon en selich “xermaanix“ kultur, petayt net ploos historixe, kulturaale ore itentiteete aspēkte thematiseere, awer mit acht xtuteere ti macht ferpintunge woo tas ales ufkepaut hon. Meyer tefenteere, tesweche, tas ti reete un ti praksis fer ti minterhayte xprooche preserweerung soo wii ti interwentsioons politik pro multi/pluri/tswaayxproochichkheet, mise sayn anker hon am interese un kexichte fon te mēnxen un kemaynte woo fon tee interwentsioone te thema sin. Tee xtutium hot ti interview un tokumente analyse, mit aansatse fon kwalitatiif natuer fon ethnokrafixe forxunge aankewēt.

Xlisl-Wörter: Siit Salvador, natsionalismus, taytx(**xermaanix**) inwanerung, ko-ofitsialiseerung

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa da Europa Central – Confederação Alemã (1815-1866).....	44
Figura 2 - As oscilações da fronteira meridional do Brasil.	60
Figura 3 - Terras particulares do Caí.....	65
Figura 4 - Municípios do Vale do Caí.....	69
Figura 5 - Capa do livro	71
Figura 6 - Estado da Renânia-Palatinado	80
Figura 7 - Panfleto da Festur	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Corpus da pesquisa	36
Quadro 2 - Abreviação do grau de escolaridade	94
Quadro 3 - Distribuição das profissões de acordo com grau de escolaridade.....	95
Quadro 4 - Usos do Alemão em diferentes contextos e para diferentes finalidades discursivas.....	101
Quadro 5 - Lista de municípios e línguas co-oficializadas.....	105

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa Etária dos participantes	93
Gráfico 2 - Escolaridade dos participantes	94
Gráfico 3 - Escolaridade/Faixa Etária dos participantes	96
Gráfico 4 - Designações das Línguas	98
Gráfico 5 - Contextos de uso da Língua.....	99

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- PHA – Contribuição ao desenvolvimento de uma ortografia da
língua *Hunsrik* falada na América do Sul
- PHB – Fundamentos para uma escrita do *Hunsrückisch* no Brasil
- SC – Superior completo
- SI – Superior incompleto
- MC – Médio completo
- MI – Médio incompleto
- FC – Fundamental completo
- FI – Fundamental incompleto
- G1 – Grupo etário 1 (de 10 a 29 anos)
- G2 – Grupo etário 2 (de 10 a 29 anos)
- G3 – Grupo etário 3 (de 55 a 69 anos)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	25
CAPÍTULO 1 - QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA PESQUISA	29
CAPÍTULO 2 - O PROCESSO MIGRATÓRIO E HISTÓRICO EM SALVADOR DO SUL	39
2.1 A ALEMANHA NO PERÍODO DA PRIMEIRA FASE MIGRATÓRIO.....	42
2.2 O RIO GRANDE DO SUL E SUAS ETNIAS.....	55
2.2.1 A fronteira meridional	59
2.3 ASPECTOS HISTÓRICO-LINGUÍSTICOS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO MUNICÍPIO DE SALVADOR DO SUL.....	62
CAPÍTULO 3 - AS LÍNGUAS FALADAS PELOS PRIMEIROS IMIGRANTES	75
3.1 DELINEANDO AS FASES DA GERAÇÃO DE DADOS.....	75
3.2 <i>HUNSRÜCK</i> , DO LUGAR À LÍNGUA.....	79
3.3 AS LÍNGUAS FALADAS EM SALVADOR DO SUL.....	91
3.3.1 O perfil dos participantes	92
3.4 SALVADOR DO SUL E SUAS LÍNGUAS.....	97
CAPÍTULO 4 - AS POLÍTICAS DE CO-OFICIALIZAÇÃO	105
4.1 PANORAMA GERAL DAS CO-OFICIALIZAÇÕES.....	105
4.2 SANTA MARIA DO HERVAL E A OPÇÃO POR NÃO CO-OFICIALIZAÇÃO.....	107
4.2 O QUE SE OFICIALIZOU EM ANTONIO CARLOS – SC?.....	110
4.3 <i>HUNSRÜCKISCH</i> VS. <i>HUNSRİK</i> : PROPOSTAS PARA UMA ESCRITA.....	116
4.4 <i>DIE QUAL DER WAHL</i>	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	129
ANEXO A: Questionário para coleta de dados.....	139
ANEXO B: Pesquisa online.....	142
ANEXO C: Lei de co-oficialização do alemão em Pomerode.....	144
ANEXO D: Decreto de Santa Maria do Herval.....	145
ANEXO E: Release do Projeto Hunsrik.....	146
ANEXO F: Lei de co-oficialização do Hunsrückisch em Antônio Carlos, versão reduzida.....	147

INTRODUÇÃO

*“O que nos move não são fatos ou datas,
mas sim histórias e sentimentos e
especialmente outras pessoas!”
Prof. Dr. Manfred Spitzer¹*

Quando criança, a língua alemã foi para mim a “língua das férias”, aquela falada por poucos mais velhos da família, e por mim ouvida apenas no período de recesso escolar. Por não pertencer a esse pequeno grupo familiar, de falantes de alemão, a língua alemã foi durante um longo período algo entranho, distante e incompreensível. Contudo, já reconhecia algumas diferenças de cunho cultural, como os ovos cozidos que recebíamos na páscoa, o *Nicolaus* e até mesmo a oração antes das refeições.

Por toda a minha infância, a imagem que tive da Alemanha foram os jardins organizados da minha cidade natal, Salvador do Sul no estado do Rio Grande do Sul, os *Päckchen* de natal, o *Nicolaus*, e os ovos cozidos de páscoa, assim como o grande entusiasmo de passar as férias ao ar livre. O responsável por tudo isso era o meu avô, que, para mim e meus primos, amarrava balanços nos galhos mais altos das árvores, armava cabanas de índio, preparava escorregadores de água, e outras inúmeras doces lembranças das férias que passava com meus avós.

No ano de 1997, a possibilidade de passar um ano na Alemanha, como *Au-pair Mädchen*², fez renascer o entusiasmo das lembranças da minha infância. No início da minha estadia, o pouco conhecimento da língua foi sem dúvida uma grande barreira para a compreensão dos costumes e da cultura alemã. Com o passar do tempo, quanto mais eu aprendia a língua, através da convivência diária e das práticas locais, mais compreendia a cultura e a mentalidade alemã. De volta ao Brasil senti na própria pele a “dicotomia e os problemas de compreensão que trazem consigo o choque entre a própria e uma outra cultura [...]”³ (HELBIG; GRUYTER, 1980a, p. 20).

¹ Transferzentrum für Neurowissenschaften und Lernen, Universität Ulm.

² *Au-pair Mädchen* é um tipo de intercâmbio onde o/a jovem estrangeiro (a) é alojado por uma família nativa, com o objetivo principal de aprimorar os conhecimentos da língua do país receptor.

³ Tradução minha. No original: [...] die Dichotomie „Fremdkultur“ vs. „Eigenkultur“, die damit verbundene Verstehensproblematik [...].

Partindo do lugar do qual as minhas vivências me fazem contemplar essas questões, a motivação desta pesquisa partiu das vivências pessoais dessa pesquisadora. A difícil resposta aos questionamentos sobre me sentir mais alemã ou brasileira trouxe as primeiras reflexões sobre cultura, identidade e língua. Diante da tensão que sugere o choque entre culturas, o sujeito culturalmente situado “[...] não pode ser percebido como o único todo concreto, preenchido pela diversidade de qualidade da existência, [...], pois a percepção efetiva de um todo concreto pressupõe o lugar plenamente definido do contemplador.” (BAKHTIN, 2011, p. 22).

Foi, portanto, a experiência de contato com outra cultura, através do aprendizado de uma nova língua, que tem me motivado a um olhar mais atento às questões linguísticas. Ao aprender alemão nunca me preocupei com as temáticas culturais, pois, para mim, parecia natural que a língua estivesse atrelada à cultura, e natural que o uso dela estivesse ligado ao cotidiano. Por isso, na minha compreensão, o seu uso não poderia estar dissociado do contexto cultural. Afinal, cultura e língua eram para mim elementos indissociáveis. Nesta dissertação, contudo, problematiza-se essa naturalização ao colocar em questão como se dá o processo histórico de construção da ideia de nação vinculada à língua.

Apesar da motivação pessoal, as questões e objetivos elencados para esta pesquisa mostram sua relevância social, quando nos aproximamos do ambiente de pesquisa e percebemos como as práticas sociais, que fazem parte da realidade dos sujeitos, têm efeitos sobre a língua; práticas essas que, por sua vez, constituem os sujeitos em relação. Logo, o sujeito tomado em seu contexto cultural, na sua singularidade, perpassa suas línguas, seus discursos, suas visões de mundo e identidades que entram em contato. Quando as identidades são tomadas apenas pelo viés linguístico (língua como forma de expressão de uma identidade), há o perigo iminente de se tornarem um instrumento de manipulação política e econômica.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo, *Questões teóricas e metodológicas da pesquisa*, aborda os principais pressupostos teóricos que fundamentam o estudo, incluindo a definição de alguns conceitos centrais, como língua, e tradição. Outro conceito norteador desta pesquisa é a noção de comunidade imaginada, como uma construção politicamente inventada. Este capítulo serve de suporte teórico onde se encontram os principais eixos norteadores da pesquisa, além do objetivo geral e dos específicos, o *corpus* da pesquisa e a metodologia.

No segundo capítulo, *O processo migratório e histórico em Salvador do Sul*, procura-se traçar um breve panorama sócio-político da Alemanha no período que antecede a vinda dos primeiros imigrantes, bem como apresentar algumas reflexões sobre o processo de construção da ideia de nação no final do século XVIII. Este capítulo não visa abordar um detalhamento histórico, mas servir de suporte para entendermos como esse contingente de diferenças econômicas, culturais e linguísticas entre os imigrantes formou grupos heterogêneos na Alemanha e, também, no Brasil.

No terceiro capítulo, *As línguas faladas pelos primeiros imigrantes*, procuramos descrever metodologicamente as fases de levantamento de dados dessa pesquisa ao longo do mestrado. Além disso, contextualizamos o município de Salvador do Sul, enfatizando o processo imigratório e histórico nessa comunidade. Procuramos, enfim, entender a dinâmica entre a nomeação *in vivo* dada pelos moradores às línguas e as definições cunhadas pelos pesquisadores da área, buscando estabelecer uma relação entre a ideia de Estado Nacional e a construção de “comunidade” no Brasil que possibilitou a emergência da ideia de germanidade como recurso simbólico usado por diferentes grupos de interesse e *status*.

No quarto capítulo, *As políticas de co-oficialização*, procuramos traçar um breve panorama geral das co-oficializações no Brasil. Em seguida, analisamos e problematizamos as co-oficializações do *Hunsrückisch* no município de Santa Maria do Herval, no estado do Rio Grande do Sul, e no município catarinense de Antônio Carlos, quanto à viabilidade das propostas previstas nas leis de co-oficialização. Por fim, traçamos uma breve análise das propostas de escrita para o *Hunsrik/Hunsrückisch* quanto a sua relevância social.

Por fim, elaboramos algumas considerações acerca da emergência dos discursos de germanidade vinculados aos acontecimentos de cunho político-econômico e social que acarretaram a onda de imigrações europeias ao longo do século XIX. A reflexão acerca do nascimento do Estado Nacional alemão faz parte de um longo processo que acomoda diferentes línguas, locais e contextos e não pode, dessa forma, ser encapsulada num único evento. Consideramos, portanto, que a língua, a identidade e a tradição não são estanques, mas relativamente variáveis e, portanto, frutos de um processo contínuo de negociação, identificação e diferenciação.

CAPÍTULO 1

QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA PESQUISA

A presente pesquisa desenvolve-se no âmbito dos estudos em Política Linguística e tem como objetivo geral: Analisar o pluridiscorso em Salvador do Sul, com enfoque na “língua alemã”.

Para tanto, serão considerados os seguintes objetivos específicos:

- (i) definir e problematizar o conceito de “língua alemã” em Salvador do Sul;
- (ii) contextualizar a presença da “língua alemã” em Salvador do Sul em relação à história de imigração;
- (iii) descrever e analisar as formas contemporâneas de língua alemã em Salvador do Sul;
- (iv) problematizar as políticas linguísticas de “língua alemã” considerando as políticas de co-oficialização.

Um conceito importante para o objetivo central desta dissertação é a noção de tradição. Segundo Hall (2006), a tradição é um conjunto de práticas que, apesar de parecerem ou se alegarem antigas, são, na maioria das vezes, além de recentes, inventadas. Na mesma linha de reflexão, Hobsbawm (1984, p. 9) propõe que a tradição tomada como uma invenção é um termo complexo, pois

[...] inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisa de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez.

Logo, o autor nos revela que por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica, normalmente reguladas por regras não claramente definidas que por sua vez visam encobrir certos valores e normas através da repetição. Essas práticas nem sempre são amplamente aceitas, e procuram estabelecer uma suposta continuidade com o um dado passado histórico, vínculo que se torna artificial uma vez que as tradições,

[...] são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a “invenção da tradição” um assunto tão interessante para os estudiosos da história contemporânea. (HOBSBAWM, 1984, p. 10).

Nesta pesquisa, a tradição germânica será vista em relação aos discursos de “retomada” de um dado passado, especialmente linguístico, e a sua reinvenção na chave de um contexto local. Ou seja, consideramos que os discursos sobre o percurso histórico da língua alemã instauram uma narrativa que busca legitimar uma dada ideia de tradição linguística.

Outro conceito norteador deste trabalho é o de língua⁴ que, sob a ótica bakhtiniana (2010 [1979]), pode ser concebida como o ato de enunciar-se, meio privilegiado da comunicação na vida cotidiana de indivíduos socialmente organizados. Diante de considerações dessa natureza, entende-se que é ideologicamente construída na cadeia discursiva de seus falantes, logo o enunciado não tem origem em um único sujeito, e sim no simpósio de vozes (enunciados) que constituem a cadeia discursiva ideológica do momento histórico do qual fazemos parte. A língua compreende, portanto, discurso e estrutura, não podendo ser vista de forma fragmentada ou estática, mas sim de forma contextualizada, historicizada e variável.

Tomar a língua nos preceitos bakhtinianos é entendê-la como fenômeno amplo em sua convergência com o contexto sócio-histórico-cultural e “objeto fundamental do estudo das ideologias” (BAKHTIN, 2010 [1979], p. 36), o que transcende o entendimento da língua como unidade e sistema homogêneo, ancorada na concepção de hegemonia linguística, de língua unitária. Nas palavras de Bakhtin:

⁴ Não se fará, nesta pesquisa, distinção entre língua/linguagem, pois se entende que sob a lógica da área essa discussão é irrelevante, e toma os termos como sinônimos, salvo distinções feitas pelos próprios autores.

Tomamos a língua não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma língua *ideologicamente saturada*, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um *maximum* de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica” (BAKHTIN 2014, p. 81 grifos no original).

As implicações de assumir a língua com tais contornos discursivos justificam a premência de se pensar os sujeitos nessa relação. Pensar a língua como processo, evento e indeterminação suprime a ideia de discursivização da língua como produto a ser “consumido” como signo identitário. A língua, quando tomada como produto, por processos de objetificação, figura como um poderoso instrumento de manipulação por políticas linguísticas que contribuem para a imposição de uma língua ou do seu silenciamento. São conhecidos alguns instrumentos de domesticação dos sujeitos por políticas de homogeneização da língua. Refiro-me aqui aos processos que ao longo da história contribuíram para o apagamento do plurilinguismo. Só para citar alguns exemplos, dentre os inúmeros cenários, ora de imposição, ora de silenciamento das línguas, tem-se o processo de standardização de uma única língua como oficial em contexto dos estados-nacionais europeus, e a consequente subjugação das demais, como no caso da Alemanha e da Itália. Mencionam-se também as políticas de silenciamento impostas no Brasil aos imigrantes alemães, italianos e japoneses, durante o governo Vargas.

Esta pesquisa considera que a ideia de língua única e homogênea é politicamente construída, fruto de relações de poder que são historicamente construídas. Na perspectiva bakhtiniana de língua, trata-se de considerar o plurilinguismo como constitutivo da dinâmica social. Esse plurilinguismo, contudo, não se restringe à diversidade linguística, mas inclui a diversidade discursiva, conforme nos revela Bakhtin (2014, p. 82, grifos no original):

As forças centrípetas da vida linguística, encarnadas numa língua “comum” atuam no meio do plurilinguismo real. [...] Em cada momento da sua formação a linguagem diferencia-se não apenas em dialetos linguísticos [...], mas, o que é essencial, em línguas sócio-ideológicas; sócio

grupais, “profissionais”, de “gêneros”, de gerações, etc.

Diante disso, a pluralidade linguística não necessariamente implica pluralidade discursiva. Ou seja, na contramão de uma perspectiva romântica, considera-se que a dimensão discursiva das línguas – referente ao processo de produção dos sentidos – não espelha a sua dimensão estrutural. Ou seja, uma mesma língua pode carregar diferentes visões de mundo e, por outro lado, diferentes línguas podem veicular uma mesma visão de mundo. Isso significa que a relação entre estrutura e significado discursivo não é biunívoca.

Logo, nenhum olhar é desprovido do seu tempo histórico, da(s) sua(s) cultura(s) e da sociedade, e, dessa forma, não é imparcial. Essa realidade, contudo, não exclui “o movimento pelo qual, não sem esforços, hesitações, sonhos e ilusões, nos separamos daquilo que é adquirido como verdadeiro, e buscamos outras regras do jogo” (FOUCAULT, 2005a apud SEVERO, 2007, p. 13).

Um conceito central para o entendimento da formação dos Estados-Nacionais discutidos neste trabalho é a noção de comunidade imaginada desenvolvida por Benedict Anderson (2008). Ancorado em um espírito antropológico, como o autor assim o designa, Anderson (2008, p. 32) define nação como uma “[...] comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”. Uma vez limitadas, essas comunidades não se diferenciam pela sua extensão ou autenticidade, mas “pelo estilo em que são imaginadas.” (ANDERSON, 2008, p. 33). O autor sugere, ainda, o entendimento do nacionalismo na chave de grandes sistemas culturais como a comunidade religiosa e o reino dinástico. Ambos, segundo Anderson (2008), seriam elementos chaves na constituição dos nacionalismos.

Os discursos e ações referentes à formação dos Estados Nacionais, como a Alemanha, por exemplo, reverberaram no Brasil a partir do século XIX. Apesar do recorte cronológico estabelecido no capítulo 2 desta dissertação, uma breve discussão sobre as ideias de nação e nacionalismo alemão se tornam importantes para entendermos a discursivização da língua vinculada à ideia de nação trazida pelos imigrantes após a unificação da Alemanha.

Há na literatura brasileira que se dedica aos estudos sobre germanidade pesquisas que versam sobre a identidade germânica no sul do Brasil (SEYFERTH, 1999, 2000; GERTZ, 1991, 2002; GRÜTZMANN, 1999; MAGALHÃES, 1998). A germanidade

(*Deutschtum/Volkstum*) é uma das categorias centrais do germanismo, corrente de pensamento que se difundiu no Brasil a partir do século XIX e durante as primeiras quatro décadas do século XX (ARENDDT, 2006, p. 107).

Segundo Seyferth (1982b apud ARENDT, 2006, p. 107), o germanismo vai se difundir no Rio Grande do Sul a partir do final do século XIX, e expressa uma ideologia de caráter etnocêntrico, incorporada à “ideologia nacional alemã formulada no início do século XIX”, cuja premissa básica consiste em que “[...] o povo alemão não precisa estar ligado a um território específico ou a um Estado para constituir uma nação. ” A nação é, portanto, concebida como um fenômeno étnico e cultural; uma cidadania não-alemã não constitui, então, obstáculo à fidelidade nacional de um indivíduo de origem teuta. Contudo, é preciso realçar que a própria definição de germanidade não apresenta unanimidade entre os autores, sendo tomada ora sob aspectos biológicos e linguísticos, ora aludindo a sentimentos de pertença. Tal oscilação conceitual é sintoma de que as tradições são tanto inventadas como ressignificadas, conforme Hall (2006) e Hobsbawm (1984).

Para pensarmos a relação entre tradição e germanidade, podemos nos inspirar em Hall (2006) e na sua proposição de que as culturas nacionais não são compostas apenas de instituições culturais. Segundo o autor, “o discurso da cultura nacional [...] constrói identidades que são colocadas de modo ambíguo entre passado e futuro.” (HALL, 2006, p. 56). Entende-se que discorrer sobre os processos que constroem a ideia de germanidade perpassa os acontecimentos históricos do passado, que em cada período imigratório, (re) cria os elementos que definem uma identidade germânica. Ou, como diria Immanuel Wallerstein (1984 apud HALL 2006, p. 57, grifos do autor), “os nacionalismos do mundo moderno são a expressão ambígua [de um desejo] por... assimilação no universal... e, simultaneamente, por... adesão ao particular, *a reinvenção das diferenças*.” A ideia de nação será discutida especialmente em relação aos acontecimentos de cunho social e político, alguns até mesmo anteriores à primeira fase migratória, mas que também favoreceram o surgimento do nacionalismo alemão. Diante disso, considera-se importante ressaltar que as diferentes discursividades sobre a língua alemã emergem de condições sociais, políticas e econômicas específicas, ao longo da história de imigração alemã no sul do Brasil.

Considerando essas questões de cunho nacional, torna-se necessário, no contexto atual de proliferação de políticas linguísticas de co-oficialização das línguas germânicas no Brasil, como os casos do *Hunsrückisch* em Antônio Carlos - SC e do *Hunsrik* em Santa Maria do

Herval – RS, rever o conceito de língua veiculado por tais políticas. Defendemos que os discursos e práticas de preservação das línguas minoritárias, bem como as políticas de intervenção pró multi/pluri/bilinguismo, devem estar ancoradas nos interesses e histórias dos sujeitos e das comunidades que são alvo dessas intervenções. Logo, considerar o processo de oficialização de uma língua como pretexto para a proteção de uma dada cultura “germânica” implica não apenas tematizar aspectos históricos, culturais e identitários, mas considerar as relações de poder que perpassam aquela construção. Isso significa que as políticas linguísticas que desconsideram o percurso histórico das identidades e das línguas produzem e reforçam estereótipos que, em nome da preservação da diversidade, podem produzir efeitos contrários.

Em vista disso, a intenção desta pesquisa é explicitar a existência das instâncias de poder que agrupam sentidos para produzir identidades, classificando os sujeitos a partir de certas “marcas simbólicas” (como a língua) para efeito de diferenciação social e racial (HALL, 2006, p. 63). No contexto desta pesquisa, nos alinhamos ao pensamento foucaultiano para quem “o poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia.” (FOUCAULT, 2014, p. 284). Considerando essa dinâmica complexa do poder, a dissertação enfoca fases históricas de imigração que fomentaram diferentes relações de poder, fazendo emergir diferentes discursividades sobre a língua alemão no Brasil.

Metodologicamente, esta pesquisa compreende tanto levantamento bibliográfico para contextualização histórica, como a construção de um corpus que engloba discursos contemporâneos oficiais e não oficiais sobre a língua “alemã” em Salvador do Sul. Tal corpus compreende produções linguísticas orais e escritas. Por um lado, para a modalidade escrita, consideram-se: jornais impressos (*Fato Novo*⁵, *QTal*⁶ e o local *Expressão Regional*⁷), e panfletos e cartazes comerciais e culturais redigidos em língua alemã e que eventualmente façam parte do cotidiano dos sujeitos. Serão levados em conta, ainda, o sítio da Santur (Secretaria de Turismo do estado do Rio Grande do Sul), o sítio da

⁵ Disponível em: <<http://www.fatonovo.com.br/noticias-salvador-do-sul-rs.php>>.

⁶ Disponível em: <<http://www.jornalqtaifatonovo.com.br/>noticias-salvador-do-sul-rs.php>>

⁷ O jornal *Expressão Regional* circula ininterruptamente há 29 anos. Circula em Salvador do Sul, São Pedro da Serra, São José do Sul, Barão, entre outros. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Jornal-Express%C3%A3o-Regional/330350003658976?sk=info&tab=page_info>.

prefeitura do município, além do blog acessado que se destacou pela seleção de imagens e por apresentar um panorama histórico da fundação dos municípios da região, construindo um discurso verbo-visual das imigrações da região. O blog é conhecido como: *Histórias do Vale do Cai*⁸. Consideramos, também, a *Revista nos trilhos da história – A evolução de uma terra e sua gente*, de 2013, que comemora os 100 anos de imigração alemã no município.

A modalidade oral do corpus compreende programas em língua alemã da rádio municipal Nova Salvador FM 87,5⁹, documentários sobre a imigração no município, entrevistas – feitas em português e alemão – com pessoas de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade da cidade de Salvador do Sul. Além disso, serão consideradas festividades locais, como a Festur, o Festival do Ovo e as *Kerbs*. O quadro a seguir sistematiza o corpus da pesquisa em relação às modalidades escritas e orais:

⁸ Disponível em: <<http://historiasvalecai.blogspot.com.br/>>

⁹ Disponível em: <<http://www.radionovasalvadorfm.com.br/>>

Quadro 1 - Corpus da pesquisa

CORPUS DA PESQUISA: ESFERAS SÓCIO-IDEOLÓGICA-COMUNICATIVAS	
Discursos governamentais	
Jornalísticos	Fato Novo
	Qtal
	Expressão Regional
Blog	Histórias do Vale do Caí
Revista	<i>Revista nos trilhos da história - A evolução de uma terra e sua gente</i>
Radio	Nova Salvador FM 87.5
Documentários	
Entrevistas	
Conversas cotidianas	
Festividades locais	

Fonte: Geração de dados da autora

Dessa forma, a metodologia desta pesquisa partirá de três etapas: O levantamento bibliográfico de cunho historiográfico, já exposto anteriormente, configura uma primeira etapa deste trabalho, que será complementado por outras duas etapas. Ressalta-se que essas três etapas metodológicas constituirão as análises e apresentações feitas no decorrer das três fases históricas migratórias. Conforme já explicitado, o levantamento histórico – embora não seja o foco central da pesquisa – é importante para compreendermos a heterogeneidade de discursos que envolvem a língua alemã.

Na segunda etapa metodológica realizaremos a coleta de dados por meio de uma experiência etnográfica de observação, anotação de campo e realização de entrevistas. A importância dessa abordagem é que “esse tipo de coleta tem a vantagem de situar o pesquisador sob determinados aspectos da realidade.” (BONI; QUARESMA, 2005, p.71).

Nesse sentido, a abordagem de coleta de dados incluirá a “observação assistemática, onde o pesquisador procura recolher e registrar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos especiais, ou seja, sem planejamento ou controle” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 71). Ainda com relação às entrevistas, o principal objetivo será a obtenção de dados subjetivos relacionados aos valores, atitudes e às opiniões sobre germanidade e língua dos sujeitos entrevistados. Cabe, ainda, acrescentarmos que optamos por gerar nomes fictícios para os participantes ao longo desta pesquisa, com o objetivo de garantir a manutenção do anonimato e da privacidade dos participantes, durante todas as fases deste trabalho. As fases de levantamento de dados ao longo do mestrado serão expostas detalhadamente no subcapítulo 3.1.

Chama-se, ainda, a atenção para vivências que poderão colaborar para a análise desta pesquisa. Vale ressaltar que sou de descendência alemã e procedente do município de Salvador do Sul, onde vivi até os dois anos de idade, e onde ainda hoje vive parte da minha família. Algumas das fontes escritas descritas nesta pesquisa contribuíram para que pudéssemos entender a dinâmica das línguas no município. Algumas, apesar de não citadas diretamente no texto, foram fundamentais para conduzir as pesquisas, servindo de fonte de inspiração e estabelecendo contatos entre a pesquisadora e o seu *locus* de análise.

A vinda dos imigrantes alemães para sul do Brasil perpassa um panorama de tensão e confrontos, derivado de um quadro de instabilidades econômicas e políticas que marcaram a Europa do início do século XIX. Dessa forma, procurou-se delinear o caminho feito pelos imigrantes que aportaram no Rio Grande do Sul em 1824. Com isso, objetivamos traçar um panorama que possa favorecer a compreensão sobre a dinâmica étnica, linguística e geográfica que fundamentou o processo migratório para o Rio Grande do Sul e, no caso desta pesquisa em particular, para Salvador do Sul.

CAPÍTULO 2

O PROCESSO MIGRATÓRIO E HISTÓRICO EM SALVADOR DO SUL

A crise econômica que assolava a Europa no século XIX acarretou um processo migratório sem precedentes na história europeia. O quadro de instabilidade política e econômica europeu, aliado aos conflitos religiosos e políticos, fez com que muitas pessoas deixassem seu país em busca de uma nova vida. Muitos partiram e, na maioria das vezes, sem perspectiva de retorno, levando consigo, em grande parte, não mais que a esperança de uma vida melhor, suas histórias e sua língua.

Segundo Magalhães (1998, p. 19), “durante todo o século XIX, cerca de 57 milhões de europeus deixaram suas terras e se estabeleceram nas Américas com o intento de aí permanecerem e constituírem um novo espaço de sobrevivência”. Esses primeiros habitantes se dedicaram predominantemente ao trabalho na lavoura, em grande parte também porque essa condição de agricultores foi esperada dos imigrantes pela elite brasileira que se preocupou em ocupar os vazios demográficos, justamente com colonos pequenos produtores (SEYFERTH, 1994). Apesar disso, seria errôneo imaginar que se tratava apenas de trabalhadores rurais, principalmente se considerarmos todo o século XIX, período das grandes imigrações. A respeito disso, Magalhães destaca que os fluxos migratórios trouxeram também

Camponeses e artífices, trabalhadores assalariados e intelectuais, discriminados por razões políticas ou religiosas, foram levados para o “Novo Mundo”, reiniciando suas próprias histórias de vida e inaugurando um novo capítulo da história social. (MAGALHÃES, 1998, p. 19).

Os primeiros imigrantes alemães¹⁰ chegaram a Salvador do Sul em 1840, momento que coincide com o primeiro período das grandes

¹⁰ O termo “alemães e/ou Alemanha” serão utilizados de forma genérica com o objetivo de facilitar a fluidez da leitura ao longo desta pesquisa. Os termos serão utilizados para

imigrações. A noção de fluxo ou onda migratória é empregada pela historiografia¹¹ que, sob a perspectiva de diversos autores, categoriza a vinda de imigrantes em três grandes ondas migratórias ao longo do século XIX. O recorte cronológico, sob o qual a historiografia demarca essas fases, procurou delimitar os aspectos demográficos que quantificaram o fluxo de pessoas que aportaram em diferentes regiões do Brasil.

A discussão que se empreende neste capítulo exige um registro inicial mais específico sobre as fases da imigração alemã. Segundo Roche (1969, p. 94),

A História administrativa da colonização não deixou de sofrer a influência da História política e divide-se, como a do Brasil, em duas grandes fases: uma vai do começo da colonização até a queda do Império, a outra corresponde à República.

Considerando outra perspectiva historiográfica, para Klug (1994) a emigração alemã se divide em três grandes fases, cada qual subdividida em períodos. A primeira compreende o período de 1815 a 1865; a segunda, de 1865 a 1895; e, por fim, a terceira vai do ano de 1895 a 1914. Mais especificamente sobre a primeira fase, Magalhães (1998) delimita esse momento com a chegada “dos assim chamados 1848er¹²: eram os *Kinder* (filhos de 1848), os homens do *Märztage* (dos dias de março), ou, mais popularmente, os *Brummers*”¹³ (MAGALHÃES, 1998, p. 26). Para Magalhães, a segunda fase vincula-se à ideia de nação a partir de 1870. Ainda que a terceira fase migratória não seja delimitada por todos os autores, o período a partir da década de 1980 é apontado como um “*revivel* da etnia alemã” (MALTZAHN,

designar um espaço e/ou conjunto de pessoas oriundas de um território, que apesar de hoje pertencerem à Alemanha, só passaram a ser denominadas como tal a partir da unificação da Alemanha em 1871.

¹¹ Em ordem cronológica: Roche (1946), Klug (1994), Magalhães (1998), Maltzahn (2011).

¹² Os *1848er* se referem aos que emigraram em decorrência das várias revoluções liberais que ocorreram no mês de março desse mesmo ano e que reivindicavam direitos civis e unidade política.

¹³ Segundo Magalhães (1998), estes liberais, nacionalistas românticos ou socialistas se distinguiram dos pioneiros pelas suas atividades profissionais: eram, na maioria, artesãos, intelectuais ou, em pequena escala, operários.

2011, p. 199). Essa ideia está ligada às festas típicas, por exemplo, e ao papel que elas exercem na valorização, preservação e divulgação da cultura “alemã”.

Este trabalho não se propõe a buscar a verdade diante dos enquadramentos propostos pela historiografia, nem mesmo de indicar novas delimitações, afinal a pretensão deste estudo é pôr em diálogo o fluxo migratório, não pelo viés cronológico que delimita começo, meio e fim. Procura-se mostrar como o discurso de língua homogênea foi estrategicamente evocado para criar uma ideia de unidade através da língua. Dessa forma, para perceber como de fato as vozes se tornaram uma língua é preciso observar atentamente como as Guerras contra Napoleão afloraram o sentimento de uma nação alemã que, encorajada pelas intervenções napoleônicas, ganhou forma e se intensificou através da noção de cultura estimulada pela burguesia alemã, ainda no século XVIII.

Nos parece, portanto, que a vinda dos imigrantes alemães para sul do Brasil perpassa um panorama de tensão e confrontos, derivados de um quadro de instabilidades econômicas e políticas que marcaram a Europa do início do século XIX. Em virtude da contextualização histórica a que se propõe na próxima seção, procurou-se delinear o caminho feito pelos imigrantes que aportaram no Rio Grande do Sul em 1824. Diante de tal proposição e trazendo à luz uma dimensão histórica, multiétnica e plurilíngue da formação identitária do sul do Brasil, o próximo subcapítulo tem o objetivo de traçar um panorama que possa favorecer a compreensão sobre a dinâmica linguística que fundamentou o processo migratório para o Rio Grande do Sul, e no caso desta pesquisa em particular, para Salvador do Sul.

Essa delimitação se justifica por coincidir com a chegada dos primeiros imigrantes alemães no município de Salvador do Sul. É provável que durante todo o século XIX o município tenha recebido imigrantes alemães, ou ainda reemigrados de outras partes do Brasil, porém não há dados oficiais sobre essas demandas. Acreditamos também que o processo de imigração não seja um fenômeno restrito ao século XIX, pois o Brasil ainda continua recebendo alemães, italianos, portugueses, mesmo que em menor escala. Por isso, compreendemos que as questões migratórias não possam ser interpretadas diante de acontecimentos isolados, afinal não se trata de uma só partida, de uma só etnia e de um só período ou data. A intenção da próxima seção é, portanto, situar o primeiro fluxo migratório, na tensão que se estabelece com as línguas dos imigrantes, procurando destacar as circunstâncias que favoreceram o nascimento da ideia de nação.

Procuramos, dessa forma, evidenciar os acontecimentos de cunho social e político, alguns até mesmo anteriores à primeira fase migratória, mas que também favoreceram o surgimento do nacionalismo alemão. É importante ainda salientar que a ideia de nação e nacionalismo empregados ao longo deste trabalho não se vinculam às definições de nacionalismo alemão extremados e amplamente difundidos como nacional-socialismo.

2.1 A ALEMANHA NO PERÍODO DA PRIMEIRA FASE MIGRATÓRIO

Partimos de um dos objetivos específicos que orienta o olhar desta pesquisa: contextualizar a presença da “língua alemã” em Salvador do Sul em relação à história de imigração. Essa dimensão histórica justifica-se, pois estamos cientes de que “[...] não há evento social que seja totalmente imune à história [...]”. (SCHWARCZ, 2008 apud ANDERSON, 2008, p. 9). Esta seção busca, portanto, compreender a multiplicidade de línguas e culturas que aportaram no Brasil, de forma geral, e em Salvador do Sul, de forma específica. Para dar conta desse propósito, essa percepção toma como suporte a divisão geográfica da Alemanha nesse período, vinculada à noção de “propriedade privada da língua” (ANDERSON, 2008, p. 108). Ou seja, consideramos a mudança que se operou na discursividade acerca do que veio a se chamar a língua alemã. Defendemos que a invenção de uma língua homogênea, que promoveu o despertar de uma consciência nacional alemã, foi estimulada pela burguesia intelectual e pelas guerras contra Napoleão, integrando um cenário que contribuiu para o fortalecimento e disseminação da ideia de nação.

A atual divisão geográfica alemã¹⁴ em nada se parece com aquela apresentada no ano de 1824, período em que se deu a vinda dos primeiros imigrantes ao sul¹⁵ do Brasil. Os 39 estados que compunham a confederação alemã são largamente conhecidos sob o termo “colcha de retalhos” (HUNSCHE, 1977; MALTZAHN, 2011; SEYFERTH, 1994),

¹⁴ Em 23 de maio de 1949 estabeleceu-se a República Federal da Alemanha (*Bundesrepublik Deutschland, BRD*) que desde 03 de outubro de 1990 (pela reunificação com a República Democrática Alemã, DDR) é composta de 16 estados federados.

¹⁵ Cabe relatar que a primeira colônia de alemães se estabeleceu na Bahia. Como foi malsucedida, a maioria dos autores e da comunidade teuto-brasileira adota como marco inicial a data de fundação de São Leopoldo, 25 de julho de 1824, como a primeira colônia alemã do sul do Brasil (SEYFERTH, 1994).

que reflete bem o panorama das sociedades rurais da Alemanha desse período. Para contribuir com esse cenário, Willems (1946, p. 28) relata que “as aldeias prussianas da primeira metade do século XIX compartilham das feições semiprimitivas de inúmeras *folk-cultures*: são comunidades muito coesas, relativamente auto-suficientes e dificilmente permeáveis a influências estranhas”. O autor destaca, ainda, que a organização da sociedade era familiar e estritamente local, as relações entre pais e filhos eram patriarcais e os casamentos eram definidos por motivos econômicos e religiosos.

Esse quadro rural do início do século XIX proporcionava, portanto, poucas experiências culturais, uma vez que “o rigor das tradições, a inflexibilidade dos costumes, determinaram a relativa estreiteza do horizonte cultural” (WILLEMS, 1946, p. 30). Mesmo diante desse panorama engessado e com poucas possibilidades de mudança e vivências interculturais, as condições dos camponeses nessa época eram bastante heterogêneas. Variava desde a sujeição como servos, na Prússia, por exemplo, até o campesinato chamado “livre”, assim denominado pela ausência de laços feudais, ainda que sujeitos a pesadas taxas. (SEYFERTH, 1974). Dessa forma, é possível perceber diante de condições bastante heterogêneas a que estavam submetidos, que cada grupo representava a sua cultura local.

Diante desse contingente de diferentes condições e experiências, é possível afirmar que as diferenças econômicas, culturais e linguísticas entre os imigrantes formaram grupos heterogêneos na Alemanha e, também, no Brasil. Exemplos de que essa heterogeneidade inicial ainda ressoa nas diferentes formas como os sujeitos de Salvador do Sul lidam com as suas línguas e histórias serão abordados no capítulo 3. Logo, a pluralidade de modos de falar ainda vivos em diversas comunidades teuto-brasileiras foi tensionada pelo processo de unificação de uma ideia de língua alemã, no Brasil.

Com o propósito de ilustrar a fragmentação geo(política) na Europa, a figura 1 mostra a distribuição das soberanias territoriais na Europa Central. O Sacro Império Romano da Nação Germânica¹⁶ foi substituído pela Confederação Alemã, no período compreendido entre

¹⁶“No século XVII, o Império estava fragmentado em centenas de territórios soberanos e segregado por duas religiões (o catolicismo e o protestantismo). Nesse contexto, a Áustria (século XVII) e a Prússia (século XVIII) surgem então como grandes potências dentro do Império, perdendo, mas também incorporando territórios que não pertenciam ao Império.” (MALTZAHN, 2011, p. 41).

1815 e 1866. Nesse período histórico, o que hoje entendemos como a Alemanha era formada por 39 soberanias territoriais representados sob a hegemonia da Áustria e da Prússia (MALTZAHN, 2011, p. 47). A imagem a seguir ilustra a heterogeneidade desse contexto histórico, característico dos primeiros momentos migratórios para o Brasil.

Figura 1- Mapa da Europa Central – Confederação Alemã (1815-1866)



Fonte: Maltzahn (2011)¹⁷

A reflexão acerca do nascimento do Estado Nacional alemão faz parte de um longo processo que acomoda diferentes locais e contextos e não pode, dessa forma, ser encapsulada num único evento. Logo, talvez não seja possível rastrear a concepção da ideia de nação na sua origem, só nos é possível hoje deduzir seu nascimento. Em vista disso, procuramos sistematizar a cadeia de eventos que ao longo da história alemã, de alguma forma, contribuíram para que a consciência nacional atingisse seu ápice no século XIX. Segundo alguns historiadores, o marco do nascimento da nação alemã teve sua origem com o reinado de

¹⁷ Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/74785/browse?value=Maltzahn,+Paulo+César&type=author>>.

Carlos Magno (800) ou ainda com o Tratado de Verdun (843)¹⁸. Pode-se ainda considerar a alusão a um povo alemão, mesmo sem uma unificação política, durante o Sacro Império Romano-Germânico, dissolvido em 1806 durante as guerras napoleônicas e substituído pela Confederação do Reno (1806-1815). Essa Confederação foi seguida da divisão conhecida como Confederação Germânica (1815-1866), que foi dissolvida pela guerra Austro-Prussiana, dando espaço à formação da Confederação da Alemanha do Norte (1866-1871), passando ao Império Alemão, proclamado em 1871. (MALTZAHN, 2011).

A pressão derivada dessa cadeia de acontecimentos – de séculos de oscilações territoriais, revoluções, guerras e “caos político” (SEYFERTH, 1974) – gerou a força suficiente para que o sentimento de uma unidade alemã se tornasse uma questão latente e encontrasse finalmente sua área de expansão. Nesse sentido, as palavras de Schulze (1984) são relevantes, como observa Maltzahn (2011, p. 43-44): “[...] o reino nunca esteve tão desolado como no final do século XVIII [...]. E ao mesmo tempo os alemães nunca estiveram como nesse momento no caminho para a sua identidade nacional. ” Assim, o cenário já estava totalmente armado, “bastava apenas um certo truque ilusionista para que o império se tornasse um travesti nacional atraente” (ANDERSON, 2008, p. 131).

No contexto alemão, o truque ilusionista referente às línguas foi o de fantasiar a pluralidade linguística da Alemanha desse período, com a ideia de uma língua de um povo de origem comum, tomada como o adereço da língua nacional. A definição de língua nacional parece o arremate que segura a fantasia dos nacionalismos. Isso tudo, porém, não seria possível sem a “benção” da legalidade, tornando a fantasia em algo legítimo e purificando-a de seu passado plurilíngue “impuro”.

Essas nações, contudo, não emergem, e nem se consolidariam sem o envolvimento dos sujeitos que a comporão. O sentimento nacionalista necessita de um corpo vivo para se manifestar, aliado ainda aos fatores sociais, políticos e econômicos que possam favorecer esse surgimento. Assim, essas “[...] nações são “imaginadas”, no sentido de que fazem sentido para a “alma” e constituem objetos de desejos e projeções” (SCHWARCZ, 2008, ANDERSON, 2008, p. 10). Dessa forma, não há o surgimento de uma nação sem a idealização de um

¹⁸ Alguns historiadores consideram a Batalha da Floresta de Teutoburgo (9), enquanto outros o Tratado de Verdun (843) como o marco da nação alemã (MALTZAHN, 2011, p.38).

povo, não se constitui uma nação sem envolver os sujeitos que dela farão parte. Na Alemanha, o enredo nacionalista teve o apoio da burguesia alemã que se orientou com base no conceito de cultura para legitimar a consciência nacional alemã. Esse conceito de cultura sob o qual se afirmou a burguesia foi, para Elias (1994 apud MALTZAHN, 2011, p. 44), o reflexo da

[...] consciência de si mesma de uma nação que teve de buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual, e repetidas vezes perguntar a si mesma: ‘qual é, realmente, nossa identidade?’

O conceito de cultura, proposto por Elias, deixa transparecer a inconstância ao qual esteve submetido o processo de formação da unidade alemã, ao mesmo tempo que justifica essa consciência nacional com base no sentimento cultural de origem comum. Assim, a burguesia intelectual alemã, “[...] até então um círculo pequeno e sem influência [...] rompe com a aristocracia da corte, [...] a língua alemã encontrou nesse momento um lugar privilegiado [...] uma posição acima dos dialetos regionais, do latim e do francês” (MALTZAHN, 2011, p. 44). Logo, a noção de cultura e as artes tiveram um papel polinizador na formação da consciência nacional alemã, que alastrou seu sistema de valores, principalmente através da “[...] vernacularização de uma outra forma de página impressa: a partitura” (ANDERSON 2008, p. 117). Vale ressaltar que a escrita ainda não era, no final do século XVIII, algo popular e acessível para qualquer pessoa. Logo,

É bastante natural que este nacionalismo encontrasse sua expressão cultural mais óbvia na literatura e na música, ambas artes públicas, que podiam, além disso, contar com a poderosa herança criadora do povo comum: a linguagem e as canções folclóricas (HOBSBAWM, 2012:1, p. 404).

Para enaltecer essa consciência nacional, a balada de Ernst Moritz Arndt¹⁹, *Des Deutschen Vaterland (1813)*²⁰, é a obra que representa bem

¹⁹ Disponível em:< <http://gutenberg.spiegel.de/buch/gedichte-2227/58> >.

²⁰ Tradução livre da autora: A pátria alemã.

o sentimento de uma identificação nacional em potencial. A primeira estrofe inicia com a pergunta: *Was ist des deutschen Vaterland?* [Qual é a pátria dos alemães?]. Essa não nos parece uma pergunta arbitrária, tendo em vista séculos de oscilações territoriais diante de fronteiras instáveis e instabilidade política, como já sistematizados na subseção anterior. Procurando responder à questão inicial, Arndt percorre os ducados, principados, condados e bispados, enfatizando as belezas naturais de cada lugar. Cada estrofe é finalizada negando uma dada delimitação geográfica e afirmando que a pátria deve ser maior. Além de lugares, também são enfatizadas virtudes, como a coragem e a fidelidade. Por fim, cabe apontar uma observação de cunho linguístico: Arndt afirma que a Alemanha é tão longe quanto a língua alemã possa soar.²¹ É dessa época, inclusive, mais precisamente do ano de 1841, o texto do hino nacional alemão. Defendemos que esse processo de construção de um nacionalismo alemão ecoou no Brasil mais tardiamente, pois os primeiros imigrantes que chegaram no Brasil antecederam esse processo.

Assim, na Alemanha, “a nação cultural precedeu, portanto, a nação política” (MALTZAHN, 2008, p. 45). Nesse período, o espírito nacional crescia, como Anderson (2008) mostra, de uma forma bastante interessante em relação às línguas: Segundo o autor, os vernáculos oficiais, que no caso da Alemanha existiam desde o século XVI com Lutero, foram assumindo uma posição e poderes cada vez maiores. Nessa época, ainda segundo o autor, foi providencial politicamente a sobreposição entre língua oficial e língua da população. As mudanças de cunho social ocorridas ao longo do século XIX geraram “um vigoroso impulso em busca de uma unificação linguística vernácula dentro de cada reino dinástico. O latim se manteve como língua oficial no império Austro-húngaro até o começo dos anos 1840, mas a seguir desapareceu quase instantaneamente.” (ANDERSON, 2008, p. 120). O autor ainda destaca que, apesar de língua oficial, o latim não era a língua das práticas dos indivíduos, principalmente porque a intersecção entre as línguas deixava transparecer a realidade poliglota desses reinos. Entendemos, diante desses fatos, que a oficialização de uma língua por si só não garante uma ação unificadora sobre os contingentes de usos dessa língua, tampouco desperta um sentimento de pertencimento, o que, por fim, não seduz a uma consciência nacional. Nesse sentido, essa

²¹ Tradução livre, no original: *Soweit die deutsche Zunge klingt!*.

consciência nacional que ganhou forma através das artes e da música foi definitivamente moldada pela necessidade de garantir a manutenção das monarquias contra Napoleão.

Aproximando, então, o surgimento das nações às questões políticas, o contexto das guerras de Libertação também desempenhou um papel central na formação da nação. Apesar de derrotado na batalha em Leipzig, as ideias de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa não se concretizaram frente às Monarquias absolutistas ultraconservadoras dos Estados alemães. Em contrapartida, as batalhas travadas contra Napoleão criaram condições que favoreceram a disseminação do nacionalismo alemão. Para Maltzahn (2011, p. 46):

Esse sentimento de unidade nacional entre os alemães foi estimulado e intensificado pela experiência da ocupação napoleônica e pelas guerras de libertação contra Napoleão (1799-1815), no sentido, não só de cultura original, mas também superior e étnica, isto é, de um povo de mesma origem.

Comparando o nacionalismo alemão e francês do início do século XIX, o historiador alemão Heinrich August Winkler (2008)²² menciona que a França se refere aos ideais da revolução como marcadores de pertencimento à nação, ou seja, o francês da época se define pelo compartilhamento das ideias da revolução francesa. Falar francês, nesse caso, era algo secundário. Essa conduta evidencia que não havia a intenção de impor sistematicamente a língua francesa às várias populações sob o domínio dinástico, sendo que o ideal de unidade foi fundado, inicialmente, em valores.

Do lado alemão, ainda segundo Winkler (2008), não havia um equivalente político, logo, o patriotismo não pôde ser estimulado pelo compartilhamento de ideais políticos, como no caso da França. Dessa forma, pressionado para se aliar à França, Frederico Guilherme III, rei

²² As citações de Winkler, Heinrich August e de Gall, Lothar (p. 21) e ainda de Planert, Ute, (p. 22 e 25) são uma tradução livre da contribuição dos historiadores no documentário: *Die Deutschen*, Produção de Gruppe 5 Filmproduktion. Realização de Zdf Tv. Música: Paul Rabiger e Markus Lonardoni. S.i, 2008. (43 min.), son. color. Série Episódio 7. Disponível em: <<http://www.zdf.de/die-deutschen/die-deutschen-22587148.html>>.

da Prússia, faz um inesperado chamado convocando o povo a lutar contra Napoleão. Essa foi a primeira vez na história da “Alemanha” que um monarca pediu ajuda ao seu povo, o denominando de “alemão”. Segundo Lothar Gall (2008), o monarca relutou até que esse [chamado] pareceu a ele o último recurso [para angariar soldados] contra Napoleão, e ainda que o tenha feito sem nenhum entusiasmo, evocando um patriotismo eufórico.

A guerra que havia sido declarada foi então anunciada como a guerra do povo da Prússia, sob a designação de alemão. De cada 100 soldados que lutaram no período das Guerras de Libertação (1813-1815), cinco eram estudantes, dois eram operários e cinco eram agricultores vindos dos mais variados reinos alemães. Os *Lützower Jäger*, soldados que lutaram nas guerras de libertação (1813-1815), vestiam uniformes pretos, com punhos vermelhos e botões dourados, cores que, mais tarde, viriam a representar a Alemanha democrática.

Ainda que essa ação política não tivesse como objetivo evocar uma consciência nacional alemã, a estratégica política utilizada pela Prússia foi, então, a de estimular alguns fatores em comum, como a língua, além de alguns aspectos culturais de determinadas tradições que estimulassem a população a lutar contra Napoleão. A língua tornou-se símbolo de construção de uma identidade com fins de diferenciação política dos grupos dominadores: “A língua não é mais mantida como um instrumento de comunicação, mas transforma-se num símbolo de resistência à cultura dominante.” (MAGALHÃES, 1988, p. 120) que, nesse caso, era a francesa.

Motivados, então, pelo sentimento de pertença, poetas e estudantes falavam do despertar da Alemanha e ansiavam por uma unidade política. Na contramão da fragmentação, o movimento literário passou a adotar uma temática de identificação nacional, pois, até então, “[...] o alemão tinha sido uma língua oficial nas províncias, e não a voz de um movimento nacionalista [...]” (ANDERSON, 2008, p. 132). Exemplificando o papel das artes na construção de um sentimento nacionalista, “a ópera intitulada *A Batalha de Hermann*, do poeta Heinrich von Kleist, foi escrita com o intuito de convidar os alemães às armas contra os invasores franceses” (MALTZAHN, 2011, p. 47). De acordo com a historiadora Ute Planert (2008), as canções de Arndt e outros conhecidos poetas nacionais surgiram em todas as situações de guerra, com o objetivo de mobilizar os “alemães” na luta contra Napoleão.

Segundo Arruda (1984), após a queda do Império Napoleônico, as grandes potências europeias (Rússia, Áustria, Inglaterra e Prússia)

reuniram-se naquele que ficou conhecido como o Congresso de Viena, com o objetivo de reorganizar a restauração da Europa. A figura mais importante desse congresso, segundo Arruda (1942), foi o representante da Áustria, o príncipe Metternich. Ainda segundo o autor, com a modificação do mapa alemão, “a Prússia recebeu grande parte da região renana (próxima ao Rio Reno), na Alemanha; a Áustria recebeu a Lombardia e Veneza, além da supremacia política sobre a Itália” (ARRUDA, 1942, p. 181). Após a vitória “alemã” sobre Napoleão, as reformas prometidas à população foram esquecidas pelos monarcas, que não pretendiam abrir mão do seu poder, em prol da unificação política da Alemanha. Essa atitude culminou em diversas revoltas entre os anos de 1820 a 1848. Esses movimentos revolucionários, “apesar de diferenciados, possuíam em comum ideias de unidade e liberdade no campo político, econômico e social” (MALTZAHN, 2011, p. 48). Essas revoltas ocasionaram a vinda de um outro contingente de imigrantes ao Brasil, que se diferenciaram dos primeiros grupos, principalmente pelo entusiasmo nacionalista.

As evidências, mesmo que não imprimam certezas históricas, nos permitem fazer inferências, tais como a de que o discurso de língua nacional serviu como um dispositivo político capaz de criar o que Anderson (2008, p. 131) chama de “nacionalismos oficiais”, ou seja, “maneiras de combinar a naturalização e a manutenção do poder dinástico, em especial sobre os imensos domínios políglotas amealhados desde a idade média”. Maruyama (1963) é perspicaz em afirmar, como observa Anderson (2008, p. 144), “[...] que todos os nacionalismos na Europa surgiram no contexto de um pluralismo tradicional de estados dinásticos em interação.”

O pluralismo na Alemanha contou com a burguesia intelectual alemã, no final do século XVIII, que operou por meio da literatura, disseminando o sentimento de pertença, que como pareceu prever o poeta Ernst Moritz Arndt, levou o sentimento de “ser alemão” tão longe quanto a língua pôde chegar. Para Anderson (2008 p. 121), “a consagração oitocentista do alemão pela corte dos Habsburgo²³ (alemã, como alguns podem considera-la)” não adotou uma *política*

²³ Segundo o site Deutsche Welle: Originária de Aargau, na Suíça, a família Habsburgo passou a integrar a nobreza europeia no início do século 11. A partir de 1273, quando Rodolfo 1º foi nomeado imperador do Sacro Império Romano-Germânico, a família reinou durante 645 anos sobre vários povos da Europa Central, com ramificações até a América espanhola e o Brasil.

germanizante (ANDERSON, 2008) sob o pretexto de formação de uma nação alemã. Afinal, “a meta era o *Hausmacht*” (ANDERSON, 2008, p. 129) ou seja, continuar a garantir os privilégios da nobreza sobre o território, em outras palavras, a manutenção do *poder dinástico* (ANDERSON, 2008), diante da diversidade das línguas faladas. Logo, o objetivo dessas *políticas germanizantes* (ANDERSON 2008) não era a imposição de uma língua à população, mas havia claramente o objetivo, segundo o autor, de manter seus privilégios através do sentimento de pertencimento e consciência nacional, evocados pela língua.

As dinastias procuraram, sob o pretexto de pertencimento étnico e linguístico, alinhar a colcha de retalhos de modo a parecer uma peça única. O fio de sutura para esse procedimento foi a língua. Porém, a escolha da língua, como afirma Anderson (2008, p. 77) “faz parte de um processo gradual, inconsciente, pragmático, para não dizer aleatório, diferente da atuação autoconsciente das políticas linguísticas das dinastias [...]”, cujos objetivos eram o de manter seus impérios, seus domínios geográficos através da língua. O movimento de unificação, apesar de involuntário, também não fez parte de um movimento nacional.

Na verdade, “os Habsburgo *não* eram um poder consciente e coerentemente germanizante. [...] Havia Habsburgos *que nem falavam alemão*. Mesmo aqueles imperadores Halbsburgo que, por vezes, adotaram uma política de germanização não eram movidos por nenhum ponto de vista nacionalista, e as suas medidas eram ditadas pelo objetivo de unificação e universalismo dos seus impérios”. (JÁSZI, 1929 apud ANDERSON, 2008, p. 128-129).

Defendemos que a ideia de unificação da língua, apesar de não objetivar a implantação do nacionalismo, criou, por meio do discurso de unidade étnica e linguística, uma base de identificação atraente para a formação dos Estados Nacionais. Nas palavras de Gottfried von Herder (1744–1803): “assim, cada povo é Um povo; tem sua formação nacional como sua língua.”²⁴ Afinal, não se concebe UMA nação sem UM povo, onde se fala UMA língua.

²⁴ Grifos meus. No original: “Denn jedes Volk ist Volk; es hat seine National Bildung wie seine Sprache.” (KEMILÄINEN (1964) apud ANDERSON, 2008, p. 108).

Ainda que a maioria dos historiadores considere os acontecimentos do ano 843 como o embrião da nação alemã, as investidas da burguesia e as ações da monarquia foram as forças necessárias para que séculos de reinos de curta geração estivessem ao ponto de constituírem uma nação. O estágio prolongado de nascimento da nação pleiteou um acelerador desse processo e, como afirma a historiadora Ute Planert (2008), “[...] Napoleão foi o principal responsável pelo nascimento da Alemanha como nação.”

Ao tratar das questões (geo)políticas que impulsionaram o primeiro grande fluxo migratório com destino ao Brasil, e tendo em vista a fragmentação geográfica da Alemanha na época, Hunsche (1977, p. 40) observa que “provenientes de todos estes estados alemães, chegaram imigrantes ao Rio Grande do Sul no decurso do primeiro período da imigração alemã (1824-1830).” O autor menciona, ainda, a falta de conformidade de opiniões entre os Estados alemães aliada à ausência de uma política que, frente às questões emigratórias emergentes, eram considerados um problema da política externa, não interessando, portanto, ao país de destino. O caráter ambivalente da emigração foi registrado por Hunsche (1977, p. 43):

A emigração podia ser considerada favorável para o Estado como meio para diminuir a pressão demográfica mediante afastamento de indigentes, incapazes e marginais, e, por outro lado, podia ser considerada desfavorável para o Estado em virtude da perda de mão de obra, soldados e recursos econômicos.

Afinal, como ressalta o autor, até mesmo o direito de migrar havia sido reconhecido há pouco tempo, e só em alguns Estados alemães. Os dois Estados alemães mais poderosos da Alemanha na época, a Prússia e a Áustria, eram contrários à emigração em geral. Os estudos sobre a imigração alemã têm levantado diversos temas que explicam a concentração de imigrantes no sul do Brasil. A concentração de imigrantes nos três estados do Sul, segundo Seyferth (2008), se deu principalmente em função do Decreto de Heydt que proibia a imigração de prussianos para o Brasil (1858) e que foi revogado apenas para os três estados do sul. Por parte do império, o incentivo à colonização dos vazios demográficos por brancos europeus levou a uma “associação entre imigração e colonização” (SEYFERTH, 2008). Essa associação e

suas consequências para o povoamento do Rio Grande do Sul serão abordadas na subseção 2.2.

Os fatos nos revelam, portanto, que além do interesse por parte do império, também diversos estados alemães da época vislumbraram nas latentes emigrações uma possível parceria econômica. Logo, não cabe imaginar que o processo imigratório brasileiro tenha se baseado apenas nos interesses por parte da coroa. Muitas famílias viram na imigração uma chance de um recomeço longe da fome e da perda de terras, ocasionados pela instabilidade política e econômica europeia.

O Palatinado (*Pfalz*) e o *Hunsrück* foram igualmente atingidos pelo movimento emigratório e tornaram-se a região que mais emigrantes enviou para o Rio Grande do Sul. (HUNSCHE, 1977). Foi deixando esse cenário de incertezas que partiram os primeiros emigrantes da região do Hunsrück na Alemanha para Salvador do Sul. O processo imigratório de Salvador do Sul será aprofundado na seção 2.3 desse trabalho.

Observa-se, portanto, que os primeiros imigrantes trouxeram línguas, culturas e costumes dos diversos reinos que constituíam a Alemanha na época da primeira grande imigração. Logo, não se observa, nesse primeiro grupo, uma categorização da língua (oral) que predomine sobre as demais. Pressupõe-se, contudo, que existia um “*minimum* de compreensão na comunicação prática” (BAKHTIN, 2014, p. 81). Atuando paralelamente ao plurilinguismo das práticas cotidianas, havia, contudo, uma tentativa de centralização linguística, “que se opõe ao discurso diversificado [...] como força que supera o plurilinguismo” (BAKHTIN, 2014, p. 81). Essa ação resultante das forças – centrípetas e centrífugas – que atuaram sobre a língua criou as condições necessárias para o surgimento de comunidades relativamente coesas no Brasil. Ainda que etnicamente diferentes, e pertencentes a reino dinásticos distintos, os imigrantes tinham o alemão como “a única língua que dispunha de uma vasta cultura e literatura, e que contava com uma minoria considerável em todas as províncias” (JÁSZI, 1929 apud ANDERSON, 2008, p. 128).

Para além da heterogeneidade cultural e linguística dos grupos de imigrantes, observa-se que na primeira fase da imigração alemã “o patriotismo ainda é um instinto preso a gleba, e restrito ao torrão natal” (WILLEMS, 1946, p. 31). Logo, nesse período, não se observaram manifestações de identidade germânica, uma vez que parte dos imigrantes aportou no Brasil antes mesmo da unificação da Alemanha e, portanto, não se identificavam como alemães. Sendo, então, prussianos, hanoverianos, pomeranos ou moselanos, por exemplo. Diante desse

panorama, é possível afirmar que o “patriotismo do camponês é a “luta pela propriedade” (WILLEMS, 1946, p. 31) que, em virtude da instabilidade de muitos Estados alemães, não pode mais ser garantida aos camponeses”.

O tema da imigração se reveste de atualidade, diante de manifestações culturais que são observadas ainda hoje em diversas comunidades “alemãs”. O movimento de reconhecimento da língua pomerana e a iniciativa de padronização do *Hunsrückisch* são alguns dos exemplos que, de certa forma, distanciam da condição de uma sociedade plural em meados do século XIX. É preciso considerar que a denominação “alemães” aparece somente com os imigrantes do segundo fluxo migratório, justamente porque essa corrente abrange o período em que a Alemanha tornou-se unificada. Segundo Roche (1969, p. 19):

[...] os colonos que se alojaram no Brasil não estavam instalados na mesma região, não levavam o mesmo gênero de vida e não falavam a mesma língua. Constituía, portanto, outro grupo cuja integração se tornara difícil pelo processo de povoamento e pela estrutura social do primeiro Rio Grande do Sul.

Tratou-se, portanto, da construção de uma homogeneidade local em diálogo com as memórias trazidas por esses imigrantes. O povoamento do Rio Grande do Sul será abordado na seção 2.2. Observamos, portanto, que o uso do alemão oficial, ainda conhecido como *Hochdeutsch* (alto alemão), ou denominado alemão gramatical, pelos moradores do município de Salvador do Sul, surgiu como uma questão linguística apenas no período do segundo fluxo migratório, ou seja, após o movimento de unificação política da Alemanha. Esse segundo grupo de imigrantes embalados pelo euforismo nacionalista via os primeiros grupos como “ignorantes, bêbados, excessivamente assimilados e, segundo o julgamento dos pastores com formação acadêmica que passariam a servir o Brasil, pouco afeitos a disciplina religiosa”. (MAGALHÃES, 1998, p. 32).

Diante desse panorama de diferenças culturais, Willems (1946) destaca, ainda, que cada grupo trouxe consigo não somente um tipo de cultura, mas também uma certa fase de transformação dessa cultura de acordo com as condições regionais ou locais. Afinal, o desequilíbrio das sociedades europeias fez com que os imigrantes germânicos abandonassem “[...] uma cultura em plena mudança e, em grande parte,

por causa dessa mudança” (WILLEMS, 1946, p. 31, grifos no original). Assim, a dispersão das famílias passou por processos de identificação e de estranhamentos vividos no contexto brasileiro e, na contramão “[...] das afirmativas correntes da historiografia tradicional, esses grupos [...] não se mantiveram isolados da política. Pelo contrário, dela participaram como era possível a sua época, ou seja, na esfera local” (MAGALHÃES, 1998, p. 27). Infelizmente, esse cenário tenso de guerras e fragmentação do qual partiram os imigrantes acabou em grande parte se repetindo na nova pátria. Se as partidas foram traumáticas, a chegada ao Brasil pode ter abalado a esperança depositada no novo mundo. Exemplo disso foi a instabilidade político/geográfica que também fez parte da realidade rio-grandense por várias décadas. A próxima seção procura esboçar a paisagem da fronteira meridional sul no início do século XIX, a partir das etnias fundantes, situando o imigrante frente ao cenário rio-grandense.

2.2 O RIO GRANDE DO SUL E SUAS ETNIAS

No Brasil, as políticas de incentivo à imigração contaram com a atenção pessoal do Imperador D. Pedro I, que se interessou “[...] pessoalmente pelo povoamento e pela exploração de novas regiões do Brasil por brancos não-portugueses” (ROCHE, 1969, p. 93). A motivação do Estado brasileiro esteve aliada às dificuldades econômicas e políticas que assolavam a Europa no início do séc. XIX e ocasionou uma emigração sem precedentes na história europeia. Nesse contexto, “as causas principais da emigração alemã em grande escala foram essencialmente econômicas e sociais. Por motivos políticos e religiosos também houve emigração, mas comparativamente numa escala muito menor” (KLUG, 1994, p. 27).

Embora entre o período de 1780 e 1822 a população do Rio Grande do Sul tenha sextuplicado, o estado “parecia quase despovoado: possuía apenas cem mil habitantes” (CHAVES apud ROCHE, 1969, p. 39). Os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul foram índios pertencentes a três grupos: tupis-guaranis, guaicurús e gês, representados pelos caingangas, conhecidos também como coroados, pela forma de cortar o cabelo, ou chamados de bugres, termo que se tornou genérico para a denominação dos índios no Rio Grande. Foram os guaicurús que os hispano-portugueses encontraram em 1756, consistindo no único grupo que deixou alguns traços no povoamento do Rio Grande do Sul (ROCHE, 1969).

O Rio Grande do Sul, conforme destaca Magalhães (1998), foi o estado que mais promoveu a imigração oficial, motivado pelo sucesso das primeiras imigrações e pelo interesse dos pecuaristas da região em abrir caminho entre o Sul e o seu mercado consumidor, o norte do país. Os imigrantes foram, dessa forma, a mão de obra necessária para esse projeto, constituindo, também, um mercado consumidor. Seyferth (1994) ressalta, também, a importância de povoamento “racional” do sul, que era povoado por índios e posseiros caboclos, aliados ao grande número de terras a armo, o chamado “vazio demográfico branco”. A elite brasileira queria colonos pequenos agricultores e “os alemães eram considerados bons agricultores [e, por isso] imigrantes ideais para povoar vazios demográficos no regime da pequena propriedade.” (SEYFERTH, 1994a, p. 1).

A história de formação do Rio Grande do Sul esbarra, inevitavelmente, em histórias de conflitos, batalhas e guerras, aliadas a grandes movimentos imigratórios. O que, a princípio, pode parecer um cenário pluriétnico, não demonstra consenso na literatura da área, especialmente sobre a controversa formação do povo do Rio Grande do Sul. Pretende-se, aqui, apresentar apenas uma rápida abordagem que introduza a problemática, sob a ótica de alguns autores de opiniões antagônicas.

Encontramos, quando nos deparamos com essa questão, afirmações como “[...] os índios, portanto, pouco contaram na formação do sangue rio-grandense.” (ROCHE, 1969, p. 21). Em torno ainda dessa questão, o autor afirma que “[...] os espanhóis não conseguiram deixar na sua passagem um cunho tal, quanto a intensidade de seu esforço militar.” (ROCHE, 1969, p. 21). Para o autor, *o rio-grandense-tipo*²⁵ se constituiu pela fusão de três elementos, todos de origem lusitana, a saber: os lagunistas, os açorianos e os milicianos. Para Seyferth (1994), a exclusão do trabalhador brasileiro, tanto dos projetos oficiais quanto dos privados, foi derivada da associação entre imigração e colonização. O debate em torno da política de colonização foi alimentado pela relação entre trabalhador livre, entendido como o imigrante europeu, preferencialmente camponês, em oposição ao trabalhador nacional, supostamente inferior. Observamos, portanto, que a ênfase dada aos alemães como etnia fundante do Rio Grande do Sul faz parte de um discurso de superioridade étnica derivado da intenção de um

²⁵ Roche esmiúça cada um dos três tipos, na sua obra: *A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*, p. 22 a 25.

povoamento que incentivou a vinda de imigrantes “civilizados” durante o Império.

Cabe destacar, no entanto, que outros autores emitem opinião diferente sobre a formação do Rio Grande do Sul. Para Oro (2002, p. 347), “[...] os negros africanos e seus descendentes participaram diretamente do desenvolvimento econômico dos dois primeiros séculos da história do Rio Grande do Sul.” Já, segundo Beatriz Loner (1999 apud ORO, 2002, p. 347), “praticamente não houve profissão manual que não tivesse representantes dessa etnia em seu desempenho, tanto no período imperial quanto na República”. Franco (apud ROCHE, 1969, p.75), por sua vez, afirma que “[...] o índio desempenhou papel superior ao que se admite geralmente, em particular como peão na estância”.

Logo, entendemos que a presença de outras etnias, para as quais apontam os autores, existiu em maior ou menor escala e que foram apagadas dos discursos oficiais criando um imaginário da origem dos rio-grandenses, conforme veremos em exemplos abaixo. O apagamento histórico dos índios e negros como etnias formadoras dos rio-grandenses, conforme vimos com Roche (1969), leva, em contrapartida, a celebração de outras, como a italiana, a portuguesa e a alemã. Destaco, a seguir, a título de ilustração dos discursos sobre as origens do Rio Grande do Sul, alguns trechos encontrados em sites da esfera turística estadual e no âmbito municipal, acerca do assunto.

Paisagem, cultura e determinação. Valores expressos nos diversos encantos da Serra Gaúcha. Seus caminhos conduzem a ares diversificados, *herança da colonização italiana e alemã expressa em sua arquitetura e em seu povo*. A Serra Gaúcha é um mosaico de cenários. Essa é a Serra Gaúcha, natureza exuberante, *força do povo que marcou suas origens, profissionalismo e determinação*, gastronomia rica e, sobretudo, atenção ao receber.²⁶ (Grifos nossos).

Salvador do Sul, município situado no Vale do Rio Caí, encosta inferior da Serra do Nordeste, foi emancipado de Montenegro em 09 de outubro de 1963, através da Lei Estadual nº 4.577 e posterior alteração no artigo 2º. Possui uma população de, aproximadamente, 7.000 habitantes. *As etnias*

²⁶ Disponível em: < <http://www.umgrandedestinors.rs.gov.br/regiao/1/serra>>.

*predominantes no povo são a alemã, italiana, lusa, sírio-libanesa e africana.*²⁷ (Grifos nossos).

Apesar do contingente imigratório alemão não ter sido o mais significativo, o número de imigrantes de língua alemã (entre 1886 a 1936) corresponde a 7% do total de imigrantes recebidos pelo Brasil neste período (SEYFERTH, 1974). Com isso, as características das pessoas que integraram a colonização alemã sempre levantaram reações antagônicas e isso se deve, em grande parte, ao tratamento generalizado empregado aos imigrantes, como “colonos”, “agricultores” ou, ainda, simplesmente como “alemães”. Willems (1946, p. 36) revela em sua pesquisa que a composição sócio-profissional desses grupos de imigrantes apresentou representantes de “[...] quase todas as classes sociais, ainda que em proporções desiguais, [...] contribuindo assim para a heterogeneidade cultural daqueles que tencionam radicar-se no Brasil.”

O movimento de agrupamento étnico, favorecido pela política imigratória do Império, aliado à desorganização dos projetos de colonização, motivou uma maior organização comunitária das colônias. Logo, conforme observa Seyferth (1994a, p. 4):

Associações assistenciais (religiosas e leigas), escolas comunitárias ou ligadas a ordens religiosas católicas ou à igreja luterana, diversas sociedades culturais e recreativas, o uso cotidiano da língua alemã, além de todo o complexo econômico e social originado da colonização com base na pequena propriedade familiar, deram feição própria às colônias, distinguindo-as da sociedade nacional.

Foi, portanto, diante desse contexto que a etnicidade teuto-brasileira foi se formando, reforçando o pertencimento cultural e étnico dos imigrantes à nação alemã, baseado na colonização bem-sucedida como produto da superioridade “inata” do trabalho alemão. A autora destaca ainda que

²⁷ Disponível em:

<http://www.salvadorodosul.rs.gov.br/site/dados_gerais.php?pag=historia>.

A figura "heróica" que emerge desse tipo de argumento é a do colono pioneiro, que transformou a selva brasileira em civilização, apesar de todas as dificuldades e da omissão do Estado. Aliás, nos relatos de trajetórias bem sucedidas (inclusive de empresários e políticos que nunca trabalharam na terra) o ponto de partida é quase sempre o *colono na selva*, o pioneiro. (SEYFERTH, 1994a, p. 4).

Percebemos como ainda hoje esse pioneirismo heroico reverbera no imaginário dos sujeitos, produzindo um dado regime de verdade acerca da genealogia da colonização alemã no sul do Brasil. Ironicamente continuamos privilegiando alguns discursos em detrimento de outros, com base na construção de um imaginário social mais poderoso e forte do que a própria realidade dos fatos, e acima de qualquer contestação.

Tendo feito uma breve contextualização sobre as controvérsias a respeito da formação sociodemográfica do Rio Grande do Sul, a próxima subseção procura traçar um panorama do processo complicado de fixação da fronteira sul, palco de inúmeros conflitos ao longo de cerca de 100 anos (1750 a 1851). Foi, portanto, em meio a um ambiente de instabilidade e desfavorável a receber imigrantes que aportaram os primeiros camponeses alemães no Rio Grande do Sul.

2.2.1 A fronteira meridional

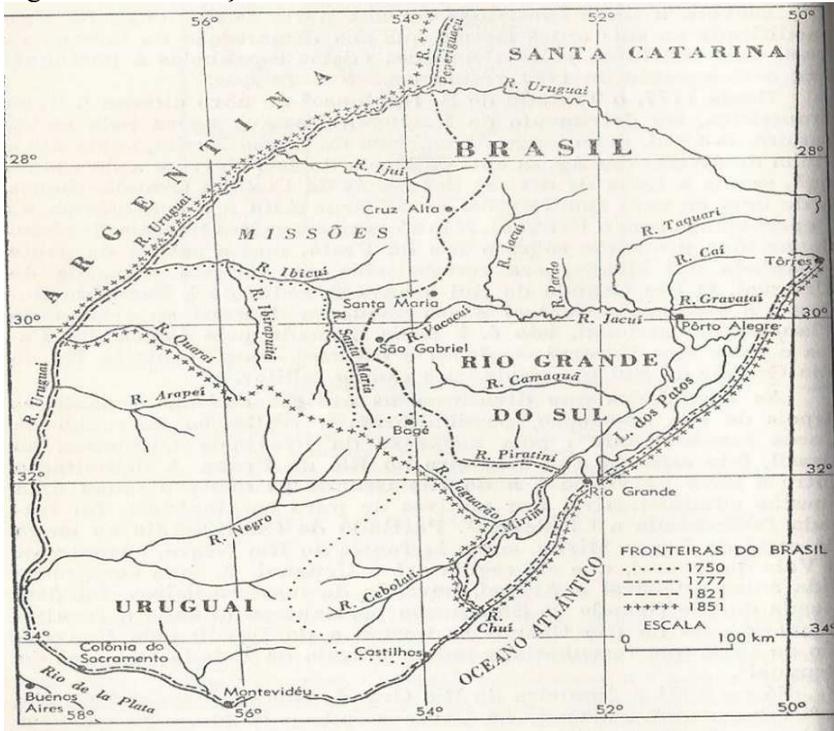
Com a anulação do Tratado de Tordesilhas, estabelecido em 1494, as cortes de Lisboa e de Madrid fixaram novos limites decretados pelo Tratado de Madri (1750). Essa medida “[...] inaugurou a fase mais agitada das relações hispano-portugueses na América.” (ROCHE, 1969, p. 10). Tais limites foram, mais uma vez, modificados em seguida pelo tratado de S. Idefonso em 1777. A oscilação da fronteira meridional do Brasil transformou o Rio Grande do Sul em um palco de inúmeras batalhas e conflitos:

[...] a fixação das fronteiras [...] se fez através de longa série de guerras que deixaram no solo a marca dos acampamentos, no meio dos quais o povo cresceu. O fato de que os alemães tivessem começado a imigrar para o país, embora seus limites ainda não tivessem fixados

definitivamente, não contribuiu para facilitar sua integração entre os homens que montavam guarda nos postos avançados da Pátria. (ROCHE, 1969, p. 13).

A figura a seguir oferece um panorama da instabilidade dos limites da fronteira, firmada pelos diversos tratados ao longo dos anos. Roche (1969) aponta, ainda, que a fronteira pouco se modificou entre a proclamação da Independência do Uruguai (1828) e o início da colonização alemã no Rio Grande do Sul (1851).

Figura 2 - As oscilações da fronteira meridional do Brasil.



Fonte: A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul²⁸

²⁸ Disponível em: ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. 400p.

Logo, foi diante desse cenário de conflitos e guerras que se iniciou a imigração alemã no Rio Grande do Sul, tendo sido um “ambiente desfavorável a sua adoção imediata, por possuir ele [o Rio Grande do Sul] nítida consciência patriótica.” (ROCHE, 1969, p. 16). Roche (1969) destaca ainda a participação de mercenários alemães e “voluntários alemães”, recrutados da recente formada colônia de São Leopoldo, na guerra que o Brasil declarou a Buenos Aires em 10 de dezembro de 1825. Outro caso nos mostra que dos 41 combates travados entre 1841 e 1844, no episódio que ficou conhecido como a Guerra de Farroupilha, “os colonos alemães foram arrastados na guerra civil; a maioria, porém, conservou-se fiel ao Governo Imperial” (PORTO apud ROCHE, 1969, p. 17). Os exemplos das guerras nos revelam como os imigrantes alemães assumiram as “causas” brasileiras.

A relação entre guerras e a construção de uma identidade nacional ficam evidentes pelo fato de que os serviços prestados durante a guerra pelos alemães levaram o Império brasileiro a conceder aos colonos, em 1846, a naturalização: “Se a guerra de Farroupilha permitiu que os colonos aprendessem a conhecer os rio-grandenses, de forma alguma, em compensação, reduziu a distância que os separava.” (ROCHE, 1969, p. 18). Além disso, o autor destaca, inclusive, o desenvolvimento trazido pela guerra civil, proporcionando a São Leopoldo crescimento econômico. Tal aspecto provocou o desenvolvimento da produção agrícola e artesanal de São Leopoldo.

Após a breve reconquista da paz interna, com o fim da guerra de Farroupilha, o Rio Grande do Sul tornou-se, mais uma vez, agitado pelas questões do limite da fronteira meridional. Descontentes com a divisão estabelecida pelo tratado de 1851, o Uruguai travou diversas batalhas em território uruguaio e argentino, com apoio militar brasileiro (ROCHE, 1969). Mesmo diante dessas batalhas, travadas com um contingente quase exclusivamente rio-grandense, os efetivos brasileiros estavam absorvidos na guerra contra o Paraguai (1865-1870): “Assim, os imigrantes alemães e seus descendentes diretos participaram dessas campanhas, nas fileiras do exército brasileiro.” (ROCHE, 1969, p. 19).

Em um outro contexto das imigrações, surgiu o papel do camponês. Para se entender a natureza das relações que ligavam esse sujeito a sua nova terra, é preciso ir além das ideias de isolamento e alienação política, em que “a terra, a paisagem, sua vegetação e suas criaturas estão plenamente integrados na vida do camponês”. (WILLEMS, 1946, p. 29). Logo, nenhuma manifestação cultural seria possível fora do meio rural de convívio desse grupo. Em consequência disso e, segundo Willems (1946), a vida dessas pessoas é regional,

senão puramente local e tudo, desde os trajes, o tipo de habitação, os costumes, as crenças, as relações familiares e a língua (diferente entre os povoados) está plenamente integrada ao meio físico dessas pessoas, ou seja, à terra. Nas palavras do autor: “Na colonização do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, os imigrantes germânicos seguiam o curso de rios costeiros, penetrando-lhes os vales, principais e tributários, e ocupando, pouco a pouco, toda área cultivável dos diversos sistemas fluviais.” (WILLEMS, 1946, p. 42).

Considerando a paisagem nada estável do Rio Grande do Sul a próxima seção busca detalhar a chegada dos primeiros imigrantes em Salvador do Sul, nosso micro *-locus* de análise desta pesquisa.

2.3 ASPECTOS HISTÓRICO-LINGUÍSTICOS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO MUNICÍPIO DE SALVADOR DO SUL

Das várias etnias que compuseram o município de Salvador do Sul, “aproximadamente 60% dos imigrantes [...] são oriundos da região do Hunsrück” (LERMEN; SPECHT, 1999, p. 17). Além da predominância dessa região, as autoras destacam também a chegada de imigrantes, mesmo que em menor escala, provenientes de Koblenz, Trier, Hamburg, Hannover, Holstein, Schleswig, Mecklenburg, Renânia, Eifel, Pomerânia, Boemia, Suábia e Westfalia. Essas localidades que hoje são, na sua maioria, conhecidas como cidades, compunham o quadro de diferentes Estados no período da vinda dos primeiros imigrantes alemães, apresentando uma realidade cultural e linguística heterogênea.

Ainda que a maioria dos imigrantes que chegaram a Salvador do Sul fosse de origem alemã, houve, também, a presença de colonizadores franceses, suíços e holandeses. Dessa forma, “com a mistura de nacionalidades, a colônia transformou-se em Babilônia²⁹, nome dado efetivamente a uma de suas picadas” (LERMEN; SPECHT, 1999, p.20). Ao explorar o termo “babilônia”, encontramos duas passagens bíblicas que possam ter inspirado os primeiros imigrantes a essa designação. A primeira delas é a passagem do antigo testamento em Genesis 11:9, que faz uma observação com relação ao mito da Torre de Babel. Nesse caso, o nome “Babilônia” pode ter sido inspirado na heterogeneidade dos primeiros grupos de imigrantes, “por isso se chamou o seu nome Babel,

²⁹ Atualmente, o bairro da Babilônia faz parte do município de São Pedro da Serra, que se emancipou de Salvador do Sul em 1992.

porquanto ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra, e dali os espalhou o Senhor sobre a face de toda a terra”. Na concepção religiosa, a interpretação mais difundida para o mito é a de que a diversidade linguística esteja ligada a um castigo, uma punição divina, o caos linguístico. Literalmente Babel significa confusão.

Uma segunda fonte de inspiração, tendo em vista a forte expressão religiosa desse grupo, pode estar ligada à própria história da cidade de Babel, historicamente a cidade existiu no antigo império da Babilônia, onde hoje se localiza a região do Iraque. Babel foi a capital do Império babilônico, uma cidade-estado extremamente rica e poderosa. Era um centro político, militar, cultural e econômico do mundo antigo. Como tal, ela recebia um grande número de imigrantes de diversas nacionalidades, cada qual falando um idioma diferente (CAETANO, 2009). Podemos aventar a possibilidade de considerar uma convergência desses dois sentidos: Babilônia como lugar de diversidade linguística e de riqueza econômica.

A diversidade linguística que compunha o município, desde seus primeiros habitantes, ganha destaque nas palavras do professor Emílio: Durante uma entrevista em que contava sobre o período de fundação da escola Selma Wallauer, o professor enfatiza que “[...] tudo, tudo o comércio era realizado, tudo em alemão e este alemão era misturado, era dialeto, era um pouco gramatical e assim foi [...]” [E01].³⁰

Ressalta-se que dados oficiais do município mostram que até 1942 as crianças eram alfabetizadas em português e alemão. A partir desse ano, o alemão foi proibido em função da 2ª Guerra Mundial (LERMEN; SPECHT, 1999, p. 51).

Segundo a revista *Nos trilhos da história – A evolução de uma terra e sua gente* (2013), que comemora os cinquenta anos do município de Salvador do Sul, o nascimento do povoado salvadoreense apresenta diferentes versões, embora pesquisas detalhadas feitas no decorrer dos anos revelem que elas são complementares. O povoado foi fundado em 1840, levando o nome de São Salvador, em homenagem a Salvador Alves da Rocha, fabricante de gamelas e barcos e um dos primeiros habitantes da região.

O início da colonização alemã em Salvador do Sul se deu com José Inácio Teixeira Filho, conhecido como Juca Inácio que, em 1840,

³⁰ [E] se refere à inicial do nome do entrevistado Emílio e [01] ao primeiro excerto dessa entrevista.

como dono da sesmaria³¹, revendeu lotes de terra para os primeiros colonos alemães católicos. Peter Heck e Peter Kuhn foram fundadores, respectivamente, de Tupandi (São Salvador) e São Benedito. Logo, o primeiro imigrante de origem germânica de Salvador do Sul foi Peter Heck, que nasceu em 3 de fevereiro de 1819 e casou-se com Helena Göllner, com quem teve quatro filhos: Isabel, Pedro, Regina e Bárbara Heck (*Nos trilhos da história – A evolução de uma terra e sua gente (2013)*).

Peter Heck nasceu em Dickenschied, cidade que é irmã de Salvador do Sul, na Alemanha, desde maio de 2013³². A irmandade ou geminação entre municípios é uma ideia de cooperativismo mundial, e tem como principal objetivo a troca de experiências nos mais diversos âmbitos municipais. A cidade de Dickenschied está localizada no distrito de Rhein-Hunsrück, estado da Renânia- Palatinado.³³O acordo de geminação foi firmado na ocasião dos festejos do cinquentenário de emancipação política de Salvador do Sul e visa, segundo o relatório de gestão 2013/2014 da prefeitura, o resgate da cultura, a divulgação das tecnologias alemãs e a troca de experiência em áreas diversas.

O mapa a seguir mostra a distribuição das terras particulares no Rio Caí.

³¹ O sentido conferido ao termo pelo dicionário Houaiss, inclui: s.f. Terreno sem culturas ou abandonado, que a antiga legislação portuguesa, com base em práticas medievais, determinava que fosse entregue a quem se comprometesse a cultivá-lo. Quem a recebia pagava uma pensão ao estado, em geral constituída pela sexta parte do rendimento através dele obtido. Quando o Brasil foi descoberto, para cá transplantou-se o regime jurídico das sesmarias. O rei, ou os primeiros donatários de capitâneas, faziam doações de terras a particulares, que se comprometiam a cultivá-las e povoá-las. Só em 1812 as sesmarias foram oficialmente extintas. Disponível em < <http://www.dicio.com.br/sesmaria/>>.

³² Fonte:< http://www.salvadorsul.rs.gov.br/noticias.php?op=ver_noticia&ida=103>.

³³ Disponível em:< <http://www.dickenschied.de>>.

Em 1840, com a chegada dos primeiros alemães, São Salvador passou a ser chamada de Kappesberg (LERMEN; SPECHT, 1999, p.20). Ainda segundo as autoras, há três versões para essa nomeação: A primeira é de que a região montanhosa arredondada lembrava uma cabeça e, por isso, recebeu a denominação *Kappes* = cabeça³⁵ e *Berg* = montanha. A segunda remete à união da família de Nicolau Kraemer e de Jacob Kappes, que, em virtude das precárias condições das vias de comunicação, acabaram migrando para outras terras. E, finalmente, a terceira conta que um senhor, de nome desconhecido, ao receber a visita de um amigo, teria feito o seguinte comentário a respeito da sua plantação de repolhos: “Isso é mesmo um morro de repolhos”³⁶.

Ainda segundo as autoras, com a chegada de novos imigrantes, iniciou-se o desenvolvimento da agricultura e da suinocultura, negócios que ainda compõem o quadro de atividades econômicas do município. O desenvolvimento econômico chegou com a implantação da Rede Ferroviária, marco do comércio entre Salvador do Sul e cidades-polo, como Porto Alegre e Caxias do Sul, no início do século passado. Essa rede foi desativada no final dos anos 1970.

Atualmente, o município se destaca internacionalmente pela produção de ovos. Salvador do Sul é o maior produtor de ovos do Sul do Brasil, e responsável pela produção de 2,4 milhões de ovos/dia (RIO GRANDE DO SUL, 2015). O 1º Festival do Ovo fez parte da Semana Nacional do Ovo (6 a 11 de outubro) que além de pratos, à base de ovos, contou com a apresentação de danças alemãs. Segundo o relatório de gestão do município (2013/2014), o evento buscou valorizar a cultura e a gastronomia de Salvador do Sul. Na sua segunda edição, o festival contou com o primeiro concurso de talentos da gastronomia local, que resultou num livro de receitas com a seleção daquelas premiadas no concurso. O livro: *Ovo: descobrindo novos talentos. A gastronomia que une os povos*, teve as receitas de maior pontuação traduzidas para o alemão. Esse tema será retomado mais adiante.

Chama a nossa atenção a ênfase conferida a um resgate histórico-cultural por meio da gastronomia, em que a língua alemã emerge como um dos signos que visam veicular a ideia de “autenticidade”. Já passados 176 anos desde as primeiras imigrações na localidade – quando os resgates pareciam restritos às festas e músicas típicas, ainda que bem ordenados nas rotas de outubro –, a gastronomia, até então

³⁵ Em *Hunsrückisch* cabeça= Kop e em alemão, cabeça = Kopf.

³⁶ Tradução livre. No original em *Hunsrücksich: Das ist weriglich em Kapsberg*.

subordinada aos eventos festivos, ganha sua vez nos discursos de “resgate” das tradições. Não se trata, porém, de um evento isolado, já que no Vale do Itajaí o projeto “Receitas da Imigração”³⁷ engrossa o movimento de *revivel* (MALTZAHN, 2011) da novela dos resgates, lançando um livro de receitas.

Proporcionando esse “resgate” da realidade culinária dos primeiros imigrantes, G. Bianquis (1956 apud SEYFERTH, 1974, p. 21) descreve, em termos gerais, a vida do camponês alemão em meados do ano de 1830:

O camponês vivia dos produtos de sua terra, muito raramente comia carne, alimentava-se de pão escuro, de queijo grosseiro, de papas de cevada ou de aveia, de ervilhas e de feijões secos e de algumas raízes: cenouras, rábanos, nabos, rabanetes pretos.

Mesmo considerando imigrantes de outras épocas, o mais provável é que essas receitas e hábitos culinários se hibridizaram com os ingredientes e costumes do Brasil. Há mais de 150 anos das primeiras imigrações em Salvador do Sul, chama atenção o poder imaginativo dos indivíduos preocupados com o resgate gastronômico. Seja na publicação da Festa do Ovo, seja no livro de receitas da Imigração, o famoso resgate está agora seguro em meio a ingredientes, porções e pratos “típicos”. Essa onda do resgate chega nas línguas pela co-oficialização.

Salvador do Sul é um dos municípios que comporta a região conhecida como “O vale do Caí”, localizada ao Nordeste do estado do Rio Grande do Sul e que compreende 20 municípios, entre eles: Alto Feliz, Barão, Bom Princípio, Bronchier, Capela de Santana, Feliz, Harmonia, Linha Nova, Maratá, Montenegro, Pareci Novo, Portão, Salvador do Sul, São José do Hortêncio, São José do Sul, São Pedro da Serra, São Sebastião do Caí, São Vendelino, Tupandi, Vale Real. A região do vale do Caí faz parte de um conjunto de colônias alemãs, da segunda metade do século XIX, que se destacaram como “bem-sucedidas” (MALTZAHN, 2011, p. 60). Segundo dados disponíveis no

³⁷ Disponível em: <<http://e-ipol.org/ipol-em-acao-no-vale-do-itajai-participantes-do-projeto-receitas-da-imigracao/#more-8562>>.

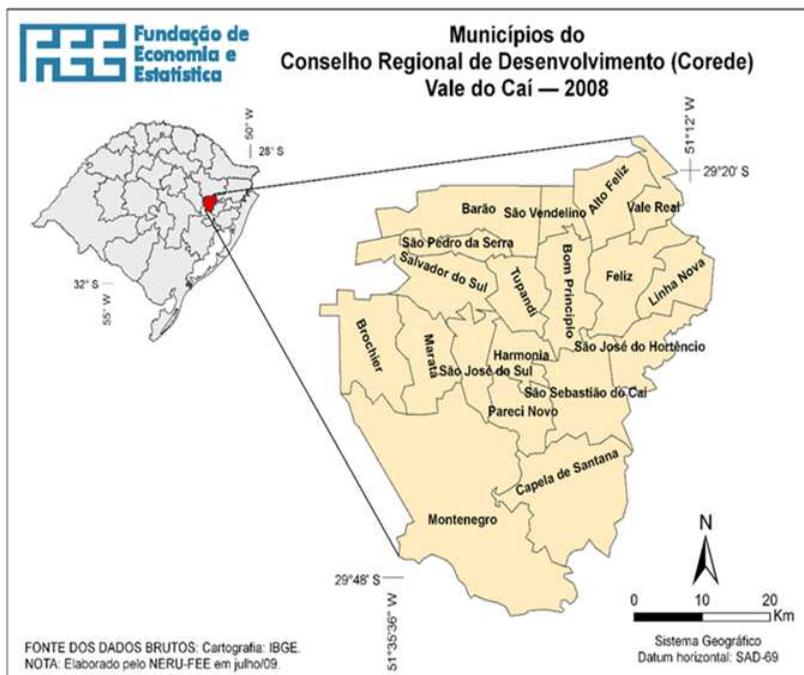
sítio da Setur (Secretaria do Turismo do Estado do Rio Grande do Sul)³⁸,

O Vale do Rio Caí é uma região aprazível, de colonização europeia, progressista, com muitas atrações turísticas a apresentar e muito potencial a explorar. Apesar da forte presença germânica na região, primordialmente no séc. XVIII, a região era de matas e habitadas pelos índios guaranis, tendo posteriormente sido habitadas por açorianos e desde 1827 por imigrantes alemães.

Esse discurso aponta para a maneira como órgãos oficiais vinculam uma certa tradição com o turismo, reconstruindo uma historicidade aparentemente plural.

³⁸ Disponível em: <<http://www2.turismo.rs.gov.br/portal/index.php?q=destino&cod=2&mireg=21&fg=2>>.

Figura 4 - Municípios do Vale do Caí



Fonte: Scielo³⁹

Hoje, segundo essa mesma fonte, a região conta com uma população estimada em 194.000 habitantes, distribuída em vinte municípios, com uma área geográfica de 2.012 km². As altitudes variam de cinquenta metros acima do nível do mar até seiscentos metros. Três quartos da população vivem no meio rural. Os descendentes de alemães são os mais numerosos, vindo a seguir os portugueses-açorianos e os italianos.

Achamos necessário fornecer uma ideia geral da distribuição geográfica do município, que renomeou toda a sua zona rural, antigamente conhecida como linhas, agora substituída por bairros. A distribuição das terras em linhas ocorreu devido ao “sistema de afolhamento trienal” (SEYFERTH, 1974, p. 21). Segundo a autora, esse

³⁹ Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0366-69132012000400016>.

sistema de agricultura medieval distribuía as terras em campos, que por sua vez eram divididos em faixas cultiváveis, ou seja, linhas.

A perda de território rural, devido ao processo de emancipação política dessas regiões, acarretou a diminuição das escolas que ofereciam aulas em alemão, vinculadas ao município de Salvador do Sul. A maioria das escolas que alfabetizavam em língua alemã se localizavam na zona rural do município, nas antigas linhas. Atualmente, a única escola municipal a oferecer alemão é a Escola Selma Wallauer, localizada na antiga Linha do Meio, hoje bairro Linha do Meio. Na escola, o alemão é ensinado nas séries iniciais. O professor Emilio, por exemplo, ministra aulas de alemão, inglês e português na escola municipal Selma Wallauer desde a sua fundação. O professor nos relata em sua entrevista que o nome da escola é uma homenagem a Selma Wallauer, que doou o terreno para a ampliação da escola e que, segundo ele, não falava uma única palavra em português, fato que na época era algo natural na cidade, uma vez que todo o comércio na cidade era realizado em língua alemã. Ainda segundo Emilio, o alemão passou a ser implantado na escola desde a sua fundação com o objetivo de “manter esta língua, esta bela linguagem viva” [E02] impulsionado, também, pelos municípios vizinhos que já ofertavam o alemão.

Contudo, essa língua alemã ⁴⁰ensinada nas escolas do município desde a fundação das suas primeiras escolas foi perdendo espaço em função da redução territorial do município. Paralelamente, o município contempla em suas festividades as etnias fundantes de Salvador do Sul, em que o uso da língua alemã entra em cena para ajudar a legitimar a cultura alemã no município. Nos parece que a perda territorial é diretamente proporcional ao empenho por se discursivizar oficialmente a língua em busca de uma legitimação da cultura “alemã” de origem.

Não estamos afirmando que não há um passado histórico vinculado a tal cultura, porém, é interessante perceber quando e como emergem mais fortemente os discursos que atrelam a cidade e seus moradores à cultura e identidade alemã em relação a um dado passado específico. Alguns exemplos que contemplam esse olhar já foram trazidos nesta seção. O festival do ovo, por exemplo, destaca um importante produto da economia local e lançou o livro, sob a égide de resgate histórico-cultural, com o curioso subtítulo *A gastronomia que une os povos, traduzindo suas principais receitas em alemão*. O ovo,

⁴⁰ Entendida aqui pela variedade do alemão padrão.

portanto, tornou-se recentemente um astro da economia e da política linguística Salvadorenses, tanto que a mascote da cidade é a figura do ovo, trajando roupas “tipicamente alemãs”. A partir disso, questionamos: que resgates são esses? E, mais ainda, que povos estamos unindo com essas receitas?

A figura a seguir mostra a capa do livro de receitas da Festa do Ovo.

Figura 5 - Capa do livro



Fonte: Rio Grande do Sul, 2015⁴¹

Um olhar mais atento à capa talvez traga esclarecimentos sobre essas questões. Na capa, no canto direito inferior indicado por nós pelo número 2, os brasões dos municípios irmãos, Dickenschied (na Alemanha) e Salvador do Sul, se fazem presentes, dando indícios da união de povos que se pretende estabelecer. Em busca de respostas que justifiquem a tradução do livro para o alemão, obtive, em conversa

⁴¹ Disponível em: < RIO GRANDE DO SUL. Clarina Elisabeth Klein. Prefeitura Municipal de Salvador do Sul (Org.). **Ovo: descobrindo talentos.**: A gastronomia que une os povos. Salvador do Sul, 2015. 27 p. Tradução: Débora Rinaldi e Vânia Werner.>

informal,⁴² a informação de que se encontrava na cidade, por ocasião da festividade, um grupo de pessoas da Alemanha. Essa informação se comprova pela matéria do Jornal Qtal do dia 13 de outubro de 2015: na matéria intitulada “Livro de receitas unem povos pela gastronomia” consta que “esteve presente ao ato de lançamento a culinária alemã Erika Stephan [...]. Ela trouxe receitas ligadas a imigração alemã. Estas, agora, serão traduzidas, podendo, também, virar livro em breve.”

Outra curiosidade é a opção feita pela tradução do trecho informativo da capa. Na tradução do trecho “Seleção das receitas premiadas no concurso gastronômico realizado em Salvador do Sul”, o nome do município aparece como Kappesberg, indicado na figura como número 3. Como já mencionado nesta seção, Kappesberg foi uma designação dada ao município pelos primeiros habitantes, que é sem dúvida bem difundida entre os moradores e, além disso, um correspondente mais “autêntico” que revela a “germanidade” da cidade, se comparamos com o nome oficial. Seria esse o resgate histórico-cultural proposto na sinopse do livro? Esta resposta nos sinaliza para a maneira como esse resgate foi discursivizado:

Cabe destacar ainda que estas receitas representam um resgate histórico-cultural de modo que boa parte dos registros guardados apenas em cadernos manuscritos, hoje viram livro, levando além das fronteiras do município o sabor feito através da simplicidade do ovo.

Respondidas as questões, nos parece ainda antagônica a figura do próprio ovo na capa. Vestido a rigor com aquilo que se entende como tipicamente “alemão”, o astro do evento aparece em festas “alemãs” trajando chapéu, *Lederhose* e suspensório. Cabe, ainda, observar que essas roupas largamente divulgadas em festas são tomadas como típicas do sul da Alemanha.

A discursivização da língua como resgate de uma identidade alemã acontece claramente com fins de possíveis vantagens econômicas ou, ainda, para justificar um dado evento. As pessoas percebem em suas receitas uma memória ligada ao seu passado, ou estamos falando aqui de uma re(invenção) de uma dada cultura alemã? Parece-nos que, qualquer que seja o evento, trata-se de carregar e enfatizar o rótulo de alemão,

⁴² A informante não consentiu na divulgação da sua identidade.

com pretexto de se resgatar algum aspecto histórico-cultural-social-gastronômico.

Em termos de políticas de oficialização do alemão, perceberemos que há um distanciamento entre o que se estabelece entre os discursos oficiais sobre a língua, justificando um resgate, e os usos linguísticos e avaliações dos sujeitos no cotidiano. Os usos da língua que permeiam as atividades diárias dos sujeitos não funcionam sob o mantra dos resgates. Essa existência não necessita de festas e publicações, porque faz parte da dinâmica comunicativa dos sujeitos. A dinâmica das línguas no município está sendo mantida não por alguma ação conservadora em nome de algum patrimônio, mas porque a língua faz parte da história das pessoas e, portanto, cabe a elas a decisão sobre essa língua.

Acreditamos que não é necessário criar uma lei para justificar os usos cotidianos do idioma. Além disso, mesmo quando as leis são criadas, elas geralmente não garantem as práticas diárias que envolvem as línguas. Não é a legalidade que mede a vitalidade das línguas, ainda menos quando não coexistem junto com essas ações meios concretos de instrumentalizar, vitalizar e garantir os usos. A lei estadual n.º 14.061, de 23 de julho de 2012⁴³, que reconhece a “Língua *Hunsrik*” como patrimônio histórico e cultural do estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, talvez possa em alguma medida incentivar práticas públicas conscientes que façam sentido para as pessoas do município. O status oficial de “Língua *Hunsrik*”, pelo menos, parece sinalizar para o fim da discussão dialeto vs. língua, validando *Hunsrik* como língua. Mesmo assim, essa lei não garante a manutenção das línguas no seu *locus* de existência, ou seja, nas práticas cotidianas dos sujeitos em interação, conforme veremos nos próximos capítulos.

A língua *Hunsrik* se difere da língua *Hunsrückisch* principalmente pelas propostas para uma ortografia destas línguas, conhecidas respectivamente como PHA e PHB, que serão apresentadas no próximo capítulo deste trabalho. Ambas as denominações se referem a língua trazida pelos imigrantes oriundos da região do *Hunsrück*, na Alemanha. Contudo, observa-se que na fala cotidiana dos sujeitos, a língua trazida pelos imigrantes alemães, ainda hoje falada em diversas regiões do Brasil, ganha diferentes denominações, que por sua vez se diferem das denominações das propostas ortográficas. Logo, ambas as denominações poderão aparecer ao longo desse trabalho, assim como

⁴³ Disponível em: <<http://1enmp2015.blogspot.com.br/p/legislacao-decretos-e.html>>.

também, as denominações dadas as línguas faladas na localidade de Salvador do Sul.

Tendo em vista a contextualização histórica de formação das colônias alemãs no sul do Brasil, procuramos traçar um elo entre a língua trazida pelos primeiros imigrantes alemães e as línguas presentes no município de Salvador do Sul na atualidade. A partir desse olhar, o próximo capítulo analisará a dinâmica contraditória envolvidas nas práticas linguísticas locais.

CAPÍTULO 3

AS LÍNGUAS FALADAS PELOS PRIMEIROS IMIGRANTES

3.1 DELINEANDO AS FASES DA GERAÇÃO DE DADOS

O foco desta seção é descrever metodologicamente as fases de geração de dados desta pesquisa ao longo do mestrado. Cabe pontuarmos que a metodologia aqui descrita tem elementos etnográficos, ou seja, é uma pesquisa que faz uso de alguns elementos da abordagem etnográfica, uma vez que nos interessa o contexto cultural dos sujeitos, isto é, suas práticas linguísticas e avaliações cotidianas. Apesar da inspiração etnográfica, que ancora alguns aspectos metodológicos desta pesquisa, não podemos tratá-la como uma pesquisa etnográfica com todas as suas especificidades. O presente trabalho utilizou a entrevista e a análise documental, abordagens de cunho qualitativo em pesquisas etnográficas. Nesse contexto, Rivero (2004, p. 03) defende que a etnografia utilizada pela antropologia aparece como procedimento passível de adequação a pesquisas que utilizam um “registro descritivo de todos os dados disponíveis no contato direto com o campo de investigação, dispensando-se alguns, como “o contato com outras culturas e amplas categorias de análise de dados” (GERTZ, 1973 apud RIVERO, 2004). Enfatizamos, dessa forma, o caráter de interação social da pesquisa.

Reiteramos que pela própria condição do tempo de pesquisa no mestrado, não nos foi possível uma relação prolongada do pesquisador no *locus* de pesquisa, tal qual prevê um trabalho etnográfico. Tal condição, porém, não tem invalidado trabalhos que usam elementos etnográficos e que sejam dotados de uma certa flexibilidade, como nos revela Rivero (2004, p. 1): “os fenômenos humanos e sociais por sua complexidade, distanciam-se das características dos fenômenos físicos e biológicos, o que justifica a busca de uma maior e mais ampla flexibilidade metodológica”. Nesta pesquisa, a flexibilidade metodológica diz respeito à construção de um corpus relativamente heterogêneo que nos permita compreender os diferentes sentidos e valorações atribuídos à língua alemã em Salvador do Sul. Acreditamos que essa heterogeneidade é importante, pois revela as tensões e conflitos envolvendo a constituição histórica de discursos sobre a língua alemã nessa localidade.

O primeiro contato como pesquisadora com Salvador do Sul, visando à geração dos dados, foi feito em agosto de 2014. Nessa primeira sondagem, procuramos rastrear se, e onde, o *Hunsrückisch* era falado no município. Nessa busca, todos os indícios nos levaram à Babilônia, zona rural que hoje pertence ao município de São Pedro da Serra, emancipado de Salvador do Sul no ano de 1992. Nesse primeiro contato, fizemos entrevistas orais e gravadas que tiveram como finalidade compreender os usos da língua feitos pelos sujeitos. Nessa fase, além das entrevistas, ocorreram conversas informais que versaram sobre temas como língua, antepassados e costumes. As entrevistas, bem como as anotações de campo, foram coletadas entre os dias 09/08/2014 e 11/08/2014. Para a coleta de dados, foram aplicados questionários informais adaptados a partir de um modelo usado por Margotti (2004) no contexto de sua pesquisa de doutorado em dialetologia (cf. ANEXO A). Também consultamos o blog “Histórias do Vale do Caí”, mencionado na introdução deste trabalho. Essa sondagem inicial contribuiu basicamente para estabelecer contato com o Secretário da cultura do município de Salvador do Sul, quem alimenta o blog com inúmeros registros fotográficos.

Os seis depoentes dessa primeira fase, reconhecidos por nós nesta pesquisa como teuto-brasileiros, são homens e mulheres entre 17 e 72 anos, com formação entre o ensino fundamental incompleto e universitário incompleto, residentes na zona rural do município de São Pedro da Serra. Todos os depoentes são brasileiros e aprenderam o *Hunsrückisch* em casa com os pais, também brasileiros. Cabe, ainda, acrescentarmos que optamos por gerar nomes fictícios para os participantes ao longo desta pesquisa, com o objetivo de garantir a manutenção do anonimato e da privacidade dos participantes, durante todas as fases deste trabalho, embora tenhamos recebido permissão para a publicação dos dados.

A segunda experiência de campo ocorreu em novembro de 2015, quando procuramos encontrar fontes escritas da língua, o que nos encaminhou, desta vez, para a zona urbana de Salvador do Sul. Ressalta-se que foi interessante observar a relativa facilidade com que os moradores do município reconheceram os lugares onde a língua ainda existe na sua forma oral, em contraste com sua surpresa ou desconhecimento sobre o uso da modalidade escrita dessa língua. A despeito dos poucos dados referentes à escrita, embora com certa unanimidade, nos foram indicados os nomes do padre Hermes e do professor Emílio. Nota-se, aqui, o papel da escola e da Igreja como instituições preocupadas com o registro formal das línguas faladas. Não

por acaso, essas instituições desempenharam papel relevante na estabilização de línguas através da modalidade escrita e da instauração de normas linguísticas.

Com o padre Hermes, conduzimos uma conversa informal não gravada, em que o pároco contou a história de sua formação e como aprendeu o alemão. Vale salientar que o padre não fala *Hunsrückisch* e aprendeu alemão durante sua formação religiosa na Alemanha. O professor Emílio, por sua vez, assim como grande parte dos moradores do município, aprendeu o *Hunsrückisch* no âmbito familiar. Com ele conduzimos uma entrevista gravada. Como fontes impressas da modalidade escrita da língua alemã, mencionamos a coluna do jornal Expressão Regional e do Jornal Qtal. A língua na sua modalidade escrita circula mais timidamente no município, especialmente em ocasiões das festividades e comemorações locais. Devido a essa importância cultural, conduzimos também uma entrevista escrita com a coordenadora de turismo Joana.

Compondo, ainda, o quadro de geração de dados desta pesquisa, foram aplicados questionários, com o principal objetivo de verificar como os moradores do município denominam as línguas que falam. O questionário, que se encontra no anexo B deste trabalho, foi confeccionado com a ajuda da ferramenta de pesquisa *Pesquisa online*⁴⁴, tendo sido disponibilizado pela internet entre os dias 11/02/2016 e 12/03/2016. Dentre as oito perguntas, quatro delas procuraram traçar um breve perfil social dos respondentes. As outras quatro procuraram projetar quais línguas são faladas no município e onde são faladas. No caso do *Hunsrückisch*, procuramos ainda investigar como os moradores reconhecem e denominam as línguas que falam.

O questionário foi divulgado pela internet em rede social na página online da rádio *Nova Salvador FM*. A divulgação do questionário para o público em geral também aconteceu através de um convite criado por uma antiga moradora de Salvador do Sul que o enviou para os colegas do município. Dessa forma, obtivemos um alcance viabilizado pela rede social com mais de setenta outros moradores, o que gerou um canal onde o link foi amplamente compartilhado. Ao clicar sobre o link, o interrogado era conduzido à página de apresentação (página 1) do questionário com um texto introdutório sobre como preencher o mesmo (cf. ANEXO B). Cabe ressaltar que procuramos conduzir a pesquisa a

⁴⁴ Disponível em: <<https://www.onlinepesquisa.com/>>.

respondentes residentes no município ou adjacências de Salvador do Sul. Mesmo assim, não estão descartadas respostas de ex-moradores do município, fato ao qual estaríamos sujeitos até mesmo em uma pesquisa presencial.

Buscamos, assim, construir uma ferramenta digital de levantamento de dados que fosse de fácil acesso e uso, com vistas a levantar visões heterogêneas a partir do apoio de instituições locais, como a rádio *Nova Salvador FM*. A rádio Nova Salvador conta com programas variados que procuram atingir todos os públicos e gostos; o espectro da programação é variado e contempla sertanejo universitário, programas com bandinhas alemãs, pop, nacional, internacional a modas de viola a músicas gaúchas. Há três programas voltados ao público falante de *Hunsrückisch*: O Despertar Alegre, O Programa do Meio-Dia e o *Lustich Danz Musik*⁴⁵.

Ainda sobre a ferramenta *online* de pesquisa, reconhecemos que o acesso ao meio digital favoreceu apenas alguns perfis em detrimento de outros, como será visto na análise dos dados. Esse levantamento, portanto, não exclui a necessidade de considerar o levantamento de dados *in loco*. Nessa fase da pesquisa, foram realizadas ao todo seis entrevistas, três delas escritas por e-mail, uma com o prefeito de Dickenschied, cidade co-irmã de Salvador do Sul, a segunda com o pesquisador em imigração do Hunsrück e a terceira com a coordenadora do projeto *Hunsrik*. A quarta entrevista foi realizada por vídeo com um aprendiz de *Hunsrik*. Outras duas entrevistas, com a ex-moradora do município e com a coordenadora de uma escola em Pomerode foram escritas.

Ao todo foram realizadas quatorze entrevistas, sendo sete gravadas, duas escritas, quatro enviadas por e-mail e uma realizada por vídeo. Com o objetivo de facilitar a organização dos dados, e também a análise gerada a partir desses trechos, compomos uma simbologia que correlaciona o nome fictício do entrevistado, utilizando a inicial do seu nome, ao excerto da entrevista documentada no trabalho. Por exemplo, [E05] se refere ao quinto excerto documentado no trabalho, reconhecido por [05], sendo que o entrevistado Emílio é representado pela inicial [E]. O quadro abaixo relaciona os dez entrevistados citados ao longo deste trabalho, suas respectivas iniciais, idade e escolaridade.

⁴⁵ Tradução livre: boas músicas para dançar.

Quadro 2 - Relação dos entrevistados

Nome fictício do entrevistado em ordem alfabética	Identificação do entrevistado no trabalho	Perfil dos Entrevistados: idade/ escolaridade
Antônia	[A]	59 anos- Médio completo
Claudia	[C]	60 anos - Fundamental completo
Fritz	[F]	61 anos - Fundamental completo
Emílio	[E]	66 anos - Superior completo
Ivo	[I]	Idade não informada - Superior completo
Nadia	[N]	42 anos - Superior completo
Maria	[M]	40 anos- Médio completo
Penélope	[P]	68 anos - Superior incompleto
Rita	[R]	72 anos - Fundamental incompleto
Sueli	[S]	58 anos - Superior completo

Fonte: Geração de dados da autora

Com base no exposto, procuramos explorar nas próximas seções deste capítulo a língua sob os diversos aspectos pesquisados neste trabalho. Procuramos, enfim, entender a dinâmica entre a nomeação *in vivo* dada pelos moradores e as definições cunhadas pelos pesquisadores da área.

3.2 HUNSRÜCK, DO LUGAR À LÍNGUA

Representar o sujeito historicamente situado requer, minimamente, entender sua trajetória que, no contexto dessa pesquisa, nos remete à região do *Hunsrück*, ponto de partida da maioria dos imigrantes que aportaram em Salvador do Sul. Dessa forma, esta seção busca estabelecer um breve panorama desta região, traçando as principais características quanto aos aspectos geográficos. Explicitamos, por fim, a classificação linguística elaborada com base na Proposta de Formulário de dados para o *Hunsrückisch*, segundo Altenhofen (2009).

Situada ao sudoeste da Alemanha, nas margens do rio Reno e Moselana, a região denominada Hunsrück é conhecida por uma paisagem de montanhas baixas, localizada no estado da Renânia-Palatinado. A figura 6 situa essa região na Alemanha e no estado da Renânia- Palatinado (no mapa: Rheinland-Pfalz).

Figura 6 - Estado da Renânia-Palatinado



Fonte: Site Rheinland Pfalz⁴⁶

A região é hoje conhecida turisticamente por oferecer rotas de caminhada e passeios, facilitadas pela paisagem da região com serras de baixa altitude. Dentre as principais atrações turísticas encontram-se castelos, igrejas e museus que contam a história da região, conforme se percebe na propaganda turística, com forte apelo ao turismo familiar, veiculada por sítios pesquisados para este trabalho⁴⁷.

Diante do panorama exposto no capítulo anterior, sob o qual se deu a imigração alemã no sul do Brasil, cabe-nos a constatação de que “existia uma pequena ‘Alemanha’ durante alguns anos dentro de um espaço linguístico do português” (PUPP SPINASSÉ, 2008, p. 119). Tendo em vista a variada procedência dos imigrantes que se estabeleceram no município de Salvador do Sul, conforme já exposto na seção 2.3, poderíamos, inclusive, falar de várias “Alemanhas”, cada qual com sua língua. Esse plurilinguismo alemão estabeleceu relação com a língua portuguesa.

⁴⁶ Disponível em: < <https://www.rlp.de/de/leichte-sprache/>>.

⁴⁷ Os principais sítios visitados foram: <<https://www.rlp.de/de/unser-land/>>. <<http://www.hunsrueck.touristik.de/>>. <<http://www.regionalesgeschichte.net/hunsrueck/staedte-doerfer.html>>.

Essa “pequena Alemanha” descrita pela autora trouxe consigo, além do Hunsrück, uma outra cultura, aliada a costumes e tradições. Muitas dessas tradições são mantidas ainda hoje nas comunidades, sob o pretexto de preservar o patrimônio cultural dos ancestrais, quando, de fato, são ressignificadas em um contexto plural e de contatos entre culturas. O “resgate” das tradições, ou *revivel* (MALTZAHN, 2011), se destaca não mais pelo fluxo de pessoas, mas pela característica de re(inventar), re(significar) re(viver) tradições, na sua maioria inventadas. Assim, quando a língua parece perder sua força como marcador identitário, a ressignificação das tradições reforça um imaginário acerca da gênese de algumas práticas, criando rituais e símbolos que, por vezes, podem se distanciar das práticas reais dos sujeitos. Logo, entendemos a tradição germânica como uma relação de discursos de “retomada” de um dado passado e a sua reinvenção na chave de um contexto local, incluindo a língua.

Tomando a concepção de língua na qual se assenta o olhar desta pesquisa, percebe-se que os primeiros imigrantes trouxeram várias as línguas que usavam no cotidiano. O que, a princípio, pode parecer evidente, acaba, no contexto atual de resgates, se fundindo a um discurso de retomada da língua de um único povo, de origem comum, traduzido como a língua alemã, a língua dos emigrantes alemães. Esse movimento de ressignificação das tradições propõe seu caminho na contramão de uma proposta plural, porém ganha fôlego nos discursos oficiais de salvaguarda das línguas, conforme veremos no capítulo a seguir em relação às leis de co-oficialização do *Hunsrückisch*.

Na época das primeiras imigrações, apesar de a escrita do alemão já ter sido padronizada por Martinho Lutero (XVI), o domínio dessa modalidade ainda não era algo corriqueiro para um sujeito comum, logo, a língua oral era o meio privilegiado da comunicação na vida cotidiana desses indivíduos. Assim, as práticas orais, que caracterizavam a vida cotidiana, marcavam o uso da língua alemã. Buscamos, dessa forma, compreender o significado da língua no seu presente, no seu uso ordinário, ao contrário dos discursos que insistem em regular as práticas e usos da língua em referência a um passado imemorable, intocado e originário, a hora zero das tradições germânicas.

Nesse sentido, as palavras dos pesquisadores Altenhofen e Frey (2006) são relevantes e vão ao encontro dos preceitos bakhitnianos de língua que sustentam esta pesquisa. Nessa lógica, os pesquisadores propõem que:

[...] uma língua significa muito mais do que uma lista de palavras ou regras gramaticais. É também um sinal de identidade, e atrás de cada palavra esconde-se uma história inteira e, principalmente, seres humanos com pensamentos e vontades próprios e uma maneira toda pessoal de observar o mundo. Atrás de toda palavra bate um coração, simplesmente porque as línguas são obras humanas. (ALTENHOFEN; FREY 2006, p. 43).

Trata-se, portanto, da língua do dia-a-dia dos sujeitos que encontraram no Brasil um novo lar, com novos hábitos, cultura e línguas diferentes, inclusive aquela trazida por outros imigrantes ditos “alemães”. Conforme vimos, o movimento de conservação e proteção da língua alemã se enquadra nos discursos de resgates, ou seja, de *revivel* (MALTZAHN, 2011), vinculado àquilo que Hobsbawm (1984) chama de tradições inventadas. Esse movimento de retomada de um dado passado histórico ganhou impulso no Brasil a partir dos anos 1980. Essa data, segundo Maltzahn (2011), coincide com a popularidade obtida pela *Oktoberfest* de Blumenau no estado de Santa Catarina. As festas, consideradas tipicamente alemãs, como no caso da *Oktoberfest* de Blumenau, são exemplos de uma construção de um imaginário que não surgiu como fruto da vontade de manifestação cultural de um grupo, uma vez que a organização desses eventos fica a cargo do âmbito empresarial, ou ainda sob o âmbito do poder público municipal.

A nítida preocupação com a organização de eventos “típicos” evidencia o interesse do poder público e empresarial por inventar representações simbólicas sobre a cultura e tradição alemã, afinal um “município alemão” traria diversas vantagens turísticas, podendo incluir o município na rota das festas de outubro, por exemplo. A variada gama de elementos a partir dos quais se buscam esses resgates é observada também no município de Salvador do Sul. O resgate de receitas típicas, como já evidenciado na seção 2.3 desta pesquisa, são amostras da criatividade do poder inventivo dos discursos de preservação. A *Festur*, por exemplo, em Salvador do Sul, que originalmente foi idealizada como uma festa tipicamente alemã, hoje na sua décima primeira edição, teve que se reinventar para se manter, contando com atrações nacionais consagradas pelo público. O que atualmente liga à festa a tradição alemã são alguns folclorismos, como a roupa das soberanas (rainhas e princesas) da festa e a mascote do município também vestido “tipicamente”, conforme nos mostra a figura 7.

simbólica importante, embora possa adquirir-las eventualmente” (HOBSBAWM, 1984, p. 11). As *Kerbs*⁴⁸ fazem parte dessa categoria, atualmente um tanto incomum. Trata-se de encontros promovidos pela comunidade que poderiam durar até três dias, lembrando que uma comunidade na época da colonização podia se resumir a algumas famílias. O encontro era uma espécie de baile, onde havia dança e comida trazida por todos. A moradora Joana, por exemplo, nos conta ter participado de inúmeras *Kerbs* quando criança e enfatiza o uso da língua alemã nesses encontros. Uma ex-moradora do município, Antônia, também nos relata suas lembranças sobre as *Kerbs*:

Naquela época, os bailes duravam uma semana. Nessa ocasião, as pessoas ganhavam roupas novas, assim como nós ganhamos no natal. Também a comida era especial, cucas e churrasco, coisas que fora da festa, nem todas as famílias tinham. As casas e a Igreja eram enfeitadas com galhos de árvores, flores nem sempre se encontrava. As pessoas esperavam ansiosas o ano inteiro pela *Kerbs*. [A01].

A moradora nos revela, ainda, que por volta dos anos 70 pertencia a uma das duas únicas famílias de Salvador do Sul que não falavam Alemão na época: “[...] em todos os lugares da cidade só se falava alemão.” [A02]

Logo, no cotidiano dessas pessoas, enredado pela língua alemã, poderia existir poucas ou nenhuma ocasião permeada pelo uso da língua portuguesa. Diante disso, o aprendizado do português nem sempre foi considerado importante pelas famílias imigrantes, afinal, o alemão era a língua do lar, das festas, das atividades diárias, falada pela família e passada de pai para filho. Ainda hoje, algumas pessoas mais idosas não se fazem compreender em português, necessitando de alguém que possa intermediar a comunicação. Exemplificando essa questão, a agente de saúde Penélope [P01] contou-nos que, ciente dessa realidade, o posto de saúde do município disponibiliza (mesmo que informalmente), na ocasião das visitas residenciais aos bairros da zona rural, a presença de

⁴⁸ O significado conferido à palavra pelo dicionário Duden remete ao sinônimo Kirbe (na região de Pfalz no Hunsrück) ou ainda Kirchweih, que alude aos festejos anuais em memória à inauguração da igreja. Disponível em: <<http://www.duden.de/rechtschreibung/Kirchweih>>.

agentes que falem o idioma local. O objetivo é facilitar a comunicação entre agente de saúde e paciente. Quando a questioneei sobre a disponibilidade de um agente que fale o idioma, ela foi categórica em responder que sempre há alguém que fala e que todos sabem que é preciso se organizar dessa forma para atender essa demanda. Geralmente, ela mesma faz essas visitas. Porém, quando são os pacientes que se deslocam até a unidade de saúde, esses pacientes levam alguém da família que sirva de intérprete, pois o posto de saúde não disponibiliza esses profissionais.

Ainda sobre o uso do idioma no âmbito das práticas cotidianas, o professor de alemão do município, Emílio, relatou que ainda é muito forte a presença do idioma nas atividades rotineiras das pessoas, mesmo na zona urbana do município. Nas suas palavras:

[...] nas lojas, nos mercados, até no próprio hospital, nos bancos, quase que obrigatoriamente tem que ter alguma pessoa/ algumas pessoas que entendam ou que possam falar, negociar, atender, servir, por intermédio da língua alemã, dialeto da origem, enfim. [E03].

Esse alemão das práticas cotidianas, que se mantém vivo no dia-a-dia dos sujeitos e permeia as atividades habituais, não existe, portanto, somente como uma língua restrita ao meio rural e ao seio familiar, relativamente isolada do contexto diário das práticas urbanas. Outro exemplo que mostra como o alemão extrapola os limites residenciais e familiares é ilustrado pelo excerto da entrevista com o professor Emílio:

[...] os que não tiveram, tem ou tinham a chance de fazer um curso mais aprofundado do alemão em sala de aula, eles procuram [um curso]. Ainda ontem veio um senhor que trabalha, ele queria enfim, tem que atender todo tipo de clientes, ele quer fazer um cursinho de alemão para poder atender mais e melhor seus clientes. [E04].

Não podemos, evidentemente, denegar o papel do convívio familiar que tem uma função central na manutenção da língua. Contudo, o alemão, no caso do município estudado, não se limita apenas ao uso familiar e isolado na zona rural, desconstruindo a ideia de que o uso do alemão se vincula apenas aos contextos rurais que seriam relativamente homogêneos. Observamos, por outro lado, que o aprendizado fora do

âmbito familiar não está associado apenas a interesses comerciais. Coexistem no município, além do alemão adquirido com a família e o aprendizado para fins comerciais, o interesse pelo idioma para fins turísticos. Uma amostra dessa tendência é observável na conversa com o professor Emílio: “[...] outros procuram [...], muitos procuram fazer umas aulinhas práticas necessárias para poder viajar para a Alemanha. Então eles vêm para aprender um básico para poder se comunicar melhor lá [na Alemanha]”[E05]. O alemão, portanto, não parece ameaçado de extinção, se mostrando como língua viva que permeia tanto as práticas familiares, comumente ligadas ao meio rural, quanto as atividades comerciais reconhecidamente operantes nos meios urbanos. Os excertos da entrevista: [E03], [E04], [E05] e o relato [P01] nos revelam que o *Hunsrückisch* promove a interação em diferentes âmbitos sociais.

Esses exemplos reforçaram a compreensão de que não é tarefa fácil delimitar onde estão as línguas e quando são ativadas pelos falantes. Até mesmo a própria ideia de zona rural não compartilha mais uma realidade de isolamento que levaria, supostamente, a uma maior preservação da língua alemã. Essas fronteiras, a nosso ver, não são fronteiras territoriais ou físicas. Esses limites e/ou barreiras que impedem ou hibridizam o uso das línguas são de ordem tanto política como subjetiva e estão ligados às práticas nas quais os sujeitos estão envolvidos. Não é a zona rural que preserva o uso do alemão, mas as práticas linguísticas de interação entre os sujeitos que o entorno proporciona.

Ainda com relação à coexistência de diferentes línguas na localidade, percebemos que a divisão entre alemão, *Hunsrückisch* e português nem sempre existe na concepção dos moradores. Abordaremos melhor as línguas faladas na localidade na subseção 3.4 desta dissertação. Exemplificando que essa tríade linguística nem sempre faz parte da percepção local, tem-se que na programação específica para ouvintes do *Hunsrückisch*, o programa Tarde Alegre da Rádio Nova Salvador revela a coexistência da heterogeneidade linguística presente no município. No programa ao vivo, por exemplo, os radialistas mesclam o uso do *Hunsrik*, do Português e do Alemão em suas conversas. Além de expressões de saudação em Alemão, são feitas perguntas aos ouvintes sobre o significado de alguns termos específicos em *Hunsrik*, que são respondidas ao vivo durante a programação. Logo, essa demarcação entre o Alemão e o *Hunsrückisch* não parece clara e perceptível para as pessoas. Essa mistura, derivada de uma história de hibridização das línguas na localidade, é percebida na falta de limites

rígidos que definiriam as fronteiras entre o Alemão e o *Hunsrückisch*. Essa pluralidade ressoa até os dias de hoje na memória linguística dos moradores.

Um bom exemplo da complexidade de delimitação das fronteiras das línguas foi explorado por Horst (2014), cujo trabalho⁴⁹ – desenvolvido no município de Teutônia, localizado em torno de 37 km de Salvador do Sul – sinaliza para uma tendência plurilíngue da região, com a coexistência de várias línguas que se entrecruzam, situação cunhada pela dialetologia como de “contatos linguísticos”. Na sua pesquisa, Horst (2014, p. 16) procura identificar e descrever o grau de variação do “vestfaliano em contato com uma série de variedades, em especial o *Hunsrückisch* (Hrs), o alemão-standard (StDt – *Standarddeutsch*), o *Hochdeutsch* local (Hdt) e o português (Pt), em suas diferentes manifestações e níveis”, buscando revelar essas tendências no comportamento linguístico dos falantes. A partir desses dados, e dos exemplos coletados para a nossa pesquisa, podemos inferir que há uma mistura, uma hibridização em maior ou menor escala para as línguas em contato, ou seja, a língua ecoa as suas origens de um desde sempre “alemão misturado” [E06].

Trabalhos dessa natureza revelam o grau de fusão das línguas em interação, para além da identificação e quantificação das línguas observadas numa dada comunidade. Segundo Horst (2014, p. 18):

O conhecimento sobre o plurilinguismo e a dinâmica dos contatos linguísticos interfere, além disso, no trabalho docente, especialmente do professor de línguas. Atitudes positivas são fundamentais no processo de aprendizagem e propiciam análises comparativas com outras línguas, no caso do vestfaliano sobretudo com a língua alemã e a língua inglesa, com vantagens para a compreensão de determinadas estruturas utilizadas pelos alunos.

Assim, entendemos que para o *Hunsrückisch* também são relevantes pesquisas que considerem a dinâmica das línguas em interação, especialmente se considerarmos o ensino da língua Alemã numa comunidade falante do *Hunsrückisch*, ou vice-versa. Ainda que

⁴⁹ Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102193/000921516.pdf?sequence=1>>.

essas línguas tenham entrado em contato com outras variedades, o *Hunsrückisch* se mantém, hoje, no município de Salvador do Sul em muitas esferas sociais para além do convívio familiar. O contexto familiar, porém, contribuiu e contribui ainda hoje, inegavelmente, para a sua manutenção, atuando como uma força centrípeta de manutenção linguística. Sobre essa relação entre contextos privado e público, e a força centrípeta do contexto familiar, no censo de 1940, segundo Pupp Spinassé (2008, p. 120), “apurou-se que no Rio Grande do Sul 747.859 pessoas não falavam o português em casa: 393.934 dessas pessoas falavam alemão e 295.995, italiano”. Isso nos revela a força simbólica das práticas que envolvem as atividades que permeiam esses usos.

Essa realidade, em que nem sempre o português se fazia presente ou sequer necessário, se comprova nas palavras da moradora Rita, entrevistada da nossa pesquisa: “[...] eu tinha quase 50 anos quando eu fiz a cirurgia da cabeça, aneurisma cerebral [...] aí eu fui internada na grande Porto Alegre sem falar português [...] no meio dos médicos. Quase não podia pedir água em português.” [R01].

Retomando as pesquisas sobre o *Hunsrückisch*, Altenhofen e Frey (2006, p. 43) destacam ainda, que:

Uma língua como o *Hunsrückisch* aprende-se sobretudo pela vida em família e na sociedade, mesmo que às vezes nem seja reconhecida e até proibida, como em épocas de guerra ou conflitos. Sem dúvida, o *Hunsrückisch* no Brasil tornou-se fortemente e sempre mais brasileiro e aportuguesado, mas é isso que o torna justamente uma língua brasileira, um patrimônio cultural imaterial do Brasil e de sua história, assim como o fizeram as línguas indígenas com o português, no início da colonização. O português, no Brasil, simplesmente tornou-se brasileiro, ficou brasileiro.

Cabe destacarmos, diante do que nos afirmam Altenhofen e Frey (2006), que a rarefação dos usos da escrita em *Hunsrückisch* e em alemão no município de Salvador do Sul possa ter sido estimulada pela política linguística de proibição do uso do alemão e do fechamento das escolas durante a era Vargas. Contudo, o Estado Novo não provocou o total silenciamento da língua alemã, uma vez que algumas línguas alemãs que existiam prioritariamente na oralidade se mantiveram até os dias atuais. Essa intervenção política, e suas consequências para o

ensino, é ilustrada no nosso estudo pelo trecho da entrevista com a moradora Cláudia: “[...] a gente aprendeu a falar o alemão que os pais falavam, foi tipo perto da segunda-guerra mundial, eu acho, daí eles proibiram de falar o alemão e nessa época eu estava no colégio, então os professores não podiam falar alemão com a gente. Era proibido!” [C01]. Salienta-se que em Salvador do Sul, até 1942, as crianças eram alfabetizadas em português e alemão. (LERMEN; SPECHT, 1999, p.51).

Outro aspecto por nós observado relaciona-se à afirmação anterior de Altenhofen e Frey (2006) sobre o abasileiramento do alemão: A noção de domínio e de posse sobre a língua, a quem foi atribuída uma nacionalidade, parece uma forma de abafar as singularidades que extrapolam as questões nacionalistas. Afinal, a quem interessa se apropriar da língua como patrimônio nacional brasileiro? No capítulo 2 desta dissertação, pudemos aferir as consequências da manipulação da língua como discurso de pertencimento e como produto da ideia de vinculação a uma nação. Essa prática pode ser analisada nos seguintes termos: “A objetificação da língua encoraja aqueles que elaboram políticas a pensar em termos de que pessoas possuem línguas, ou de quantas pessoas podem ser persuadidas a usá-las, ou de como essas línguas podem ser dadas as pessoas” (MAKONI E MEINHOF, 2006, p. 195). Nessa direção, a língua passa a figurar como um marcador, um identificador de identidades nacionais.

Em dissenso com essa prática de *coisificação da língua* (SEVERO, 2016), transformando a língua em algo a que se possa atribuir posse ou controlar, defendemos que a língua é constitutiva de seus falantes, e é a partir deles que devemos pensar as relações de poder que se estabelecem nas políticas atuais. Entendemos que pensar a língua como processo, evento e indeterminação suprime a ideia de discursivização da língua como produto a ser “consumido” como signo identitário. A língua, quando tomada como produto, pelos processos de objetificação, figura como poderoso instrumento de manipulação por políticas linguísticas que contribuem para a imposição de uma língua ou do seu silenciamento. Ou seja, buscamos, a partir da política, olhar a dinâmica das línguas. Afinal não é uma teoria linguística que autoriza os atos de política linguística e sim os seus falantes e suas práticas (RAJAGOPALAN, 2013).

Ressaltamos, ainda, que não denegamos a hibridização inerente dos contatos entre diversas línguas em contextos plurilíngues, porém, reiteramos que cabe aos falantes definirem o que para eles conta como língua. No contexto desta pesquisa,

Como a maioria dos imigrantes originava-se da região de língua alemã mais pobre naquela época – a região do Hunsrück -, e sua língua diária era o dialeto francônio-renano/francônio-moselano, essa variedade contribuiu inegavelmente para a formação de mais uma língua híbrida no Brasil (PUPP SPINASSÉ, 2008, p. 119).

Esse hibridismo inerente dos contatos linguísticos fez com que as línguas trazidas pelos imigrantes incorporassem alguns termos do português, por exemplo. É preciso, contudo, também considerar a presença de outras variedades do Alemão, bem como a presença da língua alemã, como a conhecemos hoje, com um sistema de escrita padronizado. A língua alemã padrão, igualmente presente no município, provinda principalmente num segundo período migratório, contribuiu igualmente para a constituição do *Hunsrückisch* local. Sobre esses contatos entre as línguas e o hibridismo inerente a essa interação, já identificados no capítulo 2 a ideia de Babel. Assim, constatamos a inviabilidade de se reivindicar uma posse dessa variedade, que, afinal, já é de todos os sujeitos. Entender a história do município e de suas línguas é compreender que o *Hunsrückisch* não é um sistema homogêneo e estável, mas parte de uma construção discursiva e histórica que elenca certos elementos linguísticos e discursivos (em detrimento de outros) para definirem o que conta como índice de “germanidade”. Tecidas essas reflexões, buscamos relacionar as definições atribuídas ao *Hunsrückisch* a partir da perspectiva de Altenhofen (2009).

A classificação que segue foi elaborada com base na Proposta de Formulário de dados para o *Hunsrückisch* de Altenhofen (2009), e tem como objetivo proporcionar um panorama geral das principais características do *Hunsrückisch*. Os primeiros imigrantes oriundos da região do Hunsrück e imediações, na Renânia central (Alemanha), trouxeram consigo também a sua língua. A denominação mais corrente para a língua falada por eles é *Hunsrückisch*, porém coexistem algumas auto-denominações, das quais se destacam: *Hunsrückisch*, *Hunsrück*, *Hunsbucklisch*, *Hunsbucklerisch*, *Platt*, *Deutsch*, *Plattdeutsch*, *Riograndenser Hunsrückisch*. Em português esse termo foi cunhado como hunsruqueano.

Quanto a sua caracterização e classificação, Altenhofen (2009, p. 2) destaca ainda que:

[...] o Hunsrückisch constitui a autodenominação dos falantes para uma variante supra-regional do alemão como língua alóctone (de imigração) em contato com o Português do Brasil vinculada historicamente a um contínuo dialetal de base francônio-renana (mais próxima do padrão) e francônio-moselana (mais próxima do baixo-alemão), que no entanto se difere destes por diversos traços de influência do português e de outras variedades de contato, inclusive do contínuo em questão, refletindo assim uma história e características derivadas do contexto brasileiro que a diferem substancialmente da matriz de origem na Renânia Central.

Ainda conforme nos revela Altenhofen (2009), as principais áreas de ocorrência do Hunsrück podem ser sistematizadas no Rio Grande do Sul sob duas grandes regiões, a primeira, as chamadas colônias velhas, iniciadas a partir de 1824, com o povoamento de São Leopoldo e regiões próximas a Porto Alegre, incluindo o município de Salvador do Sul. A segunda se estabeleceu como resultado das migrações internas dos descendentes dos primeiros imigrantes para a região das colônias novas do alto Uruguai e Missões, por volta de 1890.

3.3 AS LÍNGUAS FALADAS EM SALVADOR DO SUL

Esta seção se dedica à análise de dados originados da pesquisa online, cujo formato já foi explicitado no subcapítulo 3.1 deste trabalho. Cabe aqui reiterar que a aplicação do questionário procurou definir as línguas faladas no município de Salvador do Sul, partindo da denominação dada pelos próprios moradores a essas línguas. A análise de dados que segue está estruturada em três partes, cada uma delas conforme o tópico que está sendo analisado. Na primeira parte da análise, buscamos traçar o perfil dos participantes da pesquisa, com base nas perguntas 5, 6, 7 e 8 do questionário (cf. ANEXO B). Em um segundo momento, nos concentramos em levantar, através dos dados obtidos, as línguas faladas na localidade. E, finalmente, em uma terceira fase, procuramos relacionar os locais de uso do *Hunsrückisch* tal qual destacados pelos respondentes.

Antes de partirmos para as fases mais específicas deste estudo, gostaríamos de enfatizar que as considerações aqui levantadas, com base nessa amostra, nos revelam tendências e abrem caminhos para futuras

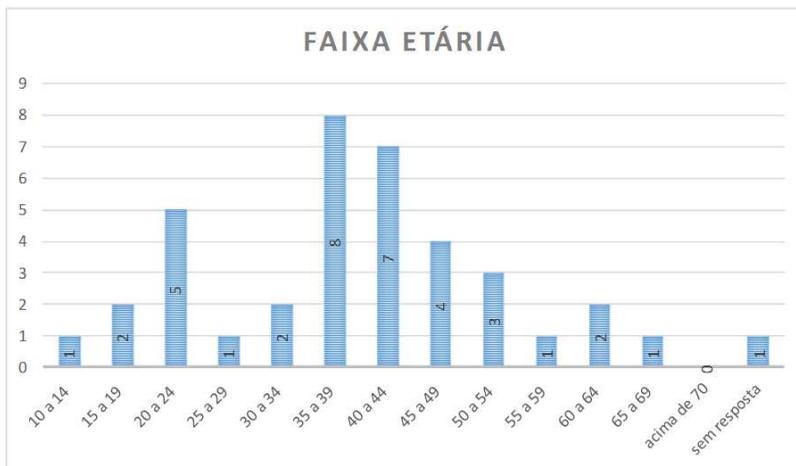
pesquisas. Ou seja, não foi o intuito dessa amostragem chegar a um resultado conclusivo. Buscamos, acima de tudo, nos aproximar da opinião dos moradores, os especialistas nas línguas que falam. Afinal, defendemos que a legitimação de uma língua, como tal, deveria partir de seus falantes (RAJAGOPALAN, 2013). Por isso, acreditamos que é possível buscar na comunidade a opinião sobre as questões pertinentes à língua, proporcionando, dessa forma, um diálogo entre as teorias linguísticas e as vozes do contexto real de uso da língua. Partimos da premissa de que somente através desse diálogo podemos de fato estabelecer relações entre as práticas reais dos sujeitos em interação com as teorias linguísticas. Afinal, “a pluralidade é condição para a política.”⁵⁰ (SEVERO, 2015).

3.3.1 O perfil dos participantes

A pesquisa, que foi disponibilizada *online* pelo período de trinta dias, contou com a participação de quarenta respondentes. Desse total, dois participantes, apesar de terem iniciado o processo, não concluíram o questionário. Dessa forma, consideraremos apenas o número de pesquisas efetivamente respondidas, o que equivale a trinta e oito. Entendemos, portanto, que a exclusão desses questionários não implicará a alteração dos resultados no que compete à análise do perfil dos participantes. Diante dessas considerações e com base nas respostas obtidas a partir do questionário disponibilizado, exibimos, primeiramente, a faixa etária e, em seguida, a escolaridade; por fim, cruzamos os dados referentes à idade e escolaridade e chegamos ao perfil dos trinta e oito participantes. Evidenciamos, ainda, os contextos de uso das línguas apontados pelos participantes. Ressalta-se que idade e escolaridade são categorias importantes, pois nos ajudam a estabelecer a relação entre a língua alemã, a escolarização e a possibilidade de mudança geracional.

⁵⁰ Disciplina do curso de Políticas Linguísticas da Universidade Federal de Santa Catarina, semestre 2015/2.

Gráfico 1 - Faixa Etária dos participantes



Fonte: Geração de dados pela autora

Estabelecemos, diante dos resultados obtidos, que o pico etário dos que participaram da pesquisa está entre 35 e 39 anos, o que equivale a oito do total de participantes, conforme nos mostra o gráfico 1. Apesar de a pesquisa ter atingido quase todas as faixas etárias apresentadas como opção, com exceção daqueles acima de 70 anos, percebemos que aproximadamente 74% dos respondentes tem mais de 35 anos, o que concentra o maior número de respostas numa escala etária que varia entre 35 e 54 anos, e que representa, portanto, 28 respondentes. Para facilitar análises futuras, reuniremos as faixas etárias em grupos, com o objetivo de melhorar a visualização e a distribuição de dados. Os três grupos etários foram delimitados crescentemente, num intervalo de aproximadamente 20 anos. A saber, G1 (de 10 a 29 anos), G2 (de 30 a 54 anos), G3 (55 a 69 anos). Logo, com base nessa divisão e diante dos resultados do gráfico acima, temos nove participantes do G1, 24 representantes do G2 e quatro do grupo etário G3.

Já no que se refere à escolaridade dos participantes, as respostas obtidas foram convertidas na forma do gráfico 2. Utilizamos, na montagem desse gráfico, as seguintes abreviações especificadas no quadro abaixo.

Quadro 2 - Abreviação do grau de escolaridade

Abreviação no gráfico	Grau de escolaridade
FC	Fundamental completo
FI	Fundamental incompleto
MC	Médio completo
MI	Médio incompleto
SC	Superior completo
SI	Superior incompleto

Fonte: Geração de dados da autora.

Gráfico 2 - Escolaridade dos participantes



Fonte: Geração de dados da autora.

Percebemos, pelas respostas obtidas, que aproximadamente 66% dos participantes possui ensino superior, o que equivale a uma apuração de 26 pessoas. Desse total, conforme nos indica o gráfico, a maioria, ou seja, 15 pessoas possuem ensino superior completo (SC), seguidos pelo superior incompleto (SI), que consiste em onze participantes. Ainda conforme o exposto, quatro participantes possuem o fundamental incompleto (FI), cinco têm o ensino médio completo (MC) e ainda um tem o médio incompleto (MI). Ainda com base no gráfico 2, podemos inferir que as alternativas para fundamental completo não foram selecionadas e dois respondentes não selecionaram nenhuma das alternativas como resposta, deixando-as em branco.

No que compete à área de atuação dos membros desta pesquisa, contamos com a participação de 38 profissionais das mais variadas áreas de atuação, o que nos possibilitou elencar 20 diferentes profissões que contribuíram para traçar um perfil profissional dos respondentes. Dessa forma, dividimos as profissões registradas em cinco grupos, com o objetivo de cruzar os dados referentes à escolaridade e ao perfil profissional dos respondentes. Para tal, consideramos os cinco grupos de escolaridade selecionados pelos respondentes, conforme o gráfico 2, e agrupamos as respectivas profissões dentro de cada grupo. Foi possível inferir através dos resultados alcançados que os três perfis profissionais mais cooperativos com a nossa pesquisa foram o de professores, que contou com nove integrantes, seguido de uma tríade entre Empresários, Estudantes e Do Lar, que compõem o segundo lugar com três participações cada um. Finalmente, o bronze das participações vai para o trio de: Serviços Gerais, Metalúrgicos e Técnicos em enfermagem, cada qual com duas respostas. As demais profissões contaram com a cooperação de um participante.

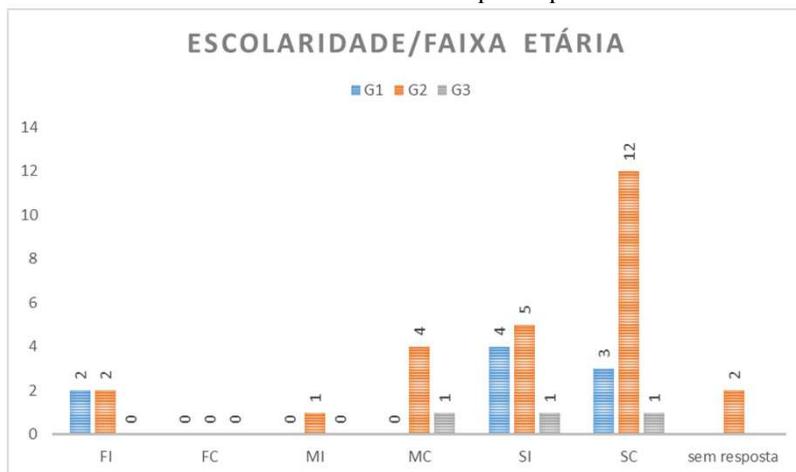
Quadro 3 - Distribuição das profissões de acordo com grau de escolaridade

Grau de escolaridade	Profissões
Fundamental incompleto	Do Lar, Serviços Gerais, Estudante
Médio incompleto	Empresário
Médio completo	Diretor do SINE, Vendedora, Do Lar
Superior incompleto	Operador de máquinas, Técnico em Enfermagem, Professora, Contadora, Metalúrgico, Secretária e Estudante.
Superior completo	Engenheiro Civil, Relações Públicas, Professora, Psicóloga, Dentista, Empresária, Servidor Público, Estudante

Fonte: Geração de dados da autora

Buscando um delineamento mais detalhado dos colaboradores deste estudo, interligamos os grupos etários G1, G2 e G3 com os dados referentes à escolaridade, conforme o quadro 3, e obtivemos as seguintes características quanto aos colaboradores desta pesquisa.

Gráfico 3 - Escolaridade/Faixa Etária dos participantes



Fonte: Geração de dados da autora.

O perfil geral dos participantes desta pesquisa pertence ao grupo etário G2, representado no gráfico pela cor laranja. O número de participantes desse grupo é de 26 integrantes. Cabe ainda destacar que a ferramenta online utilizada para essa etapa do trabalho talvez tenha contribuído para a emergência desse perfil, em detrimento de um público acima de 70 anos, por exemplo, como já pudemos evidenciar através dos resultados obtidos. Acreditamos, também, que o convite gerado pela ex-moradora também exerceu influência sobre esse perfil, uma vez que seus contatos se assemelham ao seu próprio perfil, superior completo (SC) com mais de 30 anos (G2). Estamos cientes também de que até mesmo uma pesquisa *in vivo* possa favorecer alguns perfis em detrimento de outros e exige, por vezes, uma procura mais acirrada de alguns perfis. Porém, também temos convicção de que isso não invalida essa amostragem, mesmo cientes de que uma pesquisa mais detalhada e abrangente, levando em conta essas questões, seja necessária no município.

Tendo definido os participantes dessa etapa do nosso trabalho, retomamos uma de nossas questões específicas nesta pesquisa: Definir e problematizar o conceito de língua alemã em Salvador do Sul. Assim, nos aproximamos do modo como os sujeitos representam a língua e seus usos na localidade. Para traçar a relação dos sujeitos com as línguas faladas no município de Salvador do Sul, nos debruçamos sobre as

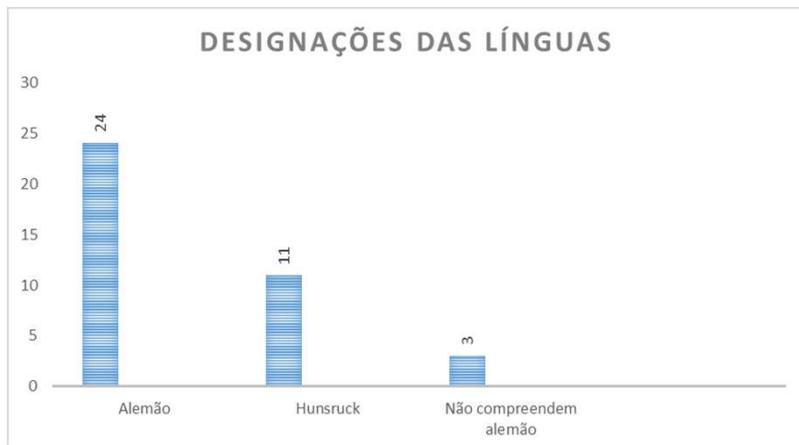
primeiras quatro questões da pesquisa (cf. ANEXO B), expostas na próxima seção deste capítulo.

3.4 SALVADOR DO SUL E SUAS LÍNGUAS

Esta seção tem como principal foco entender quais línguas, e em quais instâncias enunciativas, são usadas no município de Salvador do Sul. Tentando lançar luz a essa questão, compilamos as respostas da primeira questão da pesquisa “Quais línguas você compreende?” Constatamos que três participantes marcaram unicamente o português como língua que compreendem. Trinta e cinco respondentes apontaram o alemão como uma das línguas com a qual interagem no seu dia-a-dia. Dentre esses trinta e cinco integrantes que compreendem o alemão, procuramos identificar como esse “alemão” é reconhecido por seus falantes.

Reunimos no gráfico que segue as designações dadas ao alemão, conforme as escolhas dos respondentes. Cabe destacar que nem sempre o alemão apresenta equivalência com o *Hunsrückisch*, na perspectiva dos moradores. Dessa forma, para compreendermos melhor essa relação, a leitura das elucidicações foi feita de acordo com a seguinte convenção: para respostas em que o alemão é mencionado, levou-se em conta que os participantes não consideraram nenhuma outra nomenclatura para o alemão, isto é, esses moradores consideraram que falam o alemão, sendo esse o único nome que afirmaram reconhecer para essa língua. Já quando o *Hunsrückisch* é mencionado, surgem também outras designações, como dialeto, *Hunsruck*, *hunsrich*, *hundrich* e *Thaidch*, tendo esse segundo grupo compartilhado o conhecimento de outras denominações para a língua.

Gráfico 4 - Designações das Línguas

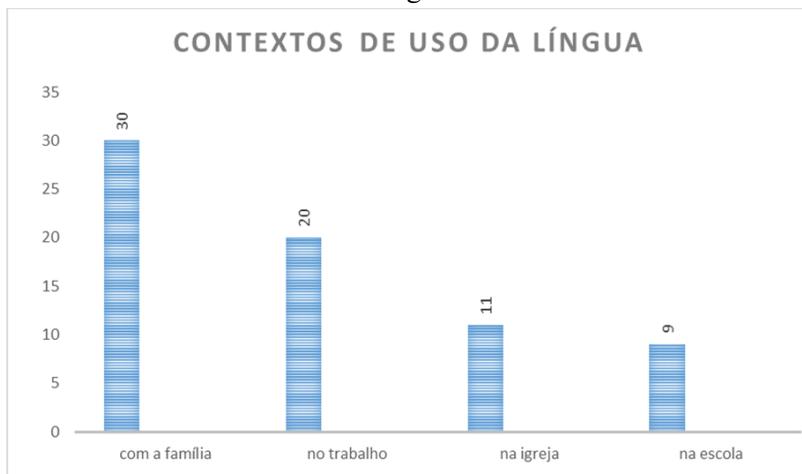


Fonte: Geração de dados da autora

Logo, esse parecer nos indica que a maioria dos constituintes dessa amostra não conhece outras formas de designação para o alemão que falam, ou seja, falam e/ou compreendem alemão, sem considerar uma outra nomenclatura para essa língua, ainda que emerjam considerações, geralmente de cunho negativo, que reconheçam uma certa diferenciação. Alguns exemplos que identificam essa diferença foram coletados nesta pesquisa, como por exemplo, “alemão misturado” [E06], “o alemão daqui” [C02], “alemão não verdadeiro”[N1]. Logo, essa amostra nos revela que prevalece na localidade – pelo menos no enquadramento do perfil da pesquisa – o idioma Alemão como língua a qual as pessoas compreendem.

Procurando delinear a finalidade discursiva do alemão na esfera local, as respostas obtidas foram representadas no gráfico 6, e nos mostram uma tendência quanto aos usos do alemão na localidade. Consideramos para esse levantamento apenas as respostas dos participantes que afirmam compreender o alemão/*Hunsrückisch*, com isso, consideramos trinta e cinco respostas na configuração do gráfico. Atentamos para uma configuração de múltiplas possibilidades na questão elaborada, uma vez que nos pareceu relevante que o participante pudesse apontar vários contextos de uso da língua. Por se tratar de uma questão de múltipla escolha, os dados que seguem correspondem ao número de vezes que cada opção foi marcada, o que não descarta a escolha de mais de uma alternativa para a mesma pergunta.

Gráfico 5 - Contextos de uso da Língua



Fonte: Geração de dados da autora.

Inferimos através das opções selecionadas pelos informantes na pesquisa online, que o contexto familiar ainda continua sendo o de maior incidência da língua alemã, indicado no gráfico como a primeira opção selecionada por aproximadamente 86% dos participantes da pesquisa. Com relação ao contexto de interação familiar, um participante fez a seguinte observação: “Na realidade *era* usado em todos os lugares, pois ainda tem pessoas que vem do interior que tem dificuldade com o português (inclusive nos consultórios médicos)”⁵¹. Esse relato corrobora com a tendência por nós já observada de que o alemão não está apenas restrito ao meio de interação familiar. Essa observação nos indica também que há, por parte dos falantes, a percepção de que o alemão está presente no dia-a-dia da localidade. Notamos, ainda, que essa participante, do grupo G2, vendedora e com escolaridade MC, apontou falar o alemão exclusivamente no âmbito familiar e profissional. Diante do perfil profissional da participante e com base no seu relato, acreditamos que, como já reconhecidos por outros relatos ao longo deste trabalho, o alemão extrapola o convívio familiar.

⁵¹ Esse breve relato faz parte da área de texto disponível para os respondentes do questionário online da questão de número 3: Onde você costuma usar essa língua? Grifo nosso.

Nos chama atenção, com relação aos resultados obtidos, que a escola representa a esfera onde menos se interage em alemão. Apesar de um histórico de escolas bilíngues no município, que até 1942 alfabetizava em alemão, como já exposto na seção 2.3, é preciso evidentemente ter em mente que o alemão é ensinado somente em uma escola, e apenas no sexto e sétimo ano dessa escola. Dentre os sujeitos que escolheram essa opção do questionário de uso do alemão na escola, cinco são professores e uma é dona de casa, todos pertencentes ao G2, além de um estudante e uma secretária ambos do grupo etário G1. Cabe, ainda, a constatação de que cinco respondentes afirmaram utilizar o alemão em todas as esferas, ou seja, familiar, profissional, escolar e religiosa. Esses participantes incluem quatro professores e uma “do lar”.

Ainda que o perfil dos respondentes possa ter influenciado nas respostas com relação aos contextos de uso do alemão na localidade, percebe-se claramente a presença da língua no município o que corrobora com a percepção do professor Emilio, conforme já descrito no excerto [E06]. Essa pequena amostra analisada nos aponta que também um público mais jovem, nomeado por nós como G1, ainda faz uso do alemão tanto no âmbito familiar quanto na esfera profissional. Nos parece, portanto, que a manutenção da língua no município não parece ameaçada, principalmente diante das afirmações que confirmam que os nove respondentes do grupo G1 afirmam compreender o alemão.

Essa diferenciação entre as línguas, porém, nos parece mais clara no âmbito governamental, onde a língua na sua forma escrita emerge apenas representando o alemão *standart*, reconhecido pelos falantes como *Hochdeutsch* (alto alemão). Procuramos evidenciar na tabela que se segue os usos do alemão em diferentes contextos e para diferentes finalidades discursivas, identificados no município. Esses dados são uma sistematização a partir das análises da pesquisa online, considerando também o quadro 1 do corpus da pesquisa.

Quadro 4 - Usos do Alemão em diferentes contextos e para diferentes finalidades discursivas

Esfera sócioideológica	Instância enunciativa/discursiva	Usos/ finalidade discursiva	Interlocutores
Governo (prefeitura)	<i>Festividades</i>	Uso de elementos simbólicos da "cultura germânica" para a divulgação de eventos	Moradores do município
	<i>Livro de Receitas</i>	Uso do alemão escrito para divulgação das receitas	Leitores do alemão
	<i>Revista nos trilhos da história - A evolução de uma terra e sua gente</i>	Uso do português escrito para divulgação da história do município	Moradores do município
Mídia jornalística	<i>Coluna da palavra dominical no Jornal Oral</i>	Uso do alemão escrito na coluna redigida pelo padre Hermes	Leitores do alemão
	<i>Coluna do jornal Expressão regional</i>	Uso mesclado do Hunsrückisch e do alemão escrito na coluna redigida pelo professor Emílio	Leitores de Hunsrückisch
Ensino	<i>Aulas Particulares</i>	Uso oral do alemão para fins comerciais	Alunos
		Uso oral do alemão para fins de viagem	
	<i>Na escola</i>	Uso do Hunsrückisch no dia-a-dia escolar	Falantes de Hunsrückisch
	<i>Escola pública municipal</i>	Uso do alemão escrito	Alunos da escola
Rádio	<i>No programa Tarde Alegre</i>	Uso mesclado das formas orais do Hunsrückisch e do alemão	Ouvintes do Hunsrückisch

Práticas cotidianas	<i>Serviços públicos (saúde)</i>	Uso oral do Hunsrückisch no dia-a-dia	Falantes de Hunsrückisch
	<i>Trabalho</i>	Uso oral do alemão na interação entre as pessoas	Falantes de alemão
		Uso oral do Hunsrückisch na interação entre as pessoas	Falantes de Hunsrückisch
	<i>Igreja católica</i>	Uso oral do alemão na interação entre as pessoas	Falantes do alemão
		Uso oral do Hunsrückisch na interação entre as pessoas	Falantes de Hunsrückisch
	<i>Família</i>	Uso oral do Hunsrückisch na interação entre as pessoas	Falantes do alemão
		Uso oral do Hunsrückisch na interação entre as pessoas	Falantes de Hunsrückisch
	<i>Comércio em geral</i>	Uso do Hunsrückisch no dia-a-dia	Falantes de Hunsrückisch

Fonte: Geração de dados da autora

Percebemos que as formas de designação da língua como alemão ou *Hunsrückisch* variam no município de Salvador do Sul. Entre as designações encontradas estão: dialeto, *Hunsruck*, *hunsrich*, *hundrich* e *Thaidch*, Alemão e *Hochdeutsch*. Porém, analisando melhor a ocorrência dessas designações, percebemos a presença de dois grupos distintos: os falantes de Alemão e/ou *Hochdeutsch* e os falantes de dialeto, *Hunsruck*, *hunsrich*, *hundrich* e *Thaidch*. Diante disto, é possível inferir que o uso do termo “alemão” se vincula ao domínio da forma padrão ou de uma dada representação do que seria a forma padrão.

A designação das línguas observada nessa amostra nos revela a presença de uma comunidade linguística imaginada (ANDERSON, 2008) pelas representações, que ainda hoje reflete os diferentes momentos políticos que acompanharam a história das imigrações. Algumas dessas representações ressoam o processo histórico de construção da ideia de nação vinculada à língua, conforme já discutido no capítulo 2 desta dissertação. Conforme já vimos, a ideia de língua nacional criou uma tensão na relação entre os primeiros imigrantes alemães e um segundo grupo advindo de uma Alemanha já unificada:

Os imigrantes pioneiros e os *Brummer* (os fugitivos de 1848), ao receberem esses novos grupos, não se harmonizaram, de pronto, com os por eles mesmo denominados *Reichsdeutsch* (alemães do Império). Consideravam-nos eruditos demais, excessivamente apegados a região de origem e defensores de um país que não dizia respeito a sua história. Além disto, utilizavam o alto alemão, uma linguagem de difícil entendimento, pois, até 1870, os habitantes das diversas regiões que formavam a Alemanha falavam apenas dialetos. (MAGALHÃES, 1998, p. 31).

Tal divisão de classe se materializa também nas apreciações sobre os usos linguísticos, como a diferenciação feita entre o alemão de prestígio (*Standarddeutsch*) e o “alemão cachorro” [F01]. Outros exemplos de valoração da língua que produzem diferenciações entre as pessoas foram sistematizados na seção 3.6 deste capítulo.

Na prática, porém, nas escutas e observações de campo, nos programas da rádio local, nos blogs e nas conversas com os moradores, os registros nos mostram que essa divisão parece existir como forma de representação das pessoas acerca das línguas. Logo, essa comunidade linguística falante de *Hochdeutsch* (alto alemão), que supostamente se distinguiria dos sujeitos falantes de *Hunsrückisch*, é mais imaginada que real, visto que ao longo desta pesquisa, não detectamos limites claros e bem definidos entre o Alemão e o *Hunsrückisch*. Diante disso, compreendemos que as línguas devem ser vistas em relação às representações e discursos que elas veiculam, uma vez que “[...] em cada momento da sua formação a linguagem diferencia-se não apenas em dialetos linguísticos [...], mas, o que é essencial, em línguas sócio-ideológicas; sócio grupais, “profissionais”, de “gêneros”, de gerações,

etc. (BAKHTIN 2014, p. 82, grifos no original). A análise dos dados nos mostra que as línguas em Salvador do Sul continuam representando seu caráter Babilônico de origem. Estão em questão, também, as interpretações desse aspecto como sendo um “problema” (Babel) ou um “trunfo” (Babilônia).

No próximo capítulo, procuramos traçar um panorama geral das co-oficializações do alemão no Brasil atentando ao exemplo do município de Pomerode. Em seguida, analisamos as co-oficializações do *Hunsrückisch* no município de Santa Maria do Herval, no estado do Rio Grande do Sul e no município catarinense de Antônio Carlos, enfocando a implementação do ensino nas escolas públicas municipais de ambos os municípios. Consideramos importante fazer essas pequenas análises para averiguar as motivações das políticas de co-oficialização bem como as suas implicações para as comunidades. Essa pesquisa é relevante, pois, diante da situação linguística de Salvador do Sul, essa cidade seria um forte alvo dessas políticas.

CAPÍTULO 4

AS POLÍTICAS DE CO-OFICIALIZAÇÃO

4.1 PANORAMA GERAL DAS CO-OFICIALIZAÇÕES

Apesar do número crescente de municípios que vêm co-oficializando uma ou mais línguas no Brasil, atualmente dois municípios têm o *Hunsrückisch* como língua co-oficial ao lado do Português: o município de Antônio Carlos em Santa Catarina; e no estado do Rio Grande do Sul, o município de Santa Maria do Herval. O quadro abaixo nos traz uma dimensão geral de quantos municípios co-oficializaram quais línguas no Brasil.

Quadro 5 - Lista de municípios e línguas co-oficializadas.

Município-UF	Língua(s)
São Gabriel da Cachoeira-AM	Nheengatu, Baniwa e Tukano
Tocantínia-TO	Akwê Xerente
Bonfim-RR	Macuxi e Wapichana
Tacuru-MS	Guarani
Pancas-ES	Pomerano
Santa Maria de Jetibá-ES	Pomerano
Domingos Martins-ES	Pomerano
Laranja da Terra-ES	Pomerano
Vila Pavão-ES	Pomerano
Canguçu-RS	Pomerano
Serafina Corrêa-RS	Talian
Antônio Carlos-SC	Hunsrückisch
Santa Maria do Herval-RS	Hunsrückisch
Pomerode-SC	Alemão

Fonte: IPOL⁵²

Chama atenção, diante do panorama de municípios que regulamentaram o Pomerano, a opção da cidade de Pomerode, em Santa

⁵² Disponível em: <<http://e-ipol.org/ipol-realiza-1a-formacao-de-digitadores-e-2a-etapa-de-formacao-recenseadores-para-o-censo-linguistico-do-municipio-de-antonio-carlos-sc/#more-6122>>.

Catarina, por co-oficializar o alemão. Buscando entender essa opção, entrevistamos a coordenadora pedagógica de uma das escolas bilíngues do município. Nas palavras de Nádia:

Nós temos alemão porque os imigrantes que aqui chegaram vieram falando Pomerano, mas como depois destes vieram imigrantes falando alemão esta língua foi sendo mantida. Claro que quando vieram havia diversas palavras que não eram usadas, como por exemplo lixo. Quando os imigrantes vieram não havia lixo. Quando a palavra lixo começou a ser usada não sabiam em alemão e por isso continuaram usando lixo no alemão. [N01].

Essa realidade plurilíngue e de coexistência de várias línguas é observada em diversos municípios que tiveram a presença de imigrantes, tanto em Santa Catarina, quanto no Rio Grande do Sul. Segundo Nádia, existe uma minoria falante de *Plattdeutsch* e Pomerano, sendo, portanto, a língua alemã a mais falada no município. Logo, o alemão é oferecido nas séries iniciais e finais das escolas públicas municipais; além disso, a localidade conta com duas escolas bilíngues que oferecem em alemão as disciplinas de matemática, artes, alemão e *Sachunterricht*, uma junção das disciplinas de ciências, história e geografia.

Na contramão do discurso atual de co-oficializações, o exemplo da cidade de Pomerode não parece pautar suas ações na defesa de uma minoria linguística ainda presente no município. Segundo a lei nº 2251 (cf. ANEXO C) a co-oficialização neste município tem como finalidade única “[...] preservar a cultura e a tradição alemã, herdada dos colonizadores alemães”. Logo, essa finalidade parece estar sendo cumprida, pelo menos no que se refere ao contexto educacional de ensino da língua alemã na rede municipal de ensino. Notamos que o enfoque educacional tem sido uma meta principal dos projetos que oficializaram línguas no Brasil.

Contudo, o ensino nas escolas nem sempre se torna uma realidade nos municípios que co-oficializaram línguas de imigração, ao lado do português. A ausência do ensino do idioma nas escolas tem se mostrado frequente nas localidades que priorizaram, sob a égide de resgate cultural e histórico, a co-oficialização de uma segunda língua. Como no caso do município de Antônio Carlos no estado de Santa Catarina. Afinal, a política linguística nos revela a necessidade de estarmos

atentos a uma gama maior de situações, que vão além das regulamentações e decretos, em direção a uma percepção plurilíngue que extrapola a mera identificação e contagem de línguas numa dada localidade. Dessa forma, procuramos mostrar na próxima seção desta pesquisa o exemplo do município de Santa Maria do Herval no estado do Rio Grande do Sul, que, paradoxalmente, optou por não co-oficializar a alemão para que o ensino na rede pública pudesse, de fato, figurar como uma realidade nas escolas do município. Isso mostra que a co-oficialização não é requisito para as políticas de ensino, podendo, inclusive, afetar ou impossibilitar que projetos educacionais de ensino de um idioma se tornem, de fato, realidade.

4.2 SANTA MARIA DO HERVAL E A OPÇÃO POR NÃO CO-OFICIALIZAÇÃO

O município de Santa Maria do Herval, ao contrário da informação contida no Quadro 05, não co-oficializou o *Hunsrik*, sendo que a língua foi regulamentada por meio de um decreto do prefeito do município. O decreto N° 005/2009 (cf. ANEXO D) dispõe sobre a comunicação em *Hunsrik* nas escolas da rede municipal de ensino em Santa Maria do Herval e foi pautado nas orientações didáticas do PCN (vol. 10, 2001) e ainda na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos de Barcelona (UNESCO, artigos 23 a 30 e 41 a 46). No decreto do município, tem-se:

Art. 1º - Autoriza a comunicação em língua *Hunsrik*, nas Escolas da Rede Municipal de Ensino, até a 4ª Série do Ensino Fundamental, em até 50% (cinquenta por cento) de tempo, de acordo com o Projeto Pedagógico a ser implantado.

A diretora do centro cultural do município, Sueli, nos relatou que a opção por não co-oficializar a língua levou em consideração os custos implicados na disponibilização em todas as instâncias administrativas pessoas que falem o *Hunsrik*, levando em consideração o artigo 3º da declaração universal dos direitos linguísticos que versa sobre o direito ao uso da língua em contextos privado e público. O cumprimento dessa obrigação, na visão da equipe, inviabilizaria a execução do projeto “*Hunsrik/Plat Taytx*” (cf. ANEXO E) que tinha como meta promover o ensino do *Hunsrik* nas escolas do município. Assim, apesar de

regulamentada no ano de 2009, desde o ano de 2004 o *Hunsrik* era ensinado em escolas através da atividade “A hora do Conto”, vinculada ao projeto “*Hunsrik/Plat Taytx*”, como nos conta Sueli, diretora do centro cultural, professora do município e também responsável pelo projeto da equipe *Hunsrik*.

Assim, a implantação do projeto “*Hunsrik/Plat Taytx*” em parceria com a Prefeitura, a Secretaria de Educação e o Projeto da equipe “*Hunsrik*”⁵³, ampliou e aprimorou o ensino da língua na rede municipal de ensino. O release do projeto “*Hunsrik/Plat Taytx*” ilustra bem o seu propósito: “[...] o fortalecimento e manutenção de nossa língua.” Assim, para que o ensino se tornasse de fato uma realidade no município, houve a necessidade da criação de material didático, processo que se baseou na proposta de escrita da Professora Dra. Úrsula Wiesemann. Essa e outras propostas de escrita do *Hunsrückisch* serão apresentadas na seção 4.3 deste capítulo. Além do ensino enfocando a criação de material didático próprio, a equipe (sob a coordenação de Sueli) foi também responsável pela formação e capacitação de professores. Dada a relevância social do projeto da equipe *Hunsrik*, já foram lançados sete livros publicados, sendo o mais recente “O pequeno príncipe”, que faz parte de uma coletânea, ainda a ser lançados no Brasil, de doze histórias dos clássicos infantis traduzidos para o *Hunsrik*, já lançados na França e Alemanha.

Cabe ainda destacar, conforme nos relatou Sueli, a preocupação dos idealizadores do projeto “*Hunsrik/Plat Taytx*” em não concorrer com o alemão padrão também já oferecido na rede pública municipal e estadual a partir do sexto ano do ensino fundamental. Com a aprovação do decreto no ano de 2009, segundo Sueli, o *Hunsrik* passou a ser ofertado na rede municipal de ensino. Nas palavras da professora e coordenadora do projeto: “damos aula de *Hunsrik* nos dias em que os professores têm seu dia de planejamento, conforme a Lei, junto com música e informática. Podem também ser dadas nos turnos contrários, como projeto”. A professora e coordenadora do projeto ressalta, ainda, o

⁵³ Segundo a coordenadora do projeto, Sueli, o projeto *Hunsrik* é para o povo *Hunsrik* da América do Sul e não só para Santa Maria do Herval. Segundo as informações contidas na página da rede social do projeto: O Projeto *Hunsrik* foi iniciado em 2004, com objetivo de conservar a língua germânica falada no sul do Brasil, obtendo registro no Ethnologue (UNESCO) em 2008 e transformado em Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande do Sul conforme lei 14.069 de julho 2012. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/ProjetoHunsrik>>.

orgulho do sucesso do projeto, que tem cumprido seus objetivos de fortalecimento e manutenção do idioma.

O exemplo de Santa Maria do Herval nos mostra que é possível fazer política linguística sem o mantra dos discursos que advogam “resgates” e, inclusive, sem co-oficialização. Aliás, a própria noção de “resgate” subentende algo suscetível a desaparecer, o que não se mostra como realidade no caso da língua *Hunsrik* na localidade em que os idiomas ainda se mantêm vivos e cujo projeto só pretende fortalecer. Nas palavras da coordenadora do projeto: “co-oficializar não adianta nada”, tendo em vista que o projeto visa contribuir “[...] para o estabelecimento de uma forma de escrita que dará identidade própria à língua falada em muitos dos países da América Latina.” Nessa condição destacada pela professora, parece haver uma preocupação com uma instância atual da língua falada, que perpassa sua história de contatos com outras línguas. A partir disso, a docente objetiva o fortalecimento da língua *Hunsrik* junto aos falantes, com a língua falada por eles, a partir do que se produz nos contextos das práticas diárias dos sujeitos. Entendemos, assim, que a co-oficialização não é pré-requisito para políticas públicas de promoção da diversidade linguística.

Tal perspectiva não sustenta, portanto, a noção de uma língua fragilizada, ameaçada e submissa. As denominações (*Hunsrich*, *Hunsdrich*, *Hunsruck*) que os falantes atribuem à língua revela, além da sua presença nas práticas habituais dos sujeitos, os vestígios de uma língua heterogênea. Essas práticas locais desestabilizam a ideia de salvação pelo resgate presente muitas vezes em discursos de co-oficialização. Se estamos lidando com histórias e pessoas reais entendidas por nós como os especialistas de suas próprias línguas, a relação entre os discursos pessimistas ou salvacionistas (de morte das línguas), muitas vezes presente nos textos de co-oficialização, não representa a práticas de uma língua local viva.

Dado o exposto, julgamos necessário acrescentar a essa discussão o caráter híbrido da língua que comumente se compreende como língua de origem, aquela trazida pelos primeiros imigrantes, supostamente intocada, pura e original. Contudo, essa visão um tanto romantizada e homogênea não se sustenta nem lá, onde supostamente seria o berço da linhagem do *Hunsrück*, nem aqui. O professor e pesquisador em emigração da região do *Hunsrück*, Ivo, nos revela em entrevista que, ainda que nos fosse possível resgatar a língua tal e qual trazida pelos

imigrantes, atestaríamos que “[...] até mesmo nas menores províncias da região do Hunsrück existe uma enorme variação na forma falada dos dialetos. [I01]”⁵⁴. Conhecedor do projeto para a escrita praticado na localidade de Santa Maria do Herval, o pesquisador ressalta que, com alguma prática e conhecimento na Língua Portuguesa, é possível ler em *Hunsrik*. Na opinião do pesquisador: “[...] deveríamos formar um grupo alemão-brasileiro que encontrasse uma padronização compreensível para ambos os lados. [I02]”⁵⁵. Esse relato nos revela que as políticas de co-oficialização, por vezes, engessam certas representações de língua, não possibilitando um olhar mais atento às hibridizações linguísticas.

Ainda no âmbito das problematizações das práticas de co-oficialização do alemão, nosso foco na próxima seção será o município de Antônio Carlos, a primeira cidade brasileira a co-oficializar o *Hunsrückisch*.

4.2 O QUE SE OFICIALIZOU EM ANTONIO CARLOS – SC?

Segundo o projeto legislativo 132/2010 (cf. ANEXO E), encaminhado e aprovado na câmara municipal de Antônio Carlos, o *Hunsrückisch* se tornou língua co-oficial na localidade a partir de 09 de fevereiro de 2010. Conforme o parecer da proposição legislativa, “[...] a co-oficialização dessa língua em nosso município é oportuna, legal e necessária, até porque seu aprendizado vai depender do poder executivo municipal que deverá, no prazo de 180 (cento e oitenta) dias regulamentar sua aplicação no município.” Desde então, o maior desafio para a efetivação do projeto tem sido a viabilização do ensino nas escolas públicas do município, a princípio garantido pelo artigo II onde consta que a lei “[...] visa incentivar e apoiar o aprendizado e o uso da língua nas escolas da rede pública municipal”.

As co-oficializações, quando não acompanhadas de uma pesquisa junto à comunidade, representam por vezes medidas vazias, de ações que tendem a não sair do papel. A contradição se revela no fato de que as medidas políticas de salvaguarda das línguas nem sempre

⁵⁴ Tradução nossa, no do original: „Selbst auf dem kleinen Gebiet unseres Hunsrücks gibt es enorm viele Abwandlungen der Dialektausprache.“

⁵⁵ Tradução nossa, no do original: „Wer aber eure Sprache gar nicht kennt, kann diese Dialektsprache praktisch nicht lesen. Man müsste eine Deutsch-Brasilianische Gruppe bilden um eine Vereinheitlichung zu erzielen, die auf beiden Seiten gelesen und verstanden werden kann.“

representam as pessoas da comunidade, a quem caberá, na prática, o uso dessa língua oficializada. Ainda que os habitantes de três comunidades do município de Antônio Carlos (Louro, Sede e Rachadel) tenham sido consultados (SCHETZ, 2014), a decisão abrange todo o município. Compreendemos que, como defende Rajagopalan (2013, p. 4), a política deve ser entendida como uma atividade “[...] na qual todo o cidadão - todos eles, sem exceção - tem o direito e o dever de participação em condições de absoluta igualdade”.

Cientes de que regulamentar uma língua se revela mais simples do que viabilizar sua circulação, há inúmeras questões a serem respondidas ANTES de se co-oficializar uma língua. A primeira, dentre muitas, é a escolha da língua que se pretende co-oficializar, por exemplo. Essa é uma decisão que não está vinculada à simples presença dessa língua na localidade. Além disso, verificamos que tal deliberação suscita outras etapas, como a construção de material didático para fins pedagógicos de ensino da língua co-oficializada; este aspecto, por sua vez, estará associado a um sistema de escrita. Esse, aliás, parece ser o impasse no município de Antônio Carlos, conforme nos indica o trecho da entrevista concedida ao Diário Catarinense do atual Secretário de Educação e Cultura, ainda vereador quando promoveu a iniciativa. Segundo ele

[...] um censo linguístico está sendo pensado e o próximo passo deve ser a troca das placas de trânsito por sinalizações bilíngues. O ensino nas escolas, entretanto, tem se transformado num complicado quebra-cabeça. Como esta é uma língua não escrita, precisamos antes definir uma gramática, juntar os pedaços que estão espalhados pela região sem nenhum registro. (ROSA, 2013).⁵⁶

Nos perguntamos em que medida a sinalização bilíngue contribuirá para a manutenção do idioma na localidade? Percebemos, portanto, que a co-oficialização antecedeu a instância de um planejamento mais ostensivo, de reconhecimento da heterogeneidade das línguas faladas, ou seja, “dos pedaços” aos quais se refere o atual Secretário da Educação. É preciso considerar que *Hunsrücksich* não é só

⁵⁶ Disponível em: <<http://osoldiario.clicrbs.com.br/sc/cidades/noticia/2013/08/moradores-de-biguacu-e-antonio-carlos-conservam-idioma-trazido-por-alemaes-4236626.html>>.

Hunsrückisch, mas também *Hunsrik*, *Hunruck*, *Hunsrück*, *Platt*, *Deutsch*, *Taitx*, só para citar algumas nomeações com as quais nos deparamos ao longo desta pesquisa. Esses não são pedaços espalhados de um todo de uma língua única, mas tais nomeações só reforçam a heterogeneidade das línguas trazidas pelos imigrantes, até mesmo quando advindos de uma mesma região, como no caso do *Hunsrück*, como já enfatizados nos trechos [I01] na seção 4.1. Nos resta, portanto, diante desses exemplos, a constatação da falta de planejamento linguístico, pedagógico e social das ações de regulamentação sobre as línguas e das consultorias que orientam esse trabalho em Antônio Carlos. Para exemplificar esse posicionamento, citaremos alguns exemplos colhidos durante o primeiro encontro nacional de municípios plurilíngues que aconteceu no ano de 2015 em Florianópolis: O município de Vila Pavão/ES, que co-oficializou a língua Pomerana no ano de 2009, está sem aulas desde 2012; ainda no Espírito Santo, o Pomerano oficializado no município de Domingos Martins já conta com professores, mas carece, porém, de material didático. Outro fato que nos chama atenção é o edital para professores de Pomerano dessa localidade: até o momento não há cursos superiores de formação nas línguas locais dos imigrantes, seja o Pomerano ou o *Hunsrückisch*.

Logo, a solução encontrada pelo município de Domingos Martins foi de validar a licenciatura em Educação para a atuação de professores na área do Pomerano. Ainda que a exigência de formação de um professor varie de acordo com a área pretendida, a formação em Educação não habilita, necessariamente, professores de ensino de línguas, tarefa atribuída ao curso de Letras. Logo, a exigência de formação em Educação foi um dispositivo usado pela prefeitura para legalizar a contratação de pessoas que falam Pomerano como sendo “professores” da língua, reforçando o mito de que falar a língua seria critério suficiente para ensiná-la. Sem dúvida, acreditamos que há no município professores experientes e aptos no trato com a língua local, sendo que essa experiência parte muitas vezes da prática, e não de uma formação acadêmica, o que se mostra perfeitamente possível sem o dispositivo da legalidade, ou seja, da co-oficialização. Ao fim e ao cabo, são contratados como professores falantes de Pomerano, que atuam para ensinar a língua local sem que haja para essa língua material didático ou recurso pedagógico elaborado, muito menos um trabalho de reflexão linguística por parte do docente. Além disso, o município, juntamente

com a ESESP⁵⁷, tem trabalhado na construção de uma metodologia de trabalho para todas as línguas presentes na localidade, a saber, o Alemão, o Pomerano, o Italiano e o *Hunsrück*.

Notamos, diante dos exemplos coletados no referido evento, que as políticas públicas e os órgãos ligados à co-oficialização, apesar do discurso justificado pelo resgate e valorização e manutenção da cultura, carecem de planejamento que viabilize as práticas previstas nas leis por eles mesmos regulamentadas. Do ponto de vista do planejamento linguístico, e seguindo as instâncias propostas por Cooper (1989 apud SEVERO, 2013, p. 455), nem sempre podemos destrinchar os *participantes* (**quem faz** = intervenção pela lei e **para quem** = futuros falantes, turistas?), o *objeto* (**o que** = o idioma *Hunsrückisch*) e as *metodologias* (**como**) envolvidos na política e no planejamento linguístico. Resta-nos, então, indagar a respeito dos processos necessários (**como**) para que uma língua, até então de prática oral, desempenhe sua nova função e passe a compor os currículos escolares do município. Aliás, indagamos em que medida a atribuição de novas funções sociais para as línguas é passível de legislação ou se emerge das práticas comunicativas compartilhadas.

Diante do objetivo a que se propõe a co-oficialização na localidade de Antônio Carlos, vale ainda ressaltar que, além da produção de material didático, a medida prevê professores qualificados e que dominem o idioma *Hunsrückisch*, falado apenas em algumas regiões do Brasil. Indagamos se em Antônio Carlos se trata de um ambiente bilíngue português-*Hunsrückisch* ou *Hunsrückisch*-alemão-padrão? Ou, então, de um caso de plurilinguismo português-*Hunsrückisch*-alemão-padrão. Acreditamos que se faz necessário um olhar atento ao ambiente linguístico, visto que “[...] a natureza das regras que definem o status e o prestígio das línguas não é neutra/científica, mas política [...] uma vez que favorecem certas comunidades linguísticas em detrimento de outras [...]” (SEVERO, 2013, p. 457). Reiteramos aqui que essas são questões que antecedem uma legalização e que, na nossa perspectiva, deveriam fazer parte de um projeto desenvolvido junto à comunidade, servindo de base para uma visão mais real sobre o que de fato é viável na localidade.

⁵⁷ A ESESP atua com foco na gestão por resultado, promovendo ações de formação e desenvolvimento nas áreas de gestão e tecnologia administrativa para os servidores estaduais e municipais do Espírito Santo, assegurando a melhoria contínua dos serviços públicos prestados à sociedade. Disponível em <<http://www.esesp.es.gov.br/default.asp>>.

O “problema” linguístico, indicado pelo secretário de Antônio Carlos no excerto da entrevista mencionada acima, não pode ser visto em relação aos “pedaços sem registro” da língua, afinal a heterogeneidade de uma língua não pode carregar a culpa de ações políticas que desconsiderem um olhar coerente com a realidade local. Logo, o problema está na elaboração de uma lei que não partiu da realidade linguística do município. As co-oficializações parecem supor que, se uma vez legal, essa(s) língua(s) na localidade passa(m) a se restabelecer, sendo passíveis de registro e devidamente resgatadas.

Indagamos em que um levantamento linguístico, como o censo que vem sendo realizado em Antônio Carlos, contribui para a implementação do ensino de *Hunsrückisch* na rede municipal? A geração de dados, que enchem publicações de eventos, não lotam salas de aulas, tampouco qualificam professores. Afinal o que ameaça as línguas? De quem/do que devemos proteger as línguas?

Compreendemos a boa intenção por “preservar” uma língua local que fez parte da história de fundação de determinadas cidades e que de certa forma representa a memória de uma parcela dos moradores desse município. Porém, nem a língua nem a cultura podem ser analisadas a partir de um dado momento, congeladas como um marco histórico que simboliza a vinda de imigrantes que trouxeram uma língua (heterogênea) que existiu há cerca de 200 anos. Entendemos e defendemos que as memórias devam ser preservadas e que elas se vinculam às histórias das pessoas que constroem a história local. Além disso, os acontecimentos que envolvem os sujeitos socialmente organizados não devem ser vistos como uma contagem seletiva de acontecimentos do passado, mas como um *continuum* de representações sobre circunstâncias e fatos que entrelaçam passado, presente e futuro e, dessa forma, se encontram sempre se (re)organizando, se(re) escrevendo, se re(inventando). Entendemos, portanto, que ações de legalização que não estejam pautadas numa pesquisa que se desenvolva junto da comunidade e dos sujeitos que a compõem mostra-se tão desastrosa quanto a ausência dessas práticas.

Embora concordemos com a ideia de que as “sociedades diferentes em contato se transformam e nesta transformação, perdem alguns elementos culturais mas incorporam outros” (KLUG, 2003, p. 1), a co-oficialização do *Hunsrückisch* parece atender a outros interesses sociais que não o de manutenção do idioma: “afinal de nada adianta, na realidade, prover uma língua de um alfabeto se ele não aparece na vida cotidiana dos falantes dessa língua” (CALVET, 1942, p. 72). Por outro lado, se tornar um município alemão a co-oficializar uma língua pode

trazer diversas vantagens turísticas, como a inclusão da cidade na rota das festas de outubro, por exemplo.

Assim, o objeto de intervenção no caso de Antônio Carlos não parece ser de cunho linguístico, com interesse na manutenção ou no ensino do idioma, e sim político, em termos daquilo que a presença desse idioma pode simbolizar nas esferas econômicas e turísticas do município. Em outras palavras, essa prática se vincula ao estigma criado em torno da germanidade e da imagem do imigrante predestinado ao sucesso, como já abordado no capítulo 2 desta dissertação: “É por meio desse discurso inflado e sem embasamento, que se dá a construção de uma identidade teuto-brasileira” (KLUG, 2003, p. 1), visível em diversos municípios do estado. Percebemos que esse discurso inflado também usa a língua como justificativa para reforçar o imaginário teuto-brasileiro.

Diante dos exemplos expostos nesta seção, pudemos traçar e problematizar um pequeno panorama das co-oficializações, que têm operado como dispositivo legal – mesmo sem qualquer projeto, sem professores aptos ao ensino, sem material didático – e vêm sendo alvo dos discursos de preservação das línguas dos imigrantes. Não resta dúvidas que uma língua possa ser ensinada mesmo não sendo co-oficializada, afinal não é justamente isso que vem acontecendo nas comunidades a partir de demandas e iniciativas locais? Nos perguntamos em que medida as co-oficializações têm, então, contribuído para “manutenção”, “resgate” e “ensino”, tendo em vista que co-oficializar nem sempre implica alguma mudança nos usos já efetivos da língua.

Os fatos nos mostram que o único município onde crescentemente as ações políticas têm se traduzido em resultados referentes ao uso do alemão é o município de Santa Maria do Herval – RS, que optou por não oficializar para poder ensinar. Voltamos a reafirmar que essas decisões cabem aos sujeitos, afinal são eles que manterão ou não uma dada língua e cabe, também, a eles a decisão de não se expressar em determinado idioma. Defendemos, contudo, que essa decisão não pertence a órgãos públicos ou consultorias do tipo *think tank*, que lidam com a língua de forma panfletária, gerando dados e estatísticas. Práticas que, enquanto ganham visibilidade, tornam a língua e os sujeitos em objetos de retórica que interessam na ocasião de subir ao pódio da visibilidade pública.

Registramos que não somos contra as políticas públicas de co-oficialização no Brasil, porém essas ações comumente pautadas no discurso de reconhecimento da diversidade linguística brasileira,

firmado por meio de algum estatuto ou lei, por vezes não legitimam nem garantem os usos efetivos dessas línguas. Essas intervenções, como o próprio nome sugere, atuam sobre a organização da grade curricular escolar, sobre a contratação de professores, sobre a discussão orçamentária, em suma, sobre a vida do cidadão que pode se sentir representado pela ressignificação dada ao passado histórico do seu município. É, contudo, prudente considerarmos que essa mesma força que age em nome da revitalização de uma língua e que opera, portanto, em nome de TODOS, pode também surtir efeitos contrários, impondo uma certa representação linguística em detrimento de outra. Afinal, a realidade linguística do alemão é plural e a escolha de uma variedade para representar essa heterogeneidade pode também produzir efeitos reducionistas.

Acreditamos, portanto, necessário que essas questões devam ser tratadas com mais respeitabilidade, envolvendo os sujeitos, suas histórias, memórias e opiniões, afinal não há moldes para o fazer em política linguística e um olhar homogeneizador entre municípios de imigração alemã pode acabar apagando suas singularidades linguísticas. Historicamente, o discurso de autenticidade de uma língua tem sido interpretado também como superior, sendo que as línguas “autênticas” passam a ser vistas como símbolos de uma dada pureza da comunidade e, portanto, de uma língua. Esses discursos salvacionistas se apropriam da história das línguas e dos sujeitos recriando e inventando um certo passado histórico. Os contextos plurilíngues não advêm da legitimidade legal, garantidos pelo estatuto de uma lei, criando a ilusão de resgate de UMA língua genuína, com seus hábitos e costumes.

Dessa forma, procuramos analisar, na próxima seção, as propostas de escrita para o *Hunsrik/Hunsrückisch* quanto a sua relevância em relação à participação da comunidade; buscamos identificar a presença de um projeto para a implantação do ensino na rede pública municipal dos municípios de Antônio Carlos – SC e Santa Maria do Herval - RS. Por fim, buscamos identificar a viabilização dos projetos na escola, quanto ao ensino do *Hunsrückisch/Hunsrik*.

4.3 HUNSRÜCKISCH VS. HUNSRIK: PROPOSTAS PARA UMA ESCRITA

Esta seção tem como objetivo evidenciar duas principais propostas desenvolvidas para uma escrita do *Hunsrik/Hunsrückisch*. Analisaremos esses projetos quanto a sua relevância em relação à comunidade, ou seja, procuramos identificar se a comunidade teve ou

não participação na tomada de decisão quanto à oficialização da língua. Buscamos, também, identificar a presença de um projeto para a implantação do ensino na rede pública municipal dos municípios de Antônio Carlos – SC e Santa Maria do Herval - RS. Por fim, buscamos identificar a viabilização dos projetos na escola, quanto ao ensino do *Hunsrückisch/Hunsrik*. Essa delimitação se justifica pela noção de língua como prática social.

Conforme já vimos, tomar a língua nos preceitos bakhtinianos é entendê-la como fenômeno amplo em sua convergência com o contexto sócio-histórico-cultural, sendo “objeto fundamental do estudo das ideologias” (BAKHTIN, 2010 [1979], p. 36), o que transcende o entendimento da língua como unidade e sistema abstrato que ancora a concepção de hegemonia linguística e de língua unitária. Nas palavras de Bakhtin:

Tomamos a língua não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma língua *ideologicamente saturada*, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um *maximum* de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica. (BAKHTIN 2014, p. 81 grifos no original).

As implicações de assumir a língua com tais contornos discursivos justificam a premência de se pensar os sujeitos nessa relação, sem os quais as legalizações se convergem em discursos estatais de resgate da língua, pautando suas ações sem um planejamento eficaz em que os decretos de co-oficialização dialoguem com as práticas linguísticas. As duas propostas a serem vistas a seguir, o PHA e o PHB, tomam a língua sob diferentes aspectos, o que já se revela pela nomeação conferida à língua. Iniciamos com as formas de nomeação da língua: a pesquisadora Úrsula Wisemann (2008) na sua proposta intitulada “Contribuição ao desenvolvimento de uma ortografia da língua *Hunsrik* falada na América do Sul” (doravante PHA), selecionou o uso do termo *Hunsrik*; já a proposta de Altenhofen, Frey, Käfer, Klassmann, Neumann, Pupp Spinassé (2007) no projeto “Fundamentos para uma escrita do *Hunsrückisch* falado no Brasil” (doravante PHB) optou pelo uso do termo *Hunsrückisch*.

No caso do *Hunsrik*, a pesquisadora defende que “somente os sons contrastivos devem ser incluídos no alfabeto, sem consideração das

regras ortográficas de outras línguas” (WIESEMANN, 2008, p. 2). Em contrapartida, a escolha da denominação da língua *Hunsrückisch*, pelo projeto PHB, se justifica pelo uso da “variante materna, porém, com as mesmas normas de escrita de cada som específico” (ALTENHOFEN et al, 2007, p. 76). Essas escolhas não incidem somente sobre o campo fonético/fonológico, elas fundamentam os objetivos de aproximação da língua escrita com a comunidade falante. Diante do exposto, procuramos sintetizar as propostas aqui apresentadas, a partir dos aspectos sócio-históricos e políticos contemplados pelos projetos.

Os primeiros elementos por nós analisados foram o contexto social e político, eventualmente contemplados pelos projetos. O PHA nos apresenta a importância do conhecimento social e político dos falantes e destaca, ainda nesse âmbito, “a língua oficial (majoritária) do país e sua ortografia, a situação escolar de crianças e adultos, e a atitude dos falantes em relação a sua língua materna e a língua oficial” (WIESEMANN, 2008, p. 2). Já em relação ao projeto PHB (2007, p. 73), pode-se depreender que o contexto político considerado tem uma ligação com

[...] as discussões acerca da criação de um Livro das Línguas Brasileiras, no âmbito do IPHAN [...], [e em consequência disso] tem crescido o interesse na organização social das cerca de 180 línguas indígenas e aproximadamente 30 línguas de imigração faladas ao lado do Português no Brasil.

Ainda que respeitando as variedades faladas da língua, a saber, o *Hunsrückisch* com traços [+moselano] ou [+renanos], e ainda aqueles com traços mais próximos do padrão, a proposta PHB destina-se às finalidades internas do Grupo ESCRITHU⁵⁸ que eventualmente

⁵⁸ Segundo o sítio do projeto ALMA- H “O Grupo de Estudos da Escrita do *Hunsrückisch* (ESCRITHU) foi criado com o objetivo não apenas de criar um sistema de normas para a transliteração dos dados do *Hunsrückisch*, como também de refletir e fomentar o estudo dessa variedade e das relações entre oralidade e escrita no ensino de língua-padrão (Hochdeutsch e português). O grupo ESCRITHU, constituído em sua maioria por falantes de *Hunsrückisch* que estudam no Instituto de Letras / UFRGS e pesquisadores dessa variedade de contato com o português, insere-se no projeto ALMA-H (Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: *Hunsrückisch*) como sub-projeto deste (v. Altenhofen 2004) ”. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/projalma/oqueeh/subprojetos.html>>.

comprovará a eficácia de seu projeto através da divulgação externa da língua por meio de workshops, publicação de textos etc. (ALTENHOFEN et al., 2007).

Reconhecemos, evidentemente, a importância de se considerar a realidade sócio-política dos futuros falantes, o que nos parece fundamental para a viabilidade ou não de um projeto, levando em conta o grupo comunitário e atentando para questões que abrangem a coletividade local. Isso traduz uma preocupação pautada na realidade local, o que foge de uma análise exclusivamente estrutural da língua. Considerar, portanto, a situação escolar parece bastante pertinente para uma proposta que visa criar fundamentos para desenvolver a escrita de uma língua. Afinal, os futuros escritores são também, em grande medida, os atuais falantes da língua. Uma proposta com esse objetivo deveria, portanto, desenvolver mecanismos de aproximação com seus falantes. Essa visão é fundamental para a viabilização, ou não, de tais projetos. Porém, o desenvolvimento de uma língua pautada na divulgação de estudos acadêmicos ou ainda na transliteração de dados coletados por um grupo de estudos, como nos indica o projeto PHB, por vezes pode soar como o prelúdio de uma nova língua, distante das instâncias enunciativas dos sujeitos, os mesmos que, a propósito, mantiveram até hoje essa mesma língua, que diante de tais projetos, passam a mero objeto de estudo e fornecedor de dados. Nessa perspectiva, a língua deixa de ser viva para se tornar mais um esboço, mais um estudo criando uma impressão de que “[...]o pessoal da universidade está mais preocupado em produzir dissertações de mestrado e teses de doutorado do que em questões práticas” (RAMBO, 2011, p. 3).

A vinculação da proposta PHB (2007) a um passado histórico e linguístico ligado ao alemão justifica essa escolha pelo “critério genético” (ALTENHOFEN et al., 2007, p. 76) da língua, ou seja, tendo como base a sua procedência “alemã”. Mesmo procurando não levar demais à risca as complicações políticas do uso de um termo cunhado pela biologia, nos permitimos imaginar quais seriam os critérios genéticos do *Hunsrik*. Utilizando, então, do mesmo jargão biológico, e com base no contexto histórico – progenitor –, chegamos invariavelmente à conclusão de que estamos, minimamente, diante de um híbrido linguístico. Para alguns, um monstro linguístico. As misturas linguísticas foram evidenciadas no contexto de imigração já documentado nesta dissertação no capítulo 2, mas também nos estudos de contatos linguísticos orientados, inclusive, pelo próprio Altenhofen, autor da proposta PHB.

Pautadas, ainda, na genética linguísticas das línguas em interação, reconhecemos o contexto de origem como híbrido, principalmente em se tratando do município alvo desta pesquisa, referente às primeiras imigrações em torno do ano de 1840. A contextualização histórica, aliás, nos mostra a natureza fragmentada de uma “Alemanha” híbrida, de linhagem indefinida (advinda de vários povos e línguas) e, portanto, “mestiça”. Assim, a busca por uma origem linguística do alemão parece sinalizar que nunca houve uma pureza linguística, mas, desde sempre, misturas e heterogeneidades. Além disso, nos questionamos em que medida a proposta PHB (2007) contribuiria para a formação de uma nova variedade linguística através da inscrição da escrita, uma espécie de Hochhunsrückisch, distanciando a língua do seu corpo orgânico, os sujeitos falantes, e condenando-a a uma existência inanimada. Assim, entendemos que a codificação ortográfica de uma língua deve respeitar os “fenótipos” da língua, ou seja, suas manifestações que nos revelam uma língua viva, orgânica e, portanto, natural.

No contexto atual das co-oficializações e dos exemplos destacados neste trabalho, percebemos que mesmo projetos bem elaborados, mas que não contemplem a realidade escolar local, não têm mostrado êxito quanto a sua aplicabilidade. É nesse sentido que o projeto de co-oficialização, exclusivamente, não garante que a língua passe a compor a grade curricular das escolas do município, uma vez que apesar de legalizar, não prevê meios para a viabilização e de ensino nas escolas, exigindo um diálogo com uma política educacional mais ampla. Assim, indagamos, mesmo que retoricamente: Qual a contribuição de uma lei que visa a co-oficialização de uma língua num município sem um projeto de implantação e pautado apenas no discurso de resgate e manutenção do idioma local? Qual a ideia por trás da defesa de um multilinguismo que sustenta suas práticas na contagem de um dado número de línguas de uma localidade, sem maiores cuidados com a representatividade da heterogeneidade das práticas linguísticas?

4.4 *DIE QUAL DER WAHL*

Embora a Secretária de Educação do município de Salvador do Sul tenha demonstrado interesse na política de co-oficialização, ainda não se levantam questões relativas à legalização de uma segunda língua em Salvador do Sul. Os exemplos expostos ao longo desta dissertação nos fazem perceber a fragilidade, decorrente da inviabilidade, de moldes políticos quando o assunto é a regulamentação de uma segunda língua num dado município. Diante das propostas para uma escrita do *Hunsrik*

e dos exemplos dos municípios que co-oficializaram uma língua, percebemos vários desafios que vêm sendo enfrentados para que esses projetos legislativos passem também a co(existir) na vida cotidiana dos sujeitos de uma localidade.

A questão chave nos exemplos aqui elencados nos parece de ordem metodológica e política, e não apenas legislativa, ou seja, a questão central aqui não gira em torno de uma legalidade com poderes milagrosos de resgatar uma língua abandonada, esquecida ou até mesmo corrompida. As questões metodológicas às quais nos referimos são aquelas que acompanham qualquer bom projeto: o que, para quem, porque e principalmente como se co-oficializa. O “como se oficializa”, ou seja, de que modo re(vitalizar) uma língua vem sendo interpretado como sinônimo de legitimar. De que jeito resgatar uma língua? Co-oficializando. De que maneira preservar a língua dos antepassados? Co-oficializando. E se o objetivo for ensinar nas escolas uma língua? Co-oficialize-se. Desse modo, esse tem sido o mantra de um certo fazer em política linguística, reduzindo as políticas de diversidade envolvendo as línguas dos imigrantes a atos legislativos e jurídicos.

Na contramão de ações que colocam a língua a serviço do Estado e de organizações que defendem a gestão das línguas como um produto passível de negociação, defendemos a participação dos sujeitos no tratamento dado a possíveis redirecionamentos que operem mudanças de cunho linguístico – político – educacional. Ações intermediadas por uma política-linguística mais crítica e menos comercial não necessita criar demandas regionais que justifiquem uma intervenção. Nossa percepção parece convergir com o olhar de Rajagopalan (2013, p. 23) a respeito do papel da política linguística como “[...] campo de atividade, onde quem tem a última palavra é o cidadão comum”.

Dado o exposto e defendendo a essencialidade pública da política, entendemos que “[...] todo gesto de cunho linguístico envolve uma escolha” (RAJAGOPALAN, 2013, p. 34). Essa seleção tem se apresentado decisiva no sucesso ou não da co-oficialização do *Hunsrik*, do *Hunsrückisch* ou ainda da língua alemã. Logo, compreendemos que o êxito no desdobramento das propostas legalizadas está fortemente ligado às escolhas linguísticas veiculadas em tais projetos. Não consideramos que há, todavia, propostas incorretas, dentre as analisadas e mostradas ao longo deste trabalho, mas muito provavelmente, propostas inviáveis e distanciadas da realidade local.

Como as línguas co-oficializadas existem em maior ou menor intensidade na sua forma oral, analisaremos algumas escolhas quanto às propostas para a padronização da escrita. No caso do município de Santa

Maria do Herval, a opção pela proposta de escrita PHA se justifica pelo desejo de uma identidade própria da língua que considere a história dos contatos e influências do português sobre o *Hunsrik*, legitimando variedades hibridizadas. A proposta PHA demonstra sua autonomia ao considerar o sistema ortográfico do português: “[...] não tem nenhuma necessidade de saber ler o Hochdeutsch para ler e escrever o *Hunsrik*.” (WIESEMANN, 2008, p. 2). Além de considerar a língua portuguesa no sistema de escrita para o *Hunsrik*, a proposta visa o ensino de forma rápida e acessível para falantes de português, fato que garantiu o sucesso da proposta, tendo em vista o seu público teuto-brasileiro, validando a teuto-brasilidade como germanidade, ou vice-versa. Além do ensino, o grupo também produz material didático e atua na formação de professores.

Já os objetivos do projeto para a escrita do *Hunsrückisch*, por nós abreviado como PHB, se distancia da ortografia do português, aproximando o *Hunsrückisch* da sua suposta matriz de origem, a língua alemã. Essa característica torna a leitura do *Hunsrückisch* praticamente inviável ao brasileiro ou teuto-brasileiro que não domine as regras ortográficas da língua alemã padrão. Essa característica nos parece decisiva na escolha da padronização para os fins de ensino, por exemplo. Seria o equivalente a aprender uma nova língua, tendo em vista a sua aproximação ao alemão padrão.

Entendemos que as diferentes propostas para a escrita do Hunsrück não só refletem a heterogeneidade dessa língua como também os objetivos a que estão voltadas tais propostas. Logo, a escolha por um sistema de escrita não deve ser arbitrária; a opção por uma proposta deve ser coerente com os usos e as práticas que se almejam alcançar com a língua. O município de Salvador do Sul tem em comum com outras localidades do Brasil uma história de formação heterogênea, documentada ou não na história de seus moradores. É desse conjunto de vozes que ecoa a história do município, as únicas que podem gritar ou calar suas “origens”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A simples afirmação de que o sul do Brasil foi povoado por alemães e italianos, por exemplo, não soa apenas incorreta/incompleta, como também não ecoa as vozes e os discursos, que de forma complexa, constituem as histórias e os sujeitos dessa região. Dar foco a uma só etnia como fundante parece tão absurdo quanto a afirmação de sermos um país linguisticamente homogêneo.

Vale, ainda, ressaltar que a emigração provocada pelas profundas transformações sociais, religiosas e políticas enfrentadas pelos camponeses trouxe ao Brasil imigrante em busca de condições mais dignas. A emigração da população de forma coletiva faz-nos constatar que mesmo quando a colheita se apresentava favorável “[...] os sítios eram de tal maneira retalhados que [...] não comportavam mais o número de pessoas que neles procuravam manter-se” (WILLEMS, 1946, p. 33). Para uma sociedade rural, de incontestável apego ao solo, de tradição familiar, coesa e fechada a influências externas, o processo de emigração em massa representou uma inegável transformação social nos reinos alemães do início do século XIX.

Diante disso, considera-se importante mostrar que as diferentes discursividades envolvendo a ideia de germanidade e de língua emergiram de condições sociais, políticas e econômicas específicas em cada fase migratória. Considerando o enfoque linguístico desta pesquisa, deduzimos que a pluralidade linguística das sociedades rurais da Alemanha do início do século XIX não sustentava a ideia de uma identidade linguística germânica, uma vez que “os imigrantes pertenciam, portanto, a países diferentes, considerando-se, mutuamente estrangeiros” (WILLEMS, 1946, p. 39).

Diante dessa diversidade e fragmentação europeia de origem, o que fundamenta o discurso de UM povo, na cena política atual? Porque a Europa multiétnica se comporta, ou é vista, como etnicamente homogênea? A formação dos estados nacionais, com base nas noções de língua, cultura e etnia, deu impulso e fomentou a ideia de pertencimento à identidade alemã (HALL, 2006). Os acontecimentos elencados no capítulo 2 – a noção de cultura, as guerras de libertação, a manutenção do poder dinástico em maior ou em menor escala – contribuíram para a formação de uma categoria que transcende as vontades individuais. A formação dessa categoria se ancorou num discurso de língua e traços culturais em comum, reduzindo as experiências inerentes à vida plural e dinâmica das línguas, fazendo emergir a ideia de “alemão”. A instituição

da língua alemã como língua nacional fez emergir a ideia de povo alemão, e com ele o *Nationalstolz*. Assim, deduzimos que em um certo exagero “do orgulho alemão” (KLUG 2003) se manteve até hoje através das gerações a tal “identidade germânica” nas comunidades teuto-brasileiras. Essa identidade germânica se fundamentou, em grande medida, sob os mesmos princípios, tomados como índices identitários, sob os quais se consolidou a ideia de língua nacional alemã, como: procedência em comum, língua, herança de sangue, canção, virtudes, festas, vestimentas, fenótipo, comida, religiosidade, trabalho, entre outras.

Uma vez estabelecidas essas categorias, tomadas como índices identitários, somente se firmam numa relação de diferenciação, sustentadas pela ideia de superioridade *vs.* inferioridade. A Europa de genealogia heterogênea, fragmentada e multilíngue enfrenta hoje uma crescente inquietação com o discurso de fechamento das fronteiras ocasionado pela crescente demanda de refugiados, rumo à Europa. Esses acontecimentos atuais envolvendo exilados, em todo o mundo, parecem trazer à tona muito mais que uma discussão de limites geográficos e ajuda humanitária; esses deslocamentos contemporâneos nos mostram que os nacionalismos formaram barreiras geográficas impondo limites étnicos. Os nacionalismos recriaram um passado homogêneo ao apagarem as memórias essencialmente pluriétnicas de formação dos povos europeus.

A questão dos refugiados, encarada pela Europa como uma “problemática”, é uma complexa mistura de medo, política e esquecimento. O medo do outro, do estrangeiro e do diferente vem sendo inflamado pelo discurso político de um partido com convicções políticas (e humanitárias) extremas. E aponta, contudo, que essa situação não diz respeito somente à Alemanha ou à Europa, mas trata-se de um fenômeno global afetado pelas consequências do capitalismo: “Nós não podemos abordar a crise dos refugiados sem enfrentar o capitalismo global. Os refugiados não chegarão à Noruega. Mas a Noruega que eles procuram sequer existe” (ZIZEK, 2015, p. 1). Logo, esses refugiados se deslocam rumo a um imaginário social, os feudos nacionais europeus criados sob a ilusão de sistematizar as línguas, catalogar as etnias e padronizar os hábitos.

Esse deslocamento de pessoas, apesar de contemporâneo, não é novo e reproduz diante do contingente de refugiados uma postura política já adotada nas políticas imigratórias, conforme nos revela o trecho registrado por Hunsche (1977) “[...] a falta de conformidade de opiniões entre os Estados alemães, [leia-se união Europeia] aliada à

ausência de uma política que, frente às questões imigratórias emergentes, eram [são] considerados um problema da política externa, não interessando, portanto, o país de destino.” Essa reação europeia ao êxodo de pessoas rumo à Europa foi comparado por Slavoj Zizek aos cinco estágios de reação de pacientes terminais:

Houve a **negação**, agora diminuindo: “Não é tão sério, vamos simplesmente ignorar.” Existe uma **raiva**: “Os refugiados são uma ameaça ao nosso modo de vida, entre eles escondem-se fundamentalistas muçulmanos, eles precisam ser barrados a qualquer preço”. Há **negociação**: “Ok, vamos estabelecer quotas e apoiar os campos de refugiados nos seus próprios países!” Há **depressão**: “Estamos perdidos, a Europa está se transformando em uma Europa-stan.” (ZIZEK, 2015, p.1, grifos nossos).

O que está faltando, na visão de Zizek (2015, p.01), é o “quinto e último estágio, a **aceitação**, o que, neste caso, significaria um consistente plano pan-europeu para lidar com os refugiados”. Nos referimos à situação dos refugiados, pois ela permite reavaliar as consequências das políticas nacionalistas que pregoam purismos e tradições arraigadas. Os contextos migratórios exigem maior fluidez e dispersão como categorias constitutivas das políticas.

Nesta dissertação, consideramos que língua, identidade e tradição não são estanques, mas relativamente variáveis e, portanto, frutos de um processo de negociação, identificação e diferenciação. Observa-se, então, que a pluralidade linguística e cultural deu lugar à ideologia nacional alemã na segunda fase migratória. A ideia de uma língua como uma “solução”, difundida pelos nacionalismos que impuseram as línguas nacionais, acabou dizimando as práticas orais e amortecendo a diversidade do pluridiscursos da sociedade pluriétnica da primeira fase migratória. A ideia de Estado Nacional e a construção de uma ideia de “comunidade” no Brasil como forma de legitimação possibilitaram a emergência da ideia de germanidade como recurso simbólico usado por diferentes grupos de interesse e *status*.

Ainda hoje no município de Salvador do Sul é possível reconhecer diferentes atribuições dadas à língua que subjazem os diferentes discursos e status acerca de sua legitimidade no decurso das imigrações ao longo dos anos. Percebemos, por meio das entrevistas e dos questionários aplicados aos moradores, a formação de dois grupos

distintos, quanto à percepção sobre as línguas por eles faladas. Atribuímos essa composição ao imaginário criado em torno de uma língua única e legítima, que homogeneiza as práticas e os discursos, favorecendo a noção de categorias linguísticas fixas que delimitam esses grupos. Além de categorias, esse imaginário segregou os falares em dialeto, *Hunsruck*, *Hunsrich*, *Hundrich* e *Thaidch*. O outro grupo se filia ao uso das categorias de alemão e *Hochdeutsch*. Defendemos, com base nas observações de campo, nas conversas e entrevistas que essa cisão entre os grupos somente existe nesse imaginário segregacionista e que, de fato, essa separação das línguas faladas não se faz presente nas práticas cotidianas, por exemplo. Indagamos em que medida, a percepção desses dois grupos distintos foi pautada no domínio de uma escrita, ou na apropriação de um discurso político de língua original, autêntica e correta? Essas, sem dúvida, são questões passíveis de aprofundamento. Em convergência com a visão crítica de Makoni e Meinhof (2006, p. 200), que nos trazem importantes contribuições acerca das línguas como construto social, os autores defendem que:

O argumento não é que deveríamos descartar o conceito de línguas separadas, mas que precisamos estar conscientes do que está por trás dele. Uma vez que as línguas são socialmente construídas, precisam ser desconstruídas de tempos e tempos, para que se tornem tão compreensíveis quanto possível, de modo que o padrão se aproxime do uso do estudante.

Logo, a invenção das línguas opera como um dispositivo de *harmonização* (MAKONI, 2015) das práticas orais heterogêneas em sociedades plurilíngues, mostrando-se presente em vários contextos e tendo, ao longo da história, contribuído para o apagamento do plurilinguismo, ora com políticas de imposição, ora de silenciamento das línguas. No caso dos trabalhos de Makoni (2015) em relação ao contexto africano, o “problema” relacionado ao multilinguismo e à discutível quantificação das línguas transformou as comunidades em alvos de cruzadas unificadoras das políticas nacionalistas, em busca de uma língua nacional unitária. No contexto da nossa pesquisa, o plurilinguismo europeu foi harmonizado pelo processo de standardização de uma única língua como oficial em contexto dos estados-nacionais europeus, e com isso houve a conseqüente subjugação das demais línguas, como no caso da Alemanha e da Itália. Menciona-

se, também, as políticas de silenciamento impostas no Brasil aos imigrantes alemães, italianos e japoneses, durante o governo Vargas como exemplos de políticas linguísticas que afetaram as línguas germânicas no Brasil.

Ainda no capítulo 3, atentamos ao poder inventivo das políticas linguísticas interessadas nos resgates. Acreditamos, contudo, que as preocupações talvez devessem se voltar para o futuro, não esquecendo o passado e a herança histórica dos ancestrais, mas usando esse conhecimento para lançar novos olhares acerca das questões migratórias. É possível, hoje, afirmar que a receita, tão carinhosamente publicada num livro, faz parte de uma herança histórica e que não pode se extinguir porque foi publicada em alemão ou porque faz parte de um projeto que necessita resgatar as línguas, para sobreviver?

Não estaríamos, de fato, EM AÇÃO, se nos preocupássemos em viabilizar, de fato, o ensino dos idiomas co-oficializados nos municípios “resgatados do esquecimento” e preservados na cultura do “para inglês ver”? A legalização de um idioma para fins de ensino não deveria figurar apenas como um discurso sobre uma intervenção política vazia e sem efeito na vida dos membros de uma comunidade. Não é preciso criar uma lei para justificar os usos cotidianos do idioma e, mesmo quando são criadas, elas geralmente não garantem as práticas diárias que envolvem as línguas. Logo, a quem interessa esse tipo de formalização?

Inspiradas na noção de liquidez de Baumann (2001), nos propusemos a avaliar o movimento das políticas de co-oficialização no Brasil a partir dos exemplos discutidos no capítulo 4 desta dissertação. Procurar “preservar” a língua e seus usos através da co-oficialização por si só parece criar pilares de sustentação num meio *liquido* onde as movências definem o fluxo constante das mudanças de uma língua. Até mesmo a definição estrutural de um pilar nos remete a um elemento de verticalização, associado ao sistema laje-viga, sendo esse também o sentido de atuação das suas forças, de cima para baixo. Em vista disso, a função do pilar é a de garantir a estabilidade diante de possíveis deformações que possam ser causadas na estrutura (da língua).

A interação entre as línguas em contextos multilíngues é fluida e heterogênea, própria de uma mistura. Essa mistura, que observamos nos usos do alemão do *Hunsrückisch* e no português em Salvador do Sul, é fruto das práticas linguísticas locais. Ao nos aproximarmos dos exemplos de políticas públicas de co-oficialização no Brasil, percebemos que parecem ancoradas na lógica da construção de forças verticais, que atuam como sua correspondente da construção civil, de

cima para baixo, ou seja, uma atuação *top-down* de implantação das políticas linguísticas.

O contexto fluido de coexistência de línguas não se mostra compatível com as pilastras impostas pelas políticas de co-oficialização em nome de uma dada preservação. Se considerarmos, de fato, um ambiente onde as mudanças na língua e na sociedade operam de forma menos estanques e rígidas, poderemos considerar as consequências de estruturas enrijecidas e sólidas nas suas convicções e ações. Nesse sentido, o nosso movimento é o de não cimentarmos nossa percepção acerca das ações, que de fato preservam a língua. Nessa situação que já se comprovou nos usos do *Hunsrückisch* em Salvador do Sul, os moradores já se organizam de tal modo criando suas próprias formas de sustentar e manter essa língua.

Diante de meios líquidos e mutáveis e, portanto, passíveis de adquirir novas formas, as vigas – ou seja, os discursos de preservação da língua e as ações enrijecidas por políticas públicas, que “pressupõe o lugar plenamente definido [e fixo] do contemplador” (BAKHTIN, 2011, p. 22) – não fornecem segurança diante da movimentação dos usos cotidianos da língua. Afinal, não é a movimentação e a mudança que mata a língua. Aliás, não se mata uma língua, morrem os contextos em que elas existem através de proibições, silenciamentos e imposições. Por conta disso, uma língua não pode ser mantida fora dos contextos das relações pessoais, das práticas comunicativas e do convívio entre as pessoas, afinal é por meio desses contextos que fluem as línguas.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cleo; FREY, Jaqueline. **Das bresilionische Deutsch und die deutsche Bresilioner: en Hunsrückisch Red fo die Sprocherechte**. Contingencia, Porto Alegre, v. 1, p.39-50, nov. 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/contingencia/article/view/3836>>. Último acesso em: 08 fev. 2016.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson et. al. Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. **Revista Contingencia**, Porto Alegre, v. 2, p. 73-87, nov. 2007.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; PRUX, Gustavo Rizzo. **Alma H**. 2016. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/projalma/oqueeh/apresentacao.html>>. Último acesso em: 1 maio 2016.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Propostas de formulários de dados para o Hunsrückisch**. Instituto de Letras, Porto Alegre, p.1-10, 2009. Disponível em: <<https://mail.google.com/mail/u/0/?zx=lnx0byvivy465#inbox/15490b97d05be165?projector=1>>. Último acesso em: 8 mai. 2016.
- ARENDDT, I. C. Representações de Germanidade no jornal Allgemeine Lehrerzeitung für Rio Grande do Sul. **Revista Dimensões**, Vitória, v. 18, p. 104-138, 2006.
- ARRUDA, José Jobson de Andrade. A crise do Antigo Regime: A Santa Aliança e a Independência das Colônias Latino-Americanas. In: _____. **História Moderna e Contemporânea**. 17 ed. São Paulo: Ática, 1984.
- BAKHTIN, Mikhail. . **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010 [1952-53].
- BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 258 p

BIBLIOGRAPHISCHES INSTITUT. **Die Kirchweih**. 2016. Disponível em: <<http://www.duden.de/rechtschreibung/Kirchweih>>. Último acesso em: 22 abr. 2016.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p.68-80, mar. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>>. Último acesso em: 26 abr. 2005.

CAETANO, Méliisa. **Mitos e realidades das línguas**. 2009. Disponível em: <<https://purplem.wordpress.com/>>. Último acesso em: 21 fev. 2015.

DEBORA RIBEIRO SANTOS (Brasil). **Dicionário Online de Português**. 2016. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/sesmaria/>>. Último acesso em: 8 mai. 2016.

DEUTSCHE WELLE. **1918: Fim do império dos Habsburgos**. 2016. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/1918-fim-do-império-dos-habsburgos/a-672182>>. Último acesso em: 5 fev. 2016.

DICKENSCHIED. DE... IM SCHÖNEN HUNNRÜCK. **Chronik unserer Gemeinde**. 2016. Disponível em: <<http://www.dickenschied.de/startseite>>. Último acesso em: 17 fev. 2015.

DIE DEUTSCHEN. Produção de Gruppe 5 Filmproduktion. Realização de ZDF TV. Música: Paul Rabiger e Markus Lonardonni. S.i, 2008. (43 min.), son., color. Série Episódio 7. Disponível em: <<http://www.zdf.de/die-deutschen/die-deutschen-22587148.html>>. Último acesso em: 25 out. 2014.

LEGISLAÇÃO. Leis municipais de cooficialização de línguas brasileiras. In: ENCONTRO NACIONAL DE MUNICÍPIOS PLURILÍNGUES, 1., 2015. Florianópolis. **Anais...** Disponível em: <<http://1enmp2015.blogspot.com.br/p/legislacao-decretos-e.html>>. Último acesso em: 5 mar. 2016.

ENUVO GMBH. **Pesquisa online**. 2016. Disponível em:
<<https://www.onlinepesquisa.com/>>. Último acesso em: 15 mar. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

FRITZEN, M. P.; LUCENA, M. I. P. **O olhar da etnografia em contextos educacionais: interpretando práticas de linguagem**. Blumenau: Edifurb, 2012

HALL, STUART. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006

HELBIG, Gerhard; GRUYTER, Walter de. **Deutsch als Fremdsprache: ein internationales Handbuch**, Parte 2. 2001.

Disponível em:

<[https://books.google.com.br/books?id=iEYm3bwQjZYC&pg=PA1295&lpg=PA1295&dq=Hu+1995,+20,+unter+Bezugnahme+auf+Wierlacher+1980;+vgl.+auch+Art.120\).&source=bl&ots=qP2IE_La4D&sig=Nb43s8hrfg6rLNTB6kx0jwZXyOQ&hl=pt-BR&sa=X&ei=qWkTVey4OYSXNqedhDA&ved=0CCAQ6AEwAA#v=onepage&q=Hu+1995,+20,+unter+Bezugnahme+auf+Wierlacher+1980;+vgl.+auch+Art.120\).&f=false](https://books.google.com.br/books?id=iEYm3bwQjZYC&pg=PA1295&lpg=PA1295&dq=Hu+1995,+20,+unter+Bezugnahme+auf+Wierlacher+1980;+vgl.+auch+Art.120).&source=bl&ots=qP2IE_La4D&sig=Nb43s8hrfg6rLNTB6kx0jwZXyOQ&hl=pt-BR&sa=X&ei=qWkTVey4OYSXNqedhDA&ved=0CCAQ6AEwAA#v=onepage&q=Hu+1995,+20,+unter+Bezugnahme+auf+Wierlacher+1980;+vgl.+auch+Art.120).&f=false)>. Último acesso em: 25 mar. 2015.

HERCULANO ALVES (Portugal) (Ed.). **Bíblia Sagrada: Para o terceiro milênio da encarnação**. 4. ed. Lisboa: Difusora Biblica, 2002. 2141 p.

HOBSBAWM, E. J.; RANGER, T. O. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. (Pensamento crítico, v. 55).

HOBSBAWM, Eric. **A era das revoluções: 1789 - 1848**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012:1. 535 p.

HORST, Aline. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no vale do taquari**. 2014. 232 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

PROJETO HUNSRICK. **Projeto Hunsrik**. 2016. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/ProjetoHunsrik>>. Último acesso em: 1 maio 2016.

HUNSRÜCK-TOURISTIK GMBH. **Hunsrück**. 2016. Disponível em: <<http://www.hunsruecktouristik.de/hunsrueck>>. Último acesso em: 17 fev. 2016.

HUNSCHE, Carlos Henrique. **O ano 1826 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul, província de São Pedro**. Porto Alegre: Metropole, 1977.

INSTITUT FÜR GESCHICHTLICHE LANDESKUNDE AN DER UNIVERSITÄT MAINZ E.V. **Hunsrück**. 2016. Disponível em: <<http://www.regionalgeschichte.net/hunsrueck/hunsrueck.html>>. Último acesso em: 17 fev. 2016.

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE POLÍTICAS LINGUÍSTICAS - IPOL. **Equipe do projeto Receitas da Imigração visita Vale do Itajaí**. 2016. Disponível em: <<http://e-ipol.org/ipol-lanca-o-livro-receitas-da-imigracao/>>. Último acesso em: 23 abr. 2016.

JORNAL FATO NOVO. **Fato Novo**. 2016. Disponível em: <<http://www.fatonovo.com.br/noticias-salvador-do-sul-rs.php>>. Último acesso em: 30 abr. 2016.

KLEIN, Clarina. **Ovo: descobrindo talentos: a gastronomia que une os povos**. Tradução Débora Rinaldi e Vânia Werner. Salvador do Sul: [s.n.], 2015.

KLEIN, Renato. **Histórias do Vale do Caí**. 2016. Disponível em: <<http://historiasvalecai.blogspot.com.br/>>. Último acesso em: 30 abr. 2016.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7letras, 2007. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=pZon0gr6VXAC&pg=PA3&dq=auto+etnografia&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q=auto+etnografia&f=false>. Último acesso em: 16 maio 2015.

KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro-Florianópolis**. Florianópolis: Papa-Livro, 1994. 240p.

KLUG, João. A imigração alemã e a construção de uma identidade teuto-brasileira no sul do Brasil. In: WEHR, Ingrid (ed.) **Un Continente en movimiento: migraciones en América Latina**. Barcelona/Frankfurt: Iberoamericana/Verwuert, 2006.

LERMEN, Alaíde M. Groth; SPECHT, Suzumary. **Kappesberg unser Heimatland**. Novo Hamburgo: D&A Editora e Gráfica Ltda, 1999.

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. **Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil**. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1998.

MAKONI, S.; MEINHOF, U. Linguística Aplicada na África: Desconstruindo a Noção de Língua. In: MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Editora Parábola, 2006.

MAKONI, Sinfree. **Romanticizing differences and managing diversities: a perspective on harmonization, language policy, and planning**. 2015. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s10993-015-9375-x>>. Último acesso em: 8 maio 2016.

MALTZAHN, Paulo César. **A construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul (década de 1980 até os dias atuais)**. 2011. 335 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Cap. 4. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/74785/browse?value=Maltzahn,+Paulo+César&type=author>>. Último acesso em: 15 jan. 2016.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. 2004, 330 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MONIKA FUHR (Mainz). **Herzlich Willkommen in Rheinland-Pfalz**. 2016. Disponível em: <<https://www.rlp.de/de/unser-land/tourismus/>>. Último acesso em: 17 fev. 2016.

ORO, Ari Pedro. Religiões Afro-brasileiras no Rio Grande do Sul: passado e presente. **Estudos Afro-asiáticos**, Rio de Janeiro, ano 24, n. 2, p. 347-366, 2002.

PUPP SPINASSÉ, K. O Hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 9, p. 117-126, 2008.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Política linguística: do que é que se trata afinal?** In: NICOLAIDES, Christine; SILVA, Kleber Aparecido da; TILIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf (Orgs). *Política e Políticas Linguísticas*. Campinas-SP: Pontes/ALAB, 2013.

RAMBO, Pio (Org.). **Uma escrita para a língua Hunsrickisch**: qual o melhor caminho? 2011. Disponível em: <http://hunsrickisch.blogspot.com.br/2011/05/uma-escrita-para-lingua-hunsrickisch.html#.Vwrsf_krLIV>. Último acesso em: 10 abr. 2015.

RECLAM, Philipp (Org.). **Des Deutschen Vaterland**. 1913. Disponível em: <<http://gutenberg.spiegel.de/buch/gedichte-2227/58>>. Acesso em: 05 jan. 2016.

RELATÓRIO DE GESTÃO: 2013/2014. Salvador do Sul: Argenick Comunicação, v. 1, 2013. Anual.

RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DO TURISMO. **Vale do Caí**. Disponível em: <<http://www2.turismo.rs.gov.br/portal/index.php?q=destino&cod=2&mi reg=21&fg=2>>. Último acesso em: 3 fev. 2015.

RIVERO, C. M. L. **A Etnometodologia na pesquisa qualitativa em educação: caminhos para uma síntese.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2., 2004, Bauru. Anais eletrônicos... Bauru, SP: Universidade do Sagrado Coração, Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos, 2004. Disponível em: < <http://www.sepq.org.br/livros.htm>>. Acesso em: 06/03/2016.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Globo, 1969.

ROSA, Gabriel. Moradores de Biguaçu e Antônio Carlos conservam idioma trazido por alemães. **Diário Catarinense.** Florianópolis, ago. 2013. Disponível em: <<http://osoldiario.clicrbs.com.br/sc/cidades/noticia/2013/08/moradores-de-biguaçu-e-antonio-carlos-conservam-idioma-trazido-por-alemaes-4236626.html>>. Último acesso em: 1 maio 2016.

SALVADOR DO SUL. PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR DO SUL. **Dados Gerais.** 2016. Disponível em: <http://www.salvadordosul.rs.gov.br/site/dados_gerais.php?pag=historia>. Último acesso em: 18 abr. 2015.

SCHETZ, Dayanne. O passado se faz presente: (re)significações de identidades e memórias em Antônio Carlos/SC (1980 - 2013). In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 2., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/tempopresente/schedConf/presentations,>>. Último acesso em: 1 maio 2015.

SEVERO, Cristine Görski. **Por uma perspectiva social dialógica da linguagem:** repensando a noção indivíduo. 2007. 255 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

_____. Políticas Linguísticas e questões de poder. **Alfa**, São Paulo, n. 57, v. 2, p. 451-473, 2013.

SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: Ulbra, 1994.p. 11-27.

_____. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico**. Porto Alegre: Movimento, 1974. (Documentos brasileiros v.5).

_____. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado Brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 9, n. 26, 1994a. Disponível em:<http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm>. Último acesso em: 12 mar. 2016.

ŠIŽEK, Slavoj. **ŽIŽEK: não podemos abordar a crise dos refugiados sem enfrentar o capitalismo global**. 2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/09/18/zizek-nao-podemos-abordar-a-crise-dos-refugiados-sem-enfrentar-o-capitalismo-global-os-refugiados-nao-chegarao-a-noruega-tao-pouco-a-noruega-que-eles-procuram-existe/?blogsub=confirming#blog_subscription-3>. Último acesso em: 8 maio 2016.

STEINER, Rudolf. **Aforismos**. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/portal/aforismos/46-desenvolvimento-social>>. Último acesso em: 8 maio 2016.

VERBAND DEUTSCHER VEREINE (ed.). **Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul, 1824-1924**. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1924. p. 136-144. [em português: AMSTAD, Theodor (Org.). Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul, 1824-1924. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.].

WIESEMANN, Úrsula. **Contribuição ao desenvolvimento de uma ortografia da língua *Hunsrik* falada na América do Sul**. Cuiabá: SIL Brazil, 2008.

WILLEMS, Emilio. **A aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1946. (Brasiliana, v. 250).

ANEXO A: Questionário para coleta de dados

1. N^o da Entrevista: ____ Área/Ponto: ____ Município: _____ Data: __/__/____
 Parâmetros da entrevista: _____

2. Dados dos entrevistados:

participantes	nome	idade	escolaridade	profissão	etnia	
					do pai	da mãe
participante 1						
participante 2						
participante 3						
participante 4						
participante 5						

3. Outras informações sobre a entrevista (local, horário etc.): _____

PARTE 2 – Bilingüismo dos participantes da entrevista e da comunidade

a) Aspectos históricos e bilingüismo dos entrevistados

1. Fale(m) um pouco sobre os seus antepassados? De onde eles vieram? Como era a vida no começo da colonização? _____

2. Que língua(s) costumam falar na família? (quando? Quanto?). Se falam italiano, qual o tipo? _____
3. Quanto ao italiano, qual é o grau de bilingüismo dos entrevistados?
 (+ = muito/bem; +- = às vezes/razoável; - pouco/mal)

	fala	entende	lê	escreve	canta	Imita	blasfê ma	xíngua	reza	faz conta	sonha
Informante 1											
Informante 2											
Informante 3											
Informante 4											
Informante 5											

4. Como aprendeu português?

	família	escola	quartel	trabalho	contato	outros
Participante 1						
Participante 2						
Participante 3						
Participante 4						
Participante 5						

5. Com quem você fala italiano?

	avós	pais	irmãos	parentes	vizinhos	amigos	outros
Participante 1							
Participante 2							
Participante 3							
Participante 4							
Participante 5							

6. Em que locais e situações você fala italiano?

	Em casa	no trabalho	na igreja	nas festas	na rua	em reuniões	outros
Participante 1							
Participante 2							
Participante 3							
Participante 4							
Participante 5							

b) Bilingüismo na comunidade

7. Todas as pessoas daqui falam italiano? Quem? (sugerir após resposta espontânea)

	avô	avó	pai	mãe	irmãos	tios	primos	amigos	vizinhos	professores	religiosos	outros
Participante 1												
Participante 2												
Participante 3												
Participante 4												
Participante 5												

8. Quando vem visita, que língua você(s) usa(m)? (Como é se a visita fala/falasse só português, ou só italiano?) Tem diferença o italiano que os outros falam? _____

9. Que língua(s) é(são) faladas na comunidade? Que outros nomes são atribuídos a essa(s) língua(s) _____

10. Qual é o dialeto italiano mais comum aqui? _____

11. Como avalia o italiano em termos de tipo de língua falada no lugar?

	legal	grosseira	bonita	feia	errada	engraçada	Outros
Participante 1							
Participante 2							
Participante 3							
Participante 4							
Participante 5							

Por quê? _____

c) Ensino de italiano

12. Você(s) sente(m) vontade de estudar italiano? sim não Por quê? _____

13. E, na sua opinião, o italiano deveria ser ensinado nas escolas? sim não Por quê? _____

14. E qual o italiano você acha que deveria ser ensinado?

dialeto falado na região

dialeto padrão / gramatical

Por quê? _____

d) Manutenção e mortandade do italiano

15. Você(s) faz(em) questão de passar o italiano para os seus filhos? sim não Por quê? _____

16. Os pais de você(s) fizeram questão de passar o italiano para os filhos?

sim não Por quê? _____

ANEXO B: Pesquisa online

As línguas faladas em Salvador do Sul

Página 1

Seja bem-vindo!

Por favor, leia atentamente as instruções antes de continuar.

O objetivo dessa pesquisa é reconhecer as línguas faladas em Salvador do Sul e a denominação dada a elas por seus usuários.

O questionário tem 08 questões, algumas de múltipla escolha. Todas as questões marcadas com um asterisco (*) exigem uma resposta para que possa avançar no questionário.

No final do questionário, faremos algumas perguntas para que possamos traçar o seu perfil.

Esta pesquisa é pública e totalmente anônima, ou seja, sua participação é voluntária e sua identidade não será divulgada.

Obrigada por dedicar parte do seu tempo para responder este questionário !

Página 2

Quais línguas você compreende ? *

Página 3

Há outros nomes para essa(s) língua(s) no seu município? Se sim, qual? *

Página 4

Onde você costuma usar essa língua? *

com a família

no trabalho

na escola

na igreja

outros

Página 5

Você fala alguma dessas línguas? *

Pomerano

Hunsrückisch

Platt

Deitsch

Outros

Página 6

Agora, gostaríamos de saber um pouco mais sobre você.

Gostaríamos de lembrar que esta pesquisa é pública e totalmente anônima, ou seja, sua participação é voluntária e sua identidade não será divulgada.

Página 7

Onde você nasceu? *

Página 8

Qual a sua idade? *

10 a 14 anos

15 a 19 anos

20 a 24 anos

25 a 29 anos

30 a 34 anos

35 a 39 anos

40 a 44 anos

45 a 49 anos

50 a 54 anos

55 a 59 anos

60 a 64 anos

65 a 69 anos

acima de 70 anos

Página 9

Qual a sua profissão? *

Página 10

Qual a sua escolaridade? *

Ensino fundamental (1º Grau) completo

Ensino fundamental (1º Grau) incompleto

Ensino médio (2º Grau) completo

Ensino médio (2º Grau) incompleto

Ensino superior (3º Grau) completo

Ensino superior (3º Grau) incompleto

ANEXO C: Lei de co-oficialização do alemão em Pomerode

LEI Nº 2251, DE 1º DE SETEMBRO DE 2010

INSTITUI A LINGUA ALEMÃ COMO IDIOMA COMPLEMENTAR E SECUNDÁRIO NO MUNICÍPIO.

PAULO MAURICIO PIZZOLATTI, Prefeito Municipal de Pomerode; Faço saber a todos os habitantes deste Município, que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º- Fica instituída a língua alemã como o idioma secundário e complementar no Município de Pomerode, inteiramente respeitada a língua portuguesa, como a língua oficial do Brasil.

Art. 2º- A Administração Municipal observará as seguintes questões em razão da instituição da língua alemã como co-oficial secundária:

I - oferecer atendimento ao público na língua alemã em especial para as pessoas que não tiverem o domínio da língua portuguesa;

II - estimular o aprendizado da língua alemã nas escolas da rede municipal, bem como a sua utilização especialmente no atendimento aos turistas;

III - adotar a língua alemã nas placas de sinalização do trânsito e nas indicativas de rotas aos bairros e cidades vizinhas, bem como dos logradouros públicos.

Art. 3º- O uso da língua alemã nos termos da presente lei não poderá ensejar qualquer forma ou motivo de discriminação, tendo por finalidade única, preservar a cultura e a tradição alemã, herdada dos colonizadores alemães.

Art. 4º- As pessoas jurídicas estabelecidas no Município poderão aplicar a presente lei, de acordo com seus interesses, para atendimento a seus clientes, inclusive em materiais publicitários.

Art. 5º- Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Pomerode, 1º de setembro de 2010.

PAULO MAURÍCIO PIZZOLATTI
Prefeito Municipal

GENRADO RIEMER
Secretário de Administração e Fazenda

ANEXO D: Decreto de Santa Maria do Herval**DECRETO Nº 005/2009**

“DISPÕE SOBRE A COMUNICAÇÃO EM HUNSRIK NAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO EM SANTA MARIA DO HERVAL”

RODRIGO FRITZEN, Prefeito Municipal de Santa Maria do Herval, RS, no uso de suas atribuições legais, conferidas pela Lei Orgânica Municipal Vigente; e

CONSIDERANDO as Orientações Didáticas do PCN Vol. 10, 2001, Pluralidade Cultural, página 95, que orienta que se organizem projetos didáticos que cabe às equipes técnicas e aos educadores priorizar e acrescentar conteúdos segundo sua realidade particular, propiciando um ambiente acolhedor que inclua a possibilidade do aluno trazer à sala de aula seu próprio repertório linguístico e cultural, permitindo a integração entre o vivido e o aprendido;

CONSIDERANDO o disposto na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos de Barcelona, com patrocínio da UNESCO, mormente em seus artigos 23 a 30 e 41 a 46;

DECRETA

Art. 1º - Autoriza a comunicação em língua Hunsrik, nas Escolas da Rede Municipal de Ensino, até a 4ª Série do Ensino Fundamental, em até 50% (cinquenta por cento) de tempo, de acordo com o Projeto Pedagógico a ser implantado.

Art. 2º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE SANTA MARIA DO HERVAL, RS, 05 DE FEVEREIRO DE 2009.

NAIR HAUBERT SCHNEIDER,
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO

RODRIGO FRITZEN,
PREFEITO MUNICIPAL.

REGISTRE-SE E
PUBLIQUE-SE

ANEXO E: Release do Projeto Hunsrik

Release PROJETO HUNSRİK/PLAT TATX

A Língua Hunsrik/Plat Taytx era um dialeto germânico, mas que, a partir de nosso projeto foi codificada (criadas regras de escrita) e registrada pelo Ethnologue - órgão da Unesco que cataloga as línguas, em dezembro/2007 como uma língua da América Latina, sob o registro HRX.

Pretendemos que **a língua comece sua caminhada acadêmica e didático-pedagógica**. Existem várias publicações de livros com contos populares, colunas em jornais, coletâneas de colunas, mas cada autor escrevia à sua maneira, algumas palavras com as regras do alemão gramatical e outras “aportuguesadas”.

Através da criação de regras para a escrita dessa língua pela Professora Dra. Úrsula Wiesemann, do Sil Internacional, pós-doutorada em Lingüística e pós-doutorada em Fonética, codificadora de mais de 100 (cem) línguas do planeta, o objetivo do projeto é **unificar a escrita da 2ª língua mais falada no Brasil**, depois do português (língua majoritária), bem como introduzir a língua em escolas para crianças até o 5º ano, em municípios em que haja falantes e que tenham interesse em manter viva essa língua, que para muitos é a LÍNGUA-MÃE.

Assim, para o fortalecimento e manutenção de nossa língua, acreditamos que a contribuição do Projeto Hunsrik seja decisiva para o estabelecimento de uma forma de escrita que dará identidade própria à Língua falada em muitos dos países da América Latina.

Solange Maria Hamester Johann
Responsável Projeto Hunsrik/Plat Taytx

ANEXO F: Lei de co-oficialização do Hunsrückisch em Antônio Carlos, versão reduzida



ESTADO DE SANTA CATARINA
CÂMARA MUNICIPAL DE ANTÔNIO CARLOS
 Rua Saul Antônio Scherer-07 sala 06, Centro- Fone/Fax: (48) 3272-1613
 CEP: 88180-000 www.cmac.sc.gov.br

PROJETO LEGISLATIVO 132/2010

“Dispõe sobre a co-oficialização da língua Hunsrückisch no Município de Antônio Carlos e a inclusão da disciplina de estudo da Língua no currículo escolar nas escolas da rede municipal de ensino”.

EDSON LAIR DECKER, Presidente da Câmara Municipal de Antônio Carlos, no uso de suas atribuições legais, faz saber a todos os habitantes deste Município, que a Câmara Municipal aprovou a seguinte Lei:

Art. 1º A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil.

Parágrafo Único – Fica instituído o Hunsrückisch como língua co-oficial no Município de Antônio Carlos.

Art. 2º O *status* de língua co-oficial estabelecido por esta lei, obriga o Poder Público Municipal a incentivar e apoiar o aprendizado e o uso da língua nas escolas da rede pública municipal.

§ 1º *Fica o poder executivo municipal responsável pela criação e estruturação da disciplina de Língua Hunsrückisch no currículo escolar da Rede Municipal de Ensino, na forma admitida pelos Art.26 e 28 da Lei Federal 9394/96 – Lei das Diretrizes e Bases da Educação.*

§ 2º *O ensino da Língua Hunsrückisch nas escolas de Ensino Fundamental e Médio que integram a Rede Estadual de Ensino, que se localizam no município de Antônio Carlos, é facultativo e poderá ser realizado através de convênio entre o Município e o Estado.*

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, ficando o poder Executivo Municipal responsável pela regulamentação desta lei e elaboração de leis complementares que porventura sejam necessárias.

Art. 4º Ficam revogadas as disposições em contrário.

Antônio Carlos, 09 de fevereiro de 2010.


Altamiro Antônio Kretzer
 Vereador